

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIA DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS PELO TURISMO. ESTUDO DO
PARQUE TANGUÁ, CURITIBA/PR**

CURITIBA
2009

SÍLVIA TAÍS BETAT

**APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS PELO TURISMO. ESTUDO DO
PARQUE TANGUÁ, CURITIBA/PR**

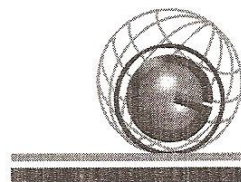
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos A. T. da Silveira.

CURITIBA

2009

**MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
– MESTRADO E DOUTORADO**



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pela candidata **Silvia Taís Betat**, intitulada: “Apropriação dos Espaços Urbanos pelo Turismo. Estudo do Parque Tanguá – Curitiba - Pr”, para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação.

Curitiba, 16 de março de 2009.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcos Aurélio T. da Silveira (orientador)



Prof. Dr. Miguel Bahl - UFPR



Prof. Dr. Eduardo Yazigi - USP



Dedico este trabalho a todos que sempre confiaram em mim e me ampararam, especialmente aos meus pais Nilo (*in memoriam*) e Yolanda.

AGRADECIMENTOS

Seria difícil agradecer nominalmente a cada um que contribuiu para a viabilização deste trabalho. Assim, agradeço a todos que, de algum modo, colaboraram para esta realização.

Agradeço aos que, com seu trabalho e dedicação, mantêm e aprimoram o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná e permitem, assim, a oportunidade de qualificação e crescimento para os discentes do programa.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia pelo acolhimento e valorização das diferenças, em um exemplo de interdisciplinaridade e somatório de abordagens que somente agrega ao conhecimento científico.

À Angela Porcote, do CTUR, pela disponibilização do seu acervo pessoal; a Sergio Luiz de Oliveira, da URBS, pelas estatísticas exclusivas para este trabalho; a Laudelinda Ribeiro Chaves, pelas fotos antigas e descrição correspondente; ao engenheiro civil Reinaldo Pilotto, da SMMA, pelos esclarecimentos e informações sobre a implantação do parque; ao arquiteto Rodolfo Doubek Filho, autor do Jardim Poty Lazzarotto, pelos esclarecimentos e disponibilização dos projetos originais.

Às professoras Cicilian Löwen Sahr e Gislene Santos pela participação na banca de qualificação e contribuições indispensáveis a conclusão deste trabalho.

Ao meu orientador, prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, pela orientação constante, disponibilidade e confiança em mim depositada.

Agradeço ao Humberto, por existir na minha vida e estar ao meu lado todo o tempo.

“Muito obrigado” é pouco para expressar o quanto me sinto grata, mas na falta de outras palavras, muito obrigada!

RESUMO

O Parque Tanguá foi inaugurado em 1996, no auge da criação de parques públicos em Curitiba, tornando-se um atrativo bastante procurado por moradores da cidade e por turistas. Seu caráter turístico aparece como um fator fundamental para as transformações que desencadeou no entorno, especialmente junto à entrada principal, nas ruas Oswaldo Maciel e Eugênio Flor, com o estabelecimento progressivo de uma nova centralidade no bairro. Empreendimentos imobiliários criados no entorno do parque introduziram novos padrões arquitetônicos e, também, levaram novos moradores para a área. Os antigos moradores do bairro passaram a conviver com o fluxo de turistas e visitantes, bem como o movimento dos novos moradores. Analisado do ponto de vista da produção do espaço, o estudo englobou os aspectos da apropriação e da dominação. As ações do poder público e da iniciativa privada, que configuram o âmbito da dominação, são confrontadas com os modos de uso do parque e sua relação com o bairro, a partir da noção de lugar estabelecida pelos moradores. Ao contrário das críticas quanto ao caráter predominantemente mercadológico das políticas voltadas a implementação do turismo nas cidades, a pesquisa revelou, no plano vivido, que os investimentos e infra-estruturas decorrentes de ações para o incremento do turismo foram considerados positivos pelos moradores. Mesmo não havendo unanimidade sobre o uso do parque e relações de pertencimento com ele estabelecidas, os moradores são unânimes quanto aos benefícios – diretos e indiretos – desencadeados pela sua implantação.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Tanguá; apropriação; turismo; planejamento urbano.

ABSTRACT

The Tanguá Park was inaugurated in 1996, in the height of the creation of public parks in Curitiba, becoming an attractive sufficiently looked by inhabitants of the city and tourist. Its tourist character appears as a basic factor for the transformations that unchained in the environment, especially near the main entrance, in the streets Oswaldo Maciel and Eugênio Flor, with the gradual establishment of a new centrality in the neighborhood. Real estate enterprises created in the region of the park introduced new architectural standards and, also, brought new residents to the area. Former residents of the neighborhood came to live with the flow of tourists and visitors, as well as the movement of new residents. Analyzed in terms of production of space, the study included the aspects of the appropriation and the domination. The public and private actions, that configure the scope of the domination, are collated with the ways of use of the park and its relationship with the neighborhood, from the notion of place established by the residents. Unlike the criticism of the character predominantly marketing policies directed to the implementation of tourism in cities, the survey disclosed, in the lived plan, that investment and infrastructure resulting from actions to increase the tourism were considered positive by the residents. Although no unanimity on the use of the park and relations of belonging with it established, the inhabitants are unanimous about the benefits - direct and indirect - unchained by its implantation.

KEY-WORDS: Parque Tanguá; appropriation; tourism; urban planning.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	13
INTRODUÇÃO	12
1. ESPAÇO URBANO E TURISMO: BASES TEÓRICAS	18
1.1. Espaço Urbano.....	18
1.2. Turismo e Turismo Urbano.....	22
1.3. Espaço Urbano Turístico	26
1.4. Lugar	28
2. PARQUE TANGUÁ – HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS.....	31
3. PARQUE TANGUÁ E DOMINAÇÃO: AÇÕES DO PODER PÚBLICO E INICIATIVA PRIVADA	49
3.1. Produção de Parques e Bosques em Curitiba.....	51
3.2. Parque Tanguá e Valorização Imobiliária	54
3.3. Parque Tanguá e Arquitetura	63
3.4. Parque Tanguá e a Linha Turismo	73
3.5. Parque Tanguá e Imagem Urbana	87
4. PARQUE TANGUÁ E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO.....	100
4.1. O Parque.....	105
4.2. A Rua e o Bairro.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXO A	141
ANEXO B	143
ANEXO C	144
ANEXO D	147

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 01 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE TANGUÁ.....	32
MAPA 02 – PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO PARQUE TANGUÁ	33
MAPA 03 – ZONEAMENTO DO PARQUE TANGUÁ.....	41
FOTO 01 – FOTO AÉREA DO PARQUE TANGUÁ	34
FOTO 02 – RUA LORY LUNARDON 1	44
FOTO 03 – RUA LORY LUNARDON 3	44
FOTO 04 – RUA LORY LUNARDON 2	44
FOTO 05 – RUA LORY LUNARDON 4	44
FOTO 06 – PATIO DA CAVO.....	44
FOTO 07 – ESTACIONAMENTO.....	44
FOTO 08 – PATIO DA CAVO 2.....	44
FOTO 09 – ESTACIONAMENTO 2.....	44
FOTO 10 – ABERTURA DO TÚNEL.....	45
FOTO 11 – TÚNEL PRONTO E LAGO	45
FOTO 12 – ABERTURA DO TUNEL 2.....	45
FOTO 14 – PATIO DA CAVO E BARRACÃO	45
FOTO 15 – ADMINISTRAÇÃO.....	45
FOTO 16 – LAGO SEM MIRANTE.....	45
FOTO 17 – LAGO COM MIRANTE	45
FOTO 18 – VISTA DO ESTACIONAMENTO	46
FOTO 19 – VISTA DO ESTACIONAMENTO 2	46
FOTO 20 – VISTA ESPELHO D’AGUA.....	46
FOTO 21 – VISTA ESPELHO D’AGUA 2.....	46
FOTO 22 – MIRANTE E ENTORNO	46
FOTO 23 – MIRANTE E ENTORNO 2	46
FOTO 24 – RUA LORY LUNARDON 5	46
FOTO 25 – RUA LORY LUNARDON 6	46
FOTO 26 – RESIDÊNCIA TRADICIONAL.....	59
FOTO 27 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS 2.....	59
FOTO 28 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS.....	59

FOTO 29 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS 3.....	59
FOTO 30 – SOBRADOS	59
FOTO 31 – BLOCOS RESIDENCIAIS	59
FOTO 32 – SOBRADOS 2	60
FOTO 33 – SOBRADOS 5	60
FOTO 34 – SOBRADOS 3	60
FOTO 35 – RESIDÊNCIA.....	60
FOTO 36 – SOBRADOS 4	60
FOTO 37 – COMÉRCIO.....	60
FOTO 38 – VISTA FRONTAL DO BELVEDERE.....	70
FOTO 39 – PEDREIRA E BELVEDERE	70
FOTO 40 – VISTA DO LAGO E <i>DECK</i>	70
FOTO 41– BELVEDERE VISTO DO MIRANTE	70
FOTO 42 – CHURRASQUEIRA	70
FOTO 43 – PÓRTICO SUPERIOR	70
FOTO 44 – ESPELHO D’AGUA E BELVEDERE	71
FOTO 45 – NÍVEIS DO BELVEDERE 2.....	71
FOTO 46 – NÍVEIS DO BELVEDERE 1	71
FOTO 47 – ESCADARIA DE ACESSO.....	71
FOTO 48 – ACESSO EM NÍVEL.....	71
FOTO 49 – EDIFICAÇÕES ADMINISTRAÇÃO	71
FOTO 50 – TÓTEM.....	72
FOTO 51 – TÓTEM 2.....	72
FOTO 52 – TÓTEM 3.....	72
FOTO 53 – LUMINÁRIA	72
FOTO 54 – LUMINÁRIA 2	72
FOTO 55 – LUMINÁRIA 3	72
FOTO 56 – SINALIZAÇÃO.....	72
FOTO 57 – SINALIZAÇÃO 2.....	72
FOTO 58 – SINALIZAÇÃO 3.....	72
FOTO 59 – PÓRTICO	126
FOTO 60 – LOJA	126

FIGURA 1 – CROQUI DO PARQUE TANGUÁ	37
FIGURA 2 – MAPA INTEGRANTE DO <i>FOLDER</i> DA LINHA PRÓ PARQUE.....	76
FIGURA 3 – FRETE E VERSO CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DA LINHA VOLTA AO MUNDO	79
FIGURA 4 – PONTOS DA LINHA TURISMO.....	85
FIGURA05 – CAPA DO <i>FOLDER</i> DA LINHA TURISMO COM ÔNIBUS TIPO JARDINEIRA	86
FIGURA 6 – CAPA DO <i>FOLDER</i> DA LINHA TURISMO COM ÔNIBUS <i>DOUBLE- DECKER</i>	87
FIGURA 7 – <i>FOLDER</i> TURÍSTICO DO GOVERNO DO ESTADO.....	97
FIGURA 8 – <i>HOME PAGE</i> DA PMC COM IMAGEM DO PARQUE TANGUÁ	99
FIGURA 9 – PARQUE E CONFIGURAÇÃO DO ENTORNO	117
GRAFICO 01 – EMBARQUES NA LINHA TURISMO – 1994 A 2008.....	80

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – HISTÓRICO DE PARQUES E BOSQUES	53
QUADRO 2 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2000.	73
QUADRO 3 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2001.	74
QUADRO 4 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2003.	74
QUADRO 5 – PONTOS DA LINHA TURISMO MAIS VISITADOS EM 23 E 24/01/99	82
QUADRO 6 – EMBARQUES NA LINHA TURISMO E PARQUE TANGUÁ DE 19 A 21/12/08	83
QUADRO 7 - IMAGEM DA CIDADE PARA RESIDENTES, TURISTAS E EXCURSIONISTAS- 2007.....	89
QUADRO 8 – IMAGEM DA CIDADE PARA TURISTAS, EM 2001, 2003 E 2005.	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

CTUR – Instituto Municipal de Turismo

FUPEF – Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

MON – Museu Oscar Niemeyer

OMT – Organização Mundial de Turismo

PMC – Prefeitura Municipal de Curitiba

PROSAM - Programa de Saneamento Ambiental da Região Metropolitana de Curitiba

SESC - Serviço Social do Comércio

SETU – Secretaria de Estado do Turismo

SMMA – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNILIVRE – Universidade Livre do Meio Ambiente

URBS – Urbanização de Curitiba S/A

ZR-2 – Zona Residencial Dois

INTRODUÇÃO

Os parques de Curitiba são representativos da imagem urbana associada à qualidade de vida da população e ao planejamento urbano sustentável/ecológico, elementos importantes na imagem turística da cidade.

Inaugurado no auge da intensa criação de parques que se deu em Curitiba na década de 1990, o Parque Tanguá foi o último parque criado neste período em que os holofotes do país estavam voltados para a capital paranaense como exemplo de cidade planejada, moderna, ecológica e bem-sucedida. O Parque Tanguá foi inaugurado em duas etapas, em 1996 e 1998, no local onde havia antigas pedreiras desativadas e que estava destinado a tornar-se depósito de lixo, em bairro afastado do centro e com moradores antigos. A princípio, apenas pedreiras desativadas, em 2005 e 2006, em pesquisa realizada por esta autora (BETAT, 2006) com moradores e turistas da cidade de Curitiba sobre os símbolos da cidade, o Parque Tanguá apareceu como o terceiro símbolo mais citado pelos turistas. Mais do que a trajetória que vem transformando o que antes eram pedreiras em importante referência da cidade, importa para esta pesquisa o uso deste espaço para o lazer e o turismo e os resultados desta transformação no âmbito do planejamento urbano, como elemento desencadeador de mudanças no cotidiano do entorno. Enfim, que alterações a implantação do parque e seu caráter “turístico” promoveram no entorno? O parque, de fato, atende aos turistas e aos moradores ou é apenas um lugar de contemplação e consumo imediato do espaço?

Os parques urbanos apresentam muitos benefícios à cidade e ao entorno, como a preservação dos fundos de vale, a drenagem urbana, a amenização da temperatura, a preservação de espécies vegetais nativas, preservação da fauna, valorização econômica do solo no entorno, evitam conurbação quando implantados nos limites entre municípios, permitem o convívio com a natureza e paisagem agradável, além das possibilidades de lazer e desenvolvimento do turismo. No Parque Tanguá são identificados todos estes benefícios, em maior ou menor grau, entretanto, o parque possui vários elementos que evidenciam sua ênfase ao turismo: arquitetura, presença de bistrô e loja de *souvenirs*, posto da guarda municipal com equipe treinada para o atendimento e informações turísticas e parada de ônibus da Linha Turismo – circuito urbano com ônibus especiais, panorâmicos, que passam em

determinados pontos turísticos da cidade. Isto acrescido da divulgação da imagem do parque na capa do *folder* da Linha Turismo e outros panfletos de promoção urbana para o turismo, como um símbolo da cidade. O Parque Tanguá está inserido em um conjunto de atrativos turísticos em que os parques têm papel de destaque na divulgação da cidade para o país e o mundo, tanto como para os próprios curitibanos. De acordo com Silveira (1998), ações do poder público local e iniciativa privada para incrementar o turismo vêm sendo colocadas em prática a partir do início dos anos 1990, onde dois modos de atuação são destacados: pelo *city marketing* ou Marketing do Lugar, e pela implementação de vários projetos de incremento ao turismo.

Em um contexto de intensa competição entre as cidades, a construção de uma imagem positiva que promova a cidade pela sua singularidade, passa pela atuação dos governos na criação de discursos e implantação de benfeitorias, e atuação da mídia na difusão e consolidação da imagem. Estudos já realizados sobre a cidade de Curitiba apontam a origem da promoção urbana com base no planejamento, a partir dos anos 1960, como estratégia para atração de investimentos industriais e criação de um cenário favorável aos interesses das elites econômicas, afins aos interesses do poder público municipal. Entretanto, nos anos 1990, a imagem de cidade planejada incorpora facetas coerentes com os valores sociais da época, como ecologicamente correta, sustentável, socialmente justa entre outras. É ainda nesta década que a intensa produção de parques e monumentos étnicos, associada à criação dos circuitos urbanos percorridos por ônibus especiais, ligando pontos turísticos da cidade,

O excesso de ênfase em nível comunicacional e políticas incentivadoras do turismo, quando centradas principalmente nos possíveis investimentos e retorno econômico, pode organizar e privilegiar o espaço em função do turismo, muitas vezes em detrimento das necessidades da população local. Assim, o turismo, como fenômeno capaz de produzir resultados econômicos, sociais, culturais e políticos, atrai cada vez mais o interesse das políticas públicas para o seu desenvolvimento como catalisador de recursos para as cidades e regiões. A partir da percepção, pelos governos, das oportunidades inerentes ao desenvolvimento do turismo nas cidades, políticas públicas são implementadas para atrair novas demandas e investimentos em infra-estrutura. Yázigi (1999) destaca a importância de se produzir um espaço que inicialmente seja bom ao morador, atenda às suas necessidades, para que,

conseqüentemente, atenda ao turista. Nestes casos, o turismo se desenvolve como conseqüência.

Com a implantação de um parque, com caráter turístico, atrativo de grandes fluxos de visitantes, houve várias modificações físicas e sociais no entorno, especialmente no Bairro Taboão, onde está localizada a entrada principal do parque e o ponto da Linha Turismo. As mudanças mais visíveis para quem visita o parque são de caráter estético: o entorno mudou. Conjuntos de sobrados, condomínios horizontais, um conjunto de prédios “modernos”, um centro comercial com tratamento formal e padronização visual, vias asfaltadas – ao menos no trajeto até a entrada principal do parque – configuram uma nova centralidade ao bairro, associada à implantação do parque. Mas a vida que se desenvolvia neste miolo assume novos ritmos, que não são apreendidos no primeiro olhar ou contato, e que alteram o cotidiano a partir da introdução de novas atividades e da chegada de novos moradores. Neste contexto, a apreensão dos impactos que a implantação do parque e suas repercussões desencadearam no bairro e, mais especificamente, no sentido de lugar para os moradores é aspecto fundamental da pesquisa. O estudo das ações de planejamento, das intenções políticas e econômicas na produção do espaço só se completa com o estudo dos efeitos no âmbito da vida cotidiana, dos benefícios para as pessoas.

O estudo do Parque Tanguá contribuiu uma melhor compreensão das modificações desencadeadas pelo turismo, no âmbito da produção, reprodução e apropriação dos espaços urbanos, visto como um fragmento de um modelo de criação de parques e turistificação dos espaços urbanos pelo poder público de Curitiba. O intuito deste trabalho não é generalizar o processo do Parque Tanguá para todos os parques ou mesmo espaços urbanos utilizados pelo turismo, pois incorreria em simplificação banalizadora da produção espacial. No entanto, em função dos elementos significativos do Parque Tanguá e dos aspectos similares a outros parques de Curitiba, o estudo permitirá melhor compreensão do processo na cidade como um todo. Para tanto, procurou-se responder “aos interesses e necessidades de quem o Parque Tanguá atende: apenas turistas ou também aos moradores e visitantes” e assim, “como o Parque Tanguá se relaciona com o cotidiano do bairro, o sentido de lugar para os moradores do Bairro Taboão”.

Para a consecução do objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os usos do Parque Tanguá.
- Avaliar os impactos da criação do parque no entorno próximo, a partir das modificações no cotidiano dos moradores.
- Demonstrar, com base na estrutura e elementos arquitetônicos do parque, a ênfase na imagem e no turismo.
- Reconstituir o processo de implantação do parque e a articulação entre o poder público e a iniciativa privada.
- Entender as relações dos moradores do entorno com o caráter turístico do parque, no cotidiano, em oposição ao espaço vivenciado pelos turistas.
- Contribuir, com subsídios, para a compreensão dos desdobramentos do desenvolvimento do turismo no espaço urbano nas escalas global (no âmbito da metrópole) e local (no âmbito do bairro).

Para análise da produção do espaço urbano é utilizado o enfoque de Ana Fani Alessandri Carlos (2001) em seu trabalho sobre a capital paulista, em que propõe três níveis de análise para a produção do espaço urbano, momentos diferentes da reprodução geral da sociedade: o nível da dominação política, por meio de ações do poder público sobre o espaço urbano; o nível da acumulação do capital, por meio da reprodução de mercadorias, “da atividade produtiva (bens materiais e imateriais) que realiza coisas no espaço (criando condições para a realização de atividades) ao mesmo tempo em que produz o espaço como mercadoria”; e o nível da realização da vida, por meio do modo de apropriação do espaço, dos usos, do cotidiano. Os dois primeiros níveis se relacionam com a dominação, e o terceiro nível com a apropriação.

Como a prática turística não ocorre de modo constante - possui periodicidade e fluxos diferentes – tende a impactar de modos distintos o cotidiano do lugar. Como apresenta Knafou (1996), os diferentes tipos de territorialidades, entre nômades e sedentários, se confrontam nos lugares turísticos. Conforme Cruz (2007, p.14), “[...] a maior parte do turismo que se faz no mundo se dá em espaços previamente ocupados, ou seja, em lugares em que populações historicamente se estabeleceram e onde vivem suas vidas cotidianas”. Assim, a apropriação do parque pelos diferentes grupos de usuários, pode ou não conferir-lhe o sentido de lugar de acordo

com o uso comum a cada grupo. E ainda, o impacto de uso turístico do parque no entorno imediatamente próximo (o bairro como lugar).

Inicia-se pela fundamentação teórica, a partir da revisão bibliográfica sobre a produção do espaço urbano, o turismo urbano, a produção do espaço urbano turístico e o lugar como espaço apropriável para a vida.

A seguir, a caracterização do Parque Tanguá, os aspectos físicos, históricos e administrativos. Os fatores pertinentes à construção do parque, ampliação prevista e gestão ambiental a partir da elaboração do plano de manejo. Neste capítulo as intenções de cunho ambiental – o parque como unidade de conservação da natureza – na criação do parque (e no discurso de criação) ficam evidentes. Pelo plano de manejo, os objetivos principais do parque são relativos a preservação da natureza e proteção do Rio Barigüi. Completa a abordagem histórica uma seleção de fotografias como registro do antes e depois.

Na etapa seguinte, o Parque Tanguá é analisado no nível da dominação, ou seja, da ação do poder público na criação do parque e ação dos agentes de mercado no parque e entorno. A abordagem relaciona as ações específicas ao parque e a inter-relação com o conjunto de políticas públicas que conferiram aos parques de Curitiba o *status* e importância atuais, vistos como uma construção histórica. Assim, parte-se da política de produção de parques como processo histórico e político, a valorização do solo urbano no entorno do parque, a arquitetura do parque e seus significados, a inserção do parque na Linha Turismo e sua importância, e a relação do parque com a imagem urbana e imagem urbana para o turismo. Este estudo realiza-se por meio de bibliografia, documentação oficial, estatísticas oficiais e material divulgado pela mídia, visto a importância do planejamento urbano e das ações do poder público na construção da imagem da cidade e atratividade turística decorrente. Neste ponto, busca-se estabelecer um paralelo entre as ações urbanas executadas e seus desdobramentos na modificação do espaço urbano em função do turismo, subsídio para a etapa seguinte.

O estudo do Parque Tanguá é aprofundado em uma terceira etapa, com a análise da apropriação do parque e entorno. Para tanto, foram utilizados resultados de pesquisas publicadas sobre os usos do parque, observação dirigida em diferentes dias e horários da semana, e pesquisa qualitativa com moradores do entorno (anteriores e posteriores a criação do parque), visitantes e turistas. Para a pesquisa foram utilizadas duas diretrizes, a fim de abarcar a complexidade da implantação do

parque em si e suas relações com o entorno: A primeira diretriz busca subsídios para a análise do uso, por moradores antigos do bairro, moradores novos, visitantes (moradores de outros bairros de Curitiba e das cidades da Região Metropolitana de Curitiba) e turistas. A segunda diretriz busca elementos para a análise da vida cotidiana no entorno do parque, pelas diferenças identificadas pelos moradores antigos e pelas expectativas e motivações dos moradores novos. Assim, é delimitado um marcador temporal relacionado à vida cotidiana, um “antes” e um “depois” da criação do parque, com a divisão dos moradores em dois grupos: moradores antigos e moradores novos.

Por meio destas etapas interdependentes, trabalha-se para a compreensão da atividade turística na cidade com suas implicações em níveis local e global, a fim de abarcar, mesmo que parcialmente, a complexidade das relações sócio-espaciais urbanas modificadas pelo turismo. No entanto, o estudo procura não perder de vista o princípio expresso por Cruz (2007, p.11), que “[...] é o mundo que explica o turismo e não o contrário”.

Utiliza-se neste estudo procedimentos metodológicos capazes de abarcar as complexas relações sociais, espaciais, políticas e ambientais que se inter-relacionam no âmbito do turismo no espaço urbano.

1. ESPAÇO URBANO E TURISMO: BASES TEÓRICAS

O turismo, como fenômeno capaz de auferir benefícios econômicos, sociais, culturais e ambientais, é uma atividade incentivada pelos governos locais, especialmente no âmbito das cidades e regiões. Como atividade que envolve o deslocamento de pessoas, o turismo se desenvolve em um espaço material e social e nele provoca transformações.

Conforme Cruz (2003, p. 15-16), “o turismo urbano representa a quase totalidade dos fluxos turísticos mundiais”, devido a concentração de infra-estruturas urbanas utilizadas pelo turismo (de acesso, hospedagem, lazer, entre outras) e ao que representam como “obras de arte” das sociedades humanas. Neste contexto, muitos municípios e regiões buscam o desenvolvimento do turismo como atividade que movimenta a economia local e projeta a cidade para o país e o mundo, dependendo do caso. Yázigi (1999) considera que, por mais bonito que seja um local ou a simpatia e disponibilidade que as pessoas tenham em receber o turista, sem organização do espaço turístico o desenvolvimento do turismo e os benefícios econômicos decorrentes serão apenas esperanças. Aliás, para o autor, o espaço turístico “teria de ser, antes de tudo, o espaço do cotidiano das pessoas que nele vivem” (YÁZIGI, 1990, p.8).

1.1. Espaço Urbano

Para a compreensão do fenômeno urbano e da sociedade em geral, é necessário uma conceituação correta do espaço, visto que ele pode ser pensado de diversas formas. O espaço definido como absoluto torna-se uma coisa “em si mesma”, abstrato, com existência independente da matéria. O espaço definido com relativo deve ser entendido como uma relação entre objetivos, que só existe porque existem objetos que se relacionam entre si. Outra formulação de espaço relativo é o espaço contido em objetos, quando um objeto existe “na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações com outros objetos”, chamado por

Harvey (1980, p. 4-5) de espaço relacional. Para o autor, o problema da correta conceituação do espaço é resolvido através da prática humana em relação a ele.

Conforme Carlos (2001, p. 11), “os diversos elementos que compõem a existência comum dos homens inscrevem-se em um espaço: deixam aí suas marcas”. Assim:

Se de um lado o espaço é um conceito abstrato, de outro tem uma dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana, que ocorre diferencialmente no tempo e no lugar e que ganha materialidade por meio do território. (CARLOS, 2001, p.29)

A abordagem de Carlos sobre a materialização da sociedade no espaço remete ao termo “produção do espaço”, cunhado pelo filósofo Henri Lefebvre na década de 1960 e desde então utilizado por diversos geógrafos no mundo inteiro. Para Lefebvre a produção do espaço significava a própria produção – e reprodução – da vida. Viver é, em síntese, produzir espaço. A produção do espaço é um processo social, e, portanto, é também um processo histórico (CRUZ, 2007). Lefebvre (2001, p. 47- 49) considera “o termo ‘produção’ num sentido amplo (produção de obras e produção de relações sociais)”, assim como são produzidas cidades ao longo da história, a produção de conhecimentos, cultura, civilização e objetos não podem ser dela dissociados. A cidade como obra, realidade prático-sensível, materialidade, se distingue do urbano, “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas e reconstruídas pelo pensamento”. No entanto, distintos e complementares, cidade e urbano não podem ser separados, pois o urbano não dispensa ou existe sem uma base prático-sensível, sem uma morfologia. O espaço urbano, assim, é o espaço materializado na cidade.

Para Smith (*apud* CRUZ, 2007, p. 8) o conceito de produção do espaço se aproxima da definição de Lefebvre, conforme: “A sociedade não mais aceita o espaço como um receptáculo, mas sim o produz; nós não vivemos, atuamos ou trabalhamos ‘no’ espaço, mas sim produzimos o espaço , vivendo, atuando e trabalhando”.

Para Santos (1996, p. 51), o espaço possui uma dimensão concreta e ao mesmo tempo abstrata, constituído por sistemas de objetos e sistemas de ações que interagem – as ações modificam ou se dão sobre os objetos e as formas dos objetos condicionam as ações – e assim transformam o espaço. Nas palavras do autor: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório,

de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

O espaço urbano atende a diversos interesses, pois é construído para muitas pessoas, componentes das sociedades. Entretanto, o espaço urbano está inserido no contexto histórico de uma sociedade e atende às suas dinâmicas. O capitalismo produziu um espaço da reprodução das relações de produção, regido pelo movimento do capital e que, portanto, não atende aos interesses da maioria. Segundo Cruz (2007, p.10), o espaço do capitalismo é produzido socialmente, entretanto sua apropriação é privada. Em outras palavras, nem todas as pessoas participam da mesma forma e tem o mesmo poder nos processos de produção do espaço. Do mesmo modo, Carlos (2001, p.15) aponta a contradição entre a produção social do espaço e sua apropriação privada como fundamental para a compreensão do processo de reprodução espacial: em uma sociedade fundamentada sobre a troca, o espaço é produzido como mercadoria e serve às necessidades de acumulação. Os espaços são reproduzidos para atender às mudanças de uso e funções, que correspondem a novos modos produtivos ou setores de atividades produtivas. Nas palavras da autora: “Cada vez mais o espaço, produzido como mercadoria, entra no circuito de troca, atraindo capitais que migram de um setor da economia para outro de modo a viabilizar a reprodução”.

[...] urbanização e desenvolvimento econômico estão intimamente inter-relacionados, pois é na cidade onde as economias de escala e aglomeração operam no sentido de oferecer a este processo de desenvolvimento maior amplitude e eficácia; é na cidade que são geradas as mais importantes mudanças econômicas, políticas e sociais; é na cidade que se produzem os mais variados tipos de produtos e é também na cidade onde ocorrem as maiores desigualdades sociais e econômicas. (FONSECA e COSTA, 2004 p.27)

O espaço urbano regido pela lógica do mercado é produzido e reproduzido de modo desigual, atendendo aos interesses atrelados ao capital. A participação social na produção do espaço é desigual, dividida entre atores hegemônicos – o Estado e o mercado – e atores não-hegemônicos. O Estado se configura como o grande ordenador da produção do espaço, no desempenho do papel de regulador das relações sociais e provedor de infra-estruturas. O mercado é formado por diferentes atores, com níveis de abrangência e poder distintos entre si, desde as grandes

corporações multinacionais aos pequenos empresários locais, que estabelecem níveis variados de relações com o Estado. (CRUZ, 2007).

Parece não haver dúvida de que a cidade se reproduz, continuamente, como condição geral do processo de valorização gerado no capitalismo no sentido de viabilizar os processos de produção, distribuição, circulação, troca e consumo e, com isso, permitir que o ciclo do capital se desenvolva e possibilite a continuidade da produção, logo, sua reprodução. (CARLOS, 2001, p.15)

O crescimento do capitalismo, no contexto da globalização econômica, trouxe mudanças no setor produtivo, desde o processo de desindustrialização sofrido pelas metrópoles para a condição de crescimento do setor de serviços especializados – comércio, setor financeiro, indústria do lazer. Esta transformação requer a produção de um novo espaço condizente com as necessidades do mercado, provido de infra-estruturas e acessibilidade. O Estado, detentor da possibilidade de modificação de grandes áreas urbanas exerce papel importante na disponibilização do solo urbano para a reprodução dos modos de produção. Em algumas situações, o Estado age subordinado ao interesses do mercado, em outras situações os interesses são conflitantes. Nas palavras de Cruz (2007, p. 10): “Embora ao longo da história do modo de produção capitalista mudanças profundas tenham ocorrido nos papéis desempenhados por um [Estado] e por outro [mercado], ambos continuam sendo ordenadores daquele processo”. Estado e mercado, ora com convergência de interesses, ora atuando em lados opostos, são os agentes hegemônicos na produção do espaço. Conforme Carlos (2001, p. 15), há uma lógica que define as ações dos agentes econômicos e do Estado, independentemente da coalizão dos interesses, que orienta e reorganiza o processo de reprodução do espaço “por meio da divisão socioespacial do trabalho, da hierarquização dos lugares e da fragmentação dos espaços vendidos e comprados no mercado”.

O turismo, como prática social e atividade econômica capaz de atrair investimentos e gerar benefícios, modifica as relações sócio-espaciais e relações produtivas no espaço urbano. Conforme Cruz (2007, p. 5), se:

[...] o principal objeto de consumo do turismo é o espaço e que a atividade turística transforma o espaço em mercadoria, inserindo-o no circuito de troca, como afirmam Carlos (1996) e Sanchez (1991),

por exemplo está dado o pressuposto necessário para compreender o turismo como atividade econômica e como atividade produtiva.

Os lugares explorados pelo turismo são, em grande parte, vendidos como cenários produzidos sobre uma base paisagística preexistente que, associada aos aspectos culturais, históricos e geográficos, constitui a matéria prima para o processo contínuo de produção e consumo do espaço. (SILVA, 2004, p. 21).

Para Silveira (1998, p. 63), “[...] é na escala local que se dá a produção do espaço turístico”. Os atributos do lugar são os fatores de atratividade turística, sejam eles naturais, artificiais, culturais ou históricos, potencializados por estratégias do poder público para o desenvolvimento do turismo e promoção urbana. Neste sentido, Silva (2004, p.39) aponta para a cenarização do espaço urbano em cidades turísticas, por meio da criação de elementos culturais atrativos – arquitetônicos e urbanísticos -, de iniciativa tanto do mercado como do poder público, para o projeto e planejamento de ações estratégicas para o desenvolvimento do turismo.

1.2. Turismo e Turismo Urbano

Ao buscar-se uma definição de turismo, é possível defrontar-se com várias acepções e conceitos distintos, que enfatizam a atividade sob diferentes enfoques. De fato, o turismo é uma atividade multifacetada, que interage com vários segmentos e saberes científicos. No âmbito deste trabalho, o turismo será compreendido como uma atividade capaz de promover, a partir do interesse em desenvolvê-la no território, alterações no espaço urbano e nas relações que nele se desenvolvem.

Para compreensão da abrangência do turismo, alguns conceitos se fazem necessários. Devido à complexidade das atividades que envolvem o turismo, há várias conceituações propostas por diferentes autores, englobando facetas econômicas, sociais ou culturais.

Segundo Castrogiovanni (2002, p. 60), o termo *turista* surgiu na Grã-Bretanha, no final do século XVIII, para designar a pessoa que realiza uma viagem por motivos culturais ou de lazer; e *turismo* passa a ser o termo utilizado para denominar a

atividade exercida pelos turistas. O primeiro registro da palavra *turismo* data de 1811 e tem origem também na Grã-Bretanha.

Em 1910 o economista austríaco Herman Von Schullard definia o turismo, com ênfase nos aspectos econômicos, como “a soma de operações, especialmente de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para fora de um país, cidade ou região” (*apud* IGNARRA, 1999, p. 23). Com aceção distinta, para Robert McIntosh “turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer as suas necessidades e desejos” (*apud* IGNARRA, 1999, p. 24).

Há definições que excluem do turismo as viagens motivadas por oportunidades de negócios, visando atividades intrinsecamente lucrativas. Outros autores contribuem com esta idéia relacionada ao período de permanência, aprimorando-a, como:

[...] podemos definir o turismo como o deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante. Uma pessoa que reside em um município e se desloca para outro diariamente para exercer sua profissão não estará fazendo turismo. Já um profissional que esporadicamente viaja para participar de um congresso ou para fechar um negócio em outra localidade que não a de sua residência estará fazendo turismo. (IGNARRA, 1999, p.25)

O conceito de turismo, historicamente ligado às viagens espontâneas para o lazer, no século XX sofreu uma aproximação com o conceito de viagem, incorporando todos os tipos de viagens, pelas mais diversas motivações. Assim, surgiram segmentos como “turismo de negócios”, “turismo de saúde” e “turismo religioso”, onde o caráter de espontaneidade é quase nulo, ou mesmo nulo, e a motivação do lazer questionável. (CRUZ, 2007, p. 3). Entretanto, segundo Molleta (2003) e Oliveira (2005), o turismo de negócios não pode ser considerado de forma isolada, tendo em vista que o executivo em seu tempo livre busca entretenimento e atividades de lazer, utilizando os serviços turísticos e visitando os atrativos do destino. Do mesmo modo, pode-se estabelecer relação entre os segmentos de turismo motivados por outros fins que não o lazer, mas que podem usufruir do entretenimento e lazer quando estão no destino. Yázigí (1999, p. 39-40) considera as obrigações ou contingências que levam à realização de viagens, sejam negócios, compras ou consultas médicas, motivos que não pode ser classificado como

espontâneos, mas que “agitam as infra-estruturas turísticas” e, portanto, se inserem nas estatísticas relativas ao turismo, mesmo que seu caráter contenha uma obrigatoriedade como motivador.

Para Fuster (1991, p.9), em uma definição mais objetiva, o turismo aparece como um deslocamento espacial desde um mercado emissor até um núcleo receptor. O mercado emissor é o local onde se encontram os viajantes em potencial e onde é necessário fazer propaganda motivando-os à viagem. O núcleo receptor é o local que possui os atrativos e equipes suficientes para receber os viajantes.

De acordo com Ignarra (1999, p. 30), os atrativos turísticos são os recursos naturais ou culturais que atraem o turista para visitação, e conforme outros autores haveria ainda uma terceira categoria de recursos, os artificiais – fabricados pelo homem, porém sem um conceito de bem cultural. Para o autor, como a discussão sobre o que é bem cultural gera bastante pol mica, a diferenciação entre o que é cultural e o que não é se torna difícil.

Especificamente em rela o aos atrativos turísticos, são constituídos pelos recursos turísticos, que formam a matéria-prima do “produto turístico”. O conceito de produto turístico não tem a mesma acepção que um produto econ mico. Para Ignarra (1999, p. 30), “produto turístico é a somatória do atrativo turístico + a somatória dos serviços turísticos (ou facilidades, como usam alguns autores) + a infra-estrutura básica + o conjunto de serviços urbanos de apoio ao turismo”. A saber:

- Serviços turísticos: meios de hospedagem, serviços de alimenta o, transporte turístico, serviços de informa o turísticas e todos os demais elementos fundamentais para que o turista possa desfrutar do atrativo turístico.
- Infra-estrutura básica: vias de acesso, saneamento básico, rede de energia elétrica, sistema de comunica o, ilumina o pública e todos os elementos essenciais à qualidade de vida das comunidades. Apesar de não serem elementos implantados em fun o do turismo, contribuem para a qualidade do produto turístico.
- Serviços urbanos de apoio ao turismo: serviços de transporte, segurança, serviços da rede bancária, serviços de saúde, e outros serviços que atendem   popula o do destino turístico e estão disponíveis também para o turista.

A partir dos diferentes conceitos de turismo e de seus elementos básicos, pode-se perceber a complexidade e rede de interações que esta prática desencadeia. Do ponto de vista deste trabalho o interesse recai sobre os núcleos receptores urbanos: local onde se dá a interação entre os turistas e residentes - com suas necessidades e motivações, onde a atividade turística gera repercussões positivas ou negativas, de caráter econômico, sócio-cultural e ambiental.

As cidades apresentam-se como destinos turísticos com forte potencial de atratividade por sua natureza, visto que o espaço urbano apresenta multiplicidade de usos e elementos de interesse, vasta oferta e ampla gama de possibilidades. Além de contarem com maiores facilidades de acesso e deslocamento, que permitem viagens rápidas com certa garantia de que não faltarão atrações e o tempo disponível do turista poderá ser bem aproveitado. (EJÁRQUE, 2005).

O turismo realizado em espaços urbanos reúne segmentos turísticos diversos que são efetivados no espaço das cidades, como o turismo cultural, o turismo de negócios, o turismo de eventos, o turismo de saúde, o turismo de compras, o turismo religioso entre outros. A cidade oferece diversas opções para o consumo turístico que são inerentes à sua natureza.

Conforme Silveira (1998), o turismo urbano existe desde o surgimento da atividade turística, porém, a prática turística nas cidades modificou-se a partir do processo de urbanização e, especialmente, do desenvolvimento metropolitano. Assim, nas grandes cidades as atividades turísticas ocorrem em meio às demais atividades que ali se desenrolam, ao invés do turismo em espaços exclusivos a esta prática, onde as demais atividades estariam a ele subordinadas.

Com sua estrutura sócio-econômica organizada em torno da informação, da comunicação e do consumo de bens e serviços, a metrópole constitui também um núcleo de recepção do turismo, pois nestes serviços estão incluídos uma parte significativa daqueles destinados a atender a indústria do turismo e do lazer. (SILVEIRA, 1998, p.64).

Em uma abordagem de caráter mercadológico, para Joseph Ejárque (2005) quando se promove um atrativo turístico da cidade, em realidade deve-se promover a cidade. Para ele a cidade deve se configurar como um produto-destino, assim a cidade cria sua própria marca e se posiciona no mercado.

[...] un destino turístico será un territorio que con una marca, un precio y por lo tanto, un lugar en el mercado mantiene durante una gran parte del año un flujo de visitantes y turistas lo suficientemente numeroso como para convertir a esta actividad en una de las bases de su economía. El destino es en definitiva un producto que conjuga recursos, sean naturales o artificiales, con servicios. (EJARQUE, 2005, p.29)

No contexto de competição interurbana por investimentos e benefícios, a promoção da cidade para o turismo consiste em uma das estratégias dos governos locais para criar uma imagem positiva capaz de aumentar o consumo urbano e atrair novos investimentos produtivos. Com este intuito, intervenções no espaço urbano são implementadas pelos governos, com repercussões na atividade produtiva e nas relações sócio-espaciais.

1.3. Espaço Urbano Turístico

Conforme Cruz (2007, p.11), “o uso turístico do espaço leva à formação do que temos chamado de ‘território turístico’, quer dizer, porções do espaço geográfico em que a participação do turismo na produção do espaço foi e ainda é determinante”. No entanto, ainda segundo a Cruz (2003), há uma dinâmica na apropriação dos espaços pelo turismo que depende de fatores de valorização, como os modismos produzidos pela ação determinante do *marketing*, que levam ao abandono parcial ou total de alguns espaços e incorporação de outros. Quer dizer, o espaço que é turístico hoje não necessariamente o será no futuro, em função dos valores culturais da sociedade que atribuem valores aos espaços.

A necessidade de lazer na sociedade contemporânea, conforme Carlos (1999) é uma mudança de sentido no caráter espontâneo do lazer, transformado em mercadoria a ser consumida.

[...] cidades inteiras se transformam com o objetivo precípua de atrair turistas, e esse processo provoca de um lado um sentimento de *estranhamento* – para aqueles que vivem nas áreas que num determinado momento se voltam para a atividade turística – posto que violenta e rapidamente transformado e, de outro, transforma tudo em *espetáculo* e o turista em espectador passivo. (CARLOS, 1996, p. 108-109, grifo do autor).

Há três fontes de turistificação dos lugares e espaços, segundo Knafou (1996): a primeira, os turistas e a prática espontânea do turismo, que historicamente criaram os lugares turísticos; a segunda, o mercado dos grandes operadores que concebe e coloca produtos turísticos; e a terceira fonte, a ação dos planejadores e promotores “territoriais”. Nas duas primeiras fontes o processo de turistificação não vem do lugar, pois os turistas não são originários do lugar e os grandes operadores turísticos seguem a dinâmica do mercado, sem vínculo com um lugar específico. Apenas a terceira fonte de turistificação “se apresenta, com a originalidade de ser, por definição, mais ou menos bem territorializada”.

As relações entre território e turismo podem ser analisadas de acordo com três situações, conforme Knafou (1996, p. 71 a 73):

- Territórios sem turismo: ainda existem numerosos territórios sem turismo, apesar de haver poucos territórios sem turistas.
- Turismo sem território: é o espaço planejado por e pelo turismo, independentemente da sua localização, que não tem relação intrínseca com o território que o recebe. É um produto inserido no espaço, mas em um espaço-receptáculo.
- Territórios turísticos: são os territórios produzidos pelos turistas, retomados pelo mercado e pelos planejadores.

Com relação ao turismo sem território, são produtos ou equipamentos produzidos sem uma relação direta com o território e, portanto, podem estar inseridos espacialmente em qualquer local. São os *não-lugares* de Marc Augé, conceito muito utilizado por geógrafos e contestado por Cruz (2007), os *enclaves* de Lozato-Giotart, as *bolhas* mencionadas por John Urry, ou os *simulacros* discutidos por vários autores com base em Jean Baudrillard. Estes espaços podem ser exemplificados pelos *resorts* instalados no litoral brasileiro, que destoam do entorno e simulam paraísos no interior de seus muros – o turista não tem necessidade de sair dos limites do complexo hoteleiro, visto que tem tudo nele. Ainda, no meio urbano, os lugares de passagem, padronizados pela sociedade de consumo, com características bastante similares – padrões arquitetônicos homogêneos - onde quer que se localizem, como *shopping-centers*, centros de conveniência, complexos de lazer, aeroportos. No entanto, o não-lugar não seria a antítese do lugar.

Carlos (1996, p. 109, grifo do autor) considera o turismo um produtor de não-lugares, pois “ao vender-se o espaço, produz-se a *não-identidade* e, com isto, o *não-lugar*”, pois longe de se criar uma identidade, produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida”.

O caráter identitário do lugar se contrapõe ao caráter não-identitário do não-lugar, quando o elo afetivo se estabelece pelo uso e não pelo consumo do espaço como mercadoria. No entanto, os lugares, por possuírem especificidades ligadas aos modos de vida dos que nele constroem suas vidas e relações, possui grande apelo para o turismo, como fator de atratividade. Neste ponto, é importante definir o que se entende por lugar.

1.4. Lugar

De acordo com Carlos (1999, p. 20), “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]”. Como base da reprodução da vida, a autora sugere a análise do lugar a partir da tríade habitante-identidade-lugar: é onde o indivíduo vive, habita e se apropria pelo uso, e estabelece, assim, laços de pertencimento e identificação. A conceituação de Carlos (1999) para lugar engloba o caráter social e histórico do lugar, inserido no espaço global com o qual se inter-relaciona, assim, o lugar é considerado produto de uma dinâmica singular, única, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, ao mesmo tempo em que uma expressão da globalidade. “Deste modo, o *lugar* se apresentaria como o *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (CARLOS, 1996, p. 16, grifo do autor).

A inter-relação entre o local – o lugar, espaço vivido, apropriado no cotidiano e, portanto, portador de especificidades - e o global – espaço suscetível aos valores homogeneizantes da sociedade capitalista – introduz no lugar novas lógicas associadas ao consumo, como a atividade turística. Yázigi (1999) sugere a valorização da natureza como marca mais estável do lugar, aquela que lhe confere diferenciais, dando-lhe uma identidade própria e prevenindo-se quanto ao caráter

volátil de outros aspectos possíveis de diferenciar o lugar, como a arquitetura, os costumes, as relações sociais e outros, mais suscetíveis às variações dos valores da sociedade de consumo.

[...] a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos. (CARLOS, 1996, p. 17)

Segundo Damiani (1999, p. 46, grifo do autor), “a leitura, que o *turismo* faz da cidade, através da indústria que o alimenta [], é a de uma *seleção programada* – a apresentação da cidade através dos aspectos e dos lugares escolhidos e retirados da dinâmica cotidiana e orgânica da cidade como lugar”. Assim, as atividades do turismo na cidade subvertem o tempo e o espaço, organizados de forma peculiar, pela qual se misturam os grandes acontecimentos e lugares espetaculares com os acontecimentos banais, efêmeros, característicos do cotidiano do lugar. Neste sentido, o turista, movido pela lógica do turismo – o consumo do espaço para o lazer – convive com o residente, nos ritmos do cotidiano do lugar, ditado pela lógica do trabalho. Cruz (2007, p.14, grifo do autor), acrescenta a relação entre o estabelecimento do turismo nos lugares e o papel das sociedades que lá vivem como agentes produtores do espaço turístico:

[...] a maior parte do turismo que se faz no mundo se dá em espaços previamente ocupados, ou seja, em lugares em que as populações historicamente se estabeleceram e onde vivem suas vidas cotidianas. [] O turismo é uma prática social e uma atividade econômica que, no mais das vezes, se impõe aos lugares, mas ela não se dá sobre uma *tabula rasa*, sobre espaços vazios e sem donos. Portanto, não são apenas Estado, mercado e turistas que produzem os espaços relativos aos fazeres turísticos, mas também as sociedades que vivem nesses lugares, parte delas transformada, por força de novas contingências, em empreendedores turísticos ou, mesmo, em muitos casos, atuando como contra-racionalidades às determinações hegemônicas. A produção do espaço envolve seu uso e apropriação e, nesse caso, o conflito termina por ser imanente ao processo.

Encontramos em Knafou (1996) menção sobre os diferentes tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos, entre “nômades” – os turistas, que só passam pelo lugar e que, mesmo assim, tem necessidade de se apropriar dos

territórios, mesmo que fugidamente – e “sedentários” – os moradores, as pessoas que vivem no lugar. Neste sentido, e conforme as considerações de Cruz, os moradores que não se beneficiam economicamente com a atividade turística no lugar, podem ir de encontro às modificações nos ritmos do cotidiano do lugar que o turismo – a presença de turistas, com anseios e necessidades de consumo do espaço – interpõe.

2. PARQUE TANGUÁ – HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

O Parque Tanguá foi idealizado e implantado na gestão do prefeito Rafael Greca (1993-1996), caracterizada pela ênfase às áreas verdes, espaços culturais e monumentos étnicos. Somente em sua gestão foram inaugurados dez parques e bosques na cidade (ver quadro 1 na página 53).

Conforme o engenheiro civil Reinaldo Pilotto (informação verbal)¹, na época coordenador do Departamento de Parques e Praças da SMMA, a concepção do Parque Tanguá ocorreu no início da gestão do então prefeito, que sobrevoando de helicóptero a área do Parque Tingüi, seguiu o curso do Rio Barigüi e viu a área onde está hoje o Parque Tanguá. A área pertencia a dois proprietários diferentes, a empresa Cavo, que já havia iniciado a operação de uma usina de reciclagem de lixo no local, e a família Gava, que foram contatados para ver o interesse em negociar a área com a PMC. O parque foi construído com os recursos do Programa de Saneamento Ambiental da Região Metropolitana de Curitiba (Prosam), bem como o Parque Tingüi e o Parque dos Tropeiros, anteriores a ele.

Localizado na região norte de Curitiba, o Parque Tanguá situa-se nos bairros Taboão e Pilarzinho, na divisa com o município de Almirante Tamandaré, conforme mapa 01. O Parque ocupa área onde funcionavam antigas pedreiras – já desativadas quando da concepção do parque - na margem do Rio Barigüi, próximo a sua nascente em Almirante Tamandaré, e engloba a faixa de preservação permanente do rio. Os objetivos principais da criação do parque são a preservação ambiental da área de influência do Rio Barigüi, a proposição de usos não conflitivos para o fundo de vale e impedir invasões em áreas de risco de enchente (SMMA; FUPEF, [2002]). Estes objetivos mantiveram a mesma diretriz que orientou o início da criação de parques públicos em Curitiba, conforme Menezes (2001, p. 179):

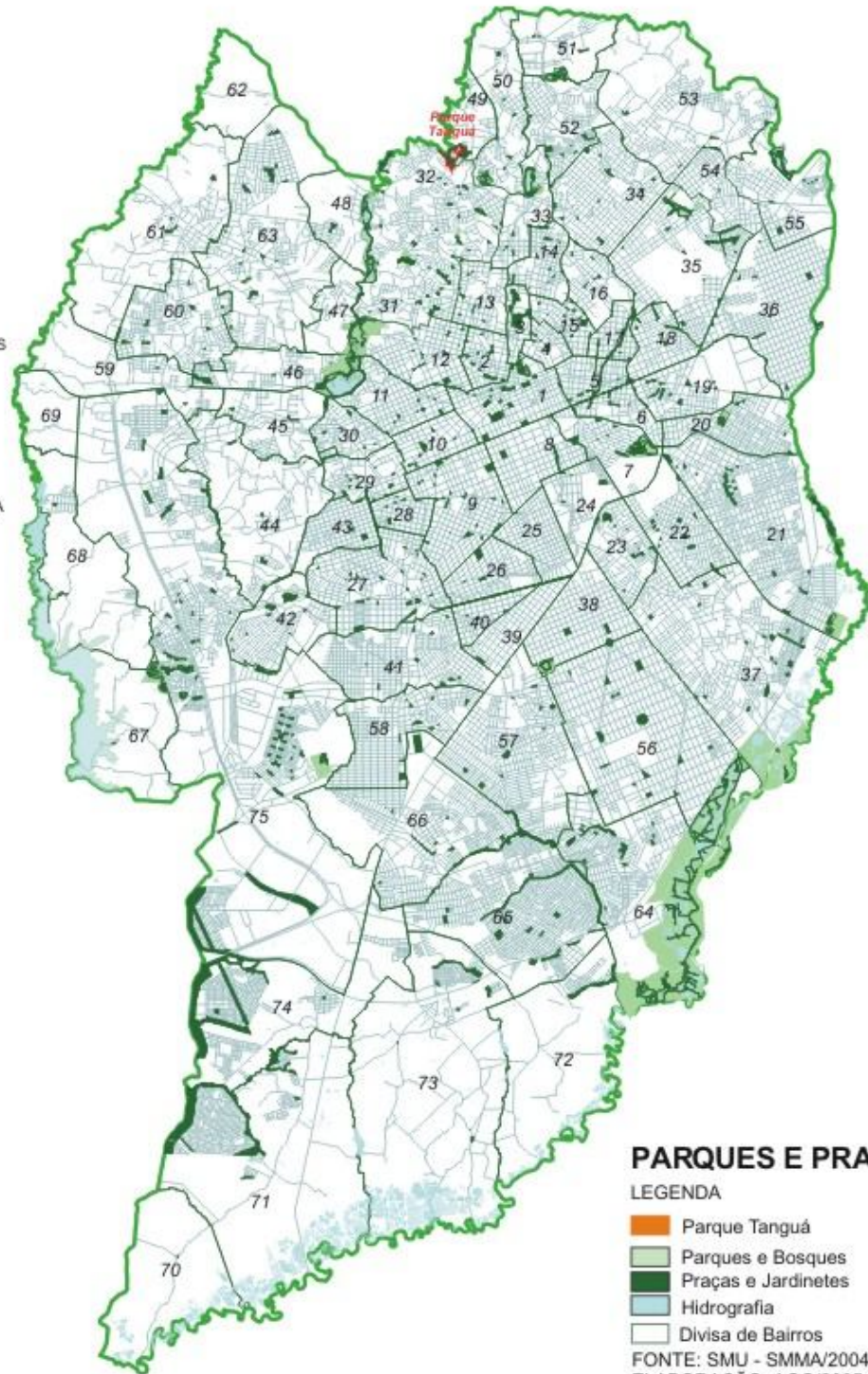
Eles [os parques], ao mesmo tempo em que se constituíam em novos locais de lazer, em novos pontos de encontro dos habitantes, eram projetados para ser criados em fundos de vale com a finalidade de evitar a habitação nestas áreas, preservar as matas ciliares existentes e, através de seus lagos artificiais, regular a vazão dos rios em períodos de enchente.

¹ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.



BAIRROS

- 01-CENTRO
- 02-SÃO FRANCISCO
- 03-CENTRO CÍVICO
- 04-ALTO DA GLÓRIA
- 05-ALTO DA RUA XV
- 06-CRISTO REI
- 07-JARDIM BOTÂNICO
- 08-REBOUÇAS
- 09-ÁGUA VERDE
- 10-BATEL
- 11-BIGORRILHO
- 12-MERCÊS
- 13-BOM RETIRO
- 14-AHÚ
- 15-JUVEVÉ
- 16-CABRAL
- 17-HUGO LANGE
- 18-JARDIM SOCIAL
- 19-TARUMÁ
- 20-CAPÃO DA IMBUIA
- 21-CAJURU
- 22-JARDIM DAS AMÉRICAS
- 23-GUABIROTUBA
- 24-PRADO VELHO
- 25-PAROLIN
- 26-GUAÍRA
- 27-PORTÃO
- 28-VILA IZABEL
- 29-SEMINÁRIO
- 30-CAMPINA DO SIQUEIRA
- 31-VISTA ALEGRE
- 32-PILARZINHO
- 33-SÃO LOURENÇO
- 34-BOA VISTA
- 35-BACACHERI
- 36-BAIRRO ALTO
- 37-UBERABA
- 38-HAUER
- 39-FANNY
- 40-LINDÓIA
- 41-NOVO MUNDO
- 42-FAZENDINHA
- 43-SANTA QUITÉRIA
- 44-CAMPO COMPRIDO
- 45-MOSSUNGUÊ
- 46-SANTO INÁCIO
- 47-CASCATINHA
- 48-SÃO JOÃO
- 49-TABOÃO
- 50-ABRANCHES
- 51-CACHOEIRA
- 52-BARREIRINHA
- 53-SANTA CÂNDIDA
- 54-TINGÚI
- 55-ATUBA
- 56-BOQUEIRÃO
- 57-XAXIM
- 58-CAPÃO RASO
- 59-ORLEANS
- 60-SÃO BRAZ
- 61-BUTIATUVINHA
- 62-LAMENHA PEQUENA
- 63-SANTA FELICIDADE
- 64-ALTO BOQUEIRÃO
- 65-SÍTIO CERCADO
- 66-PINHEIRINHO
- 67-SÃO MIGUEL
- 68-AUGUSTA
- 69-RIVIERA
- 70-CAXIMBA
- 71-CAMPO DE SANTANA
- 72-GANCHINHO
- 73-UMBARÁ
- 74-TATUQUARA
- 75-CIDADE INDUSTRIAL



PARQUES E PRAÇAS

LEGENDA

- Parque Tanguá
- Parques e Bosques
- Praças e Jardinetes
- Hidrografia
- Divisa de Bairros

FONTE: SMU - SMMA/2004

ELABORAÇÃO: AGO/2005

ESCALA: 1:150.000

1000 0 1000 2000 3000 Metros



IPPUC

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES

Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - Brasil - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3250-1414 - Fax: (55 41) 3254-8661 - E_mail: geo@ippuc.org.br

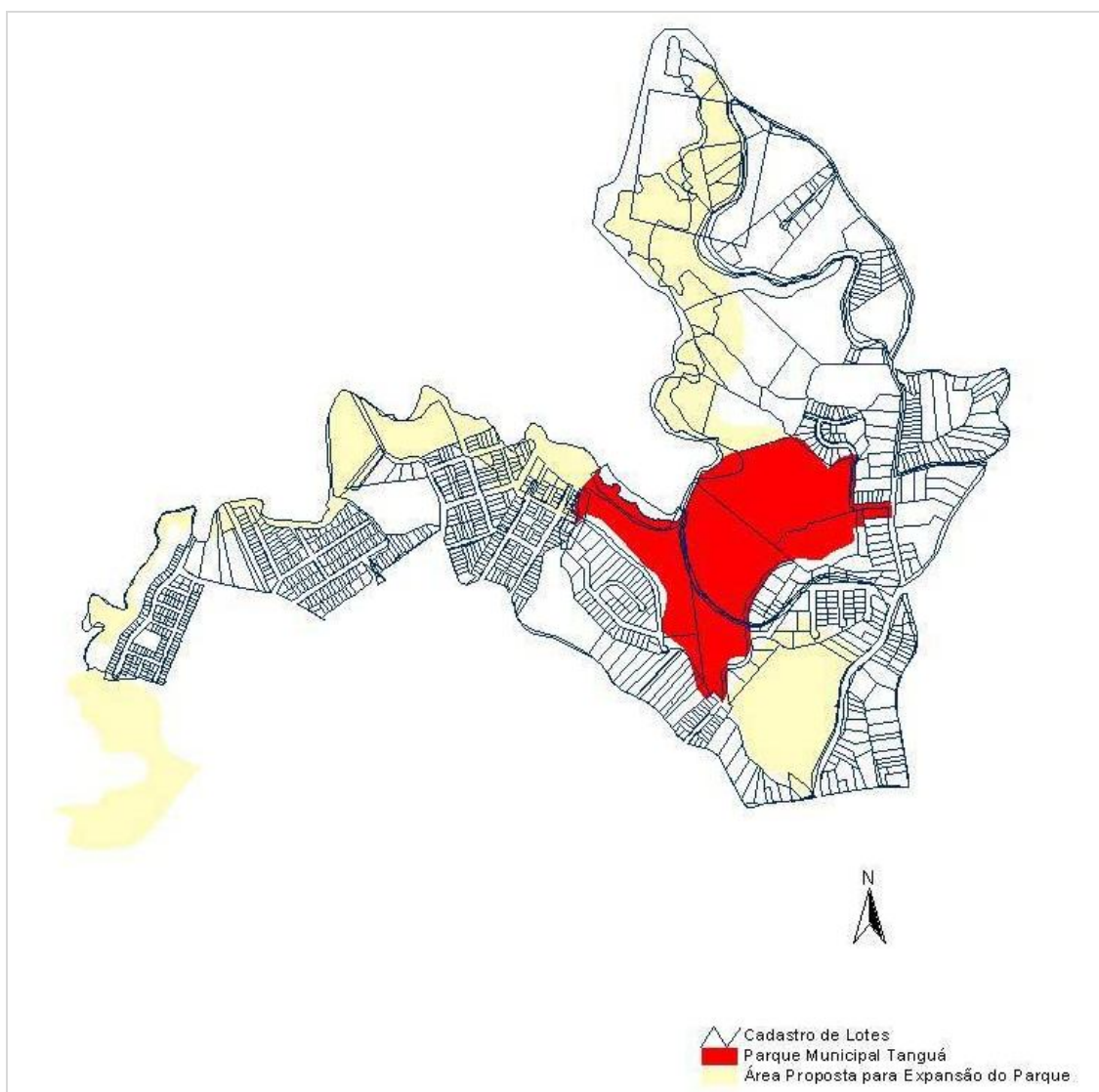
CE

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE TANGUÁ

Fonte: IPPUC, 2005 (org. BETAT, 2008).

O Parque Tanguá foi inaugurado no dia 23 de novembro de 1996, mas sua criação só foi homologada no dia 3 de junho de 1997 pelo Decreto Municipal nº 602/1997 (ver anexo A). O decreto destaca a importância dos parques e bosques para fins de preservação e educação ambiental, recreação, cultura, esporte e lazer. Em seu parágrafo único, o decreto dispõe que os terrenos situados dentro dos limites do parque, enquanto não incorporados ao domínio público, deverão atender aos parâmetros de uso e ocupação do solo definidos para o setor.

A área do Parque Tanguá corresponde a 450.000 metros quadrados (45,00 ha), mas foram implantados 235.000 metros quadrados. Como a área a ser preservada é maior do que a área efetivamente implantada, desde a concepção do parque existe a proposta para ampliação, conforme mapa 2.



MAPA 2 – PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DO PARQUE TANGUÁ

Fonte: SMMA; FUPEF, [2002]

Além da área do parque ter sido implantada parcialmente, o projeto do parque foi dividido em duas partes distintas e, em função de velocidades diferentes de execução, resultou em duas inaugurações: em 1996 o parque foi inaugurado apenas com a parte inferior pronta - dotada de infra-estruturas - e, em 06 de junho de 1998 foi entregue parte superior do parque, denominada Jardim Poty Lazzarotto - em homenagem ao artista plástico paranaense morto em 7 de maio de 1996. O parque possui desnível de aproximadamente 65 metros (SMMA; FUPEF [2002]), configurando, assim, uma parte superior e uma parte inferior, com projetos e ênfases bem diferentes entre si, aspecto que será analisado na subseção Parque Tanguá e arquitetura. O desnível pode ser observado na foto 1.



FOTO 1 – FOTO AÉREA DO PARQUE TANGUÁ

Autor: C. Ruggi, PMC [s.d.]

Na foto 1 é possível visualizar a implantação geral do parque: na parte inferior o lago com *deck* e lanchonete; na parte superior o Jardim Poty Lazzarotto com mirante e cascata artificial. O lago possui 32 mil metros quadrados de extensão e profundidade de 1,5 metros. (PMC apud ANDRADE, 2002).

Na parte inferior do parque, inaugurada um ano e meio antes da parte superior, há uma placa comemorativa da inauguração do parque, com os seguintes dizeres:

PARQUE TANGUÁ
SITUADO NAS ANTIGAS PEDREIRAS DA FAMÍLIA GAVA JUNTO
AO RIO BARIGUI, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE CURITIBA E
ALMIRANTE TAMANDARÉ, ESTE PARQUE PRESERVA A
NATUREZA NUM LOCAL DESTINADO ANTERIORMENTE A SER
DEPÓSITO DE LIXO. CRIADO ENTRE 1993 E 1996 PARA
MARCAR COM O RESPEITO AO VERDE E A VIDA HUMANITÁRIA
O FINAL DAS COMEMORAÇÕES DOS 300 ANOS DE CURITIBA. O
NOME TANGUÁ, EM LINGUA INDIGENA LOCAL, SIGNIFICA BAIÁ
DAS CONCHAS.
RAFAEL GRECA DE MACEDO
PREFEITO DE CURITIBA 1993 - 1996

A placa em mármore branco, já desgastada pelo tempo, é a única referência escrita da história do parque que há em seu interior. Em evidência, o período de criação do parque, durante a gestão do prefeito Rafael Greca. Não há outras menções dentro do parque ao processo de criação e às ações ambientais para recuperação da área, tampouco referência ao Córrego Tanguá - que passa na parte inferior do parque, próximo ao limite oeste - ou ao Rio Barigüi, e nem mesmo ao projeto de criação de um parque linear ao longo do Rio Barigüi, ligando os parques Tanguá, Tingüi e Barigüi a região sul da cidade².

Toda a área do parque consiste num ecossistema peculiar, modificado por ações antrópicas, com floresta remanescente classificada como Floresta Ombrófila Mista Montana e vegetação composta principalmente por gramíneas. Além do Rio Barigüi, que limita o parque, há também córregos, que abastecem o lago. A área do parque apresenta afloramento rochoso, entretanto o solo encontra-se bastante alterado por ações antrópicas. A maior parte do parque apresenta declividade máxima de 15%, porém os paredões de pedra chegam a formar ângulos de 90° como no caso do paredão da cascata (SMMA: FUPEF, [2002]).

No terreno onde está implantado o parque funcionavam três pedreiras: duas pertenciam a família Gava e uma pertencia a empresa Cavo. As pedreiras estavam desativadas quando da concepção do parque, pois se situavam em área urbana, incompatível com este uso. No terreno pertencente a Cavo estava em funcionamento uma usina de reciclagem de lixo e um depósito de calça – resíduos da construção civil, conforme fotos 6 e 8, que mostram o parque da Cavo onde situa-se o estacionamento superior ao lado da Rua Lory Lunardon, em 1992. Conforme o

² No atual governo, do prefeito Beto Richa, o projeto é denominado Projeto Viva Barigüi.

engenheiro Reinaldo Pilotto (informação verbal)³, na área onde está o Jardim Poty Lazzarotto, havia um barracão da Cavo em funcionamento, com vários produtos químicos, nas primeiras visitas que a equipe da SMMA fez ao local. A família Gava tinha interesse em fazer um loteamento no local, o que permitiu um acordo com a PMC para doação de parte do terreno para o parque; a Cavo recebeu um terreno na Cidade Industrial de Curitiba (CIC) em troca do terreno de sua propriedade. O projeto da parte inferior do parque ficou sob a responsabilidade da equipe da SMMA, a cargo do arquiteto Mario Küster, e o projeto da parte superior foi encomendado ao arquiteto Rodolfo Doubek Filho. Para execução do parque foi incorporado o arruamento existente.

Na parte inferior do parque foram propostas as estruturas de lazer ativo e práticas esportivas, com churrasqueiras, pista para caminhadas e *cooper*, área gramada para jogos e futebol, e a lanchonete com sanitários no *deck*. Os córregos foram aproveitados para abastecer os lagos, criando assim ambientes de maior contato com a natureza. Há ainda dois estacionamentos na parte inferior do parque.

Na parte superior há o acesso principal do parque, utilizado também pela jardineira da Linha Turismo. O Jardim Poty Lazzarotto possui bancos, espelhos d'água e chafarizes, além do mirante com três pavimentos e torres panorâmicas. O belvedere (mirante) possui loja de *souvenires* - Leve Curitiba -, *bistrô* e sanitários, além de *decks* metálicos com pisos vazados e guarda-corpo metálico telado. Os espelhos d'água, alimentados pela água do lago principal, possuem desníveis que criam uma cascata interna e culminam na cascata que desce junto paredão de pedra. Atualmente (ano base: 2009), a infra-estrutura da parte inferior do parque não está plenamente disponível: a rampa de acesso ao *deck* e lanchonete está interditada para manutenção e a lanchonete está fechada, deixando a parte inferior sem disponibilidade de sanitários.

A implantação e infra-estrutura do parque podem ser vistas na figura 1.

³ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.



FIGURA 1 – CROQUI DO PARQUE TANGUÁ

Fonte: SMMA, [s.d.].

O croqui do parque possui dois aspectos diferentes da condição atual do parque (ano base: 2009). O posto da Guarda Municipal não está mais ao lado da administração, mas tornou-se um Posto Avançado da Guarda Municipal na entrada do parque, pela Rua Oswaldo Maciel, entre os estacionamentos. E a pedreira com cascata não foi implantada, mas havia interesse em fazê-lo posteriormente. Porém, após a instituição do Plano de Manejo do Parque Tanguá, o zoneamento definiu a área como uso controlado e recuperação ambiental, inviabilizando modificações.

O Plano de Manejo do Parque Tanguá foi instituído pelo Decreto Municipal nº 565/2002, de 16 de agosto de 2002, após processo de elaboração iniciado no ano 2000 (ver anexo B). A SMMA, com recursos destinados pelo Fundo Nacional de Meio Ambiente, contratou a Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná (FUPEF) para a realização do inventário da área, subsídio a elaboração do Plano de Manejo. A FUPEF então realizou coletas de dados da área já implantada do parque, bem como das áreas previstas para expansão, componentes da proposta do parque linear às margens do Rio Barigüi. O inventário e o diagnóstico realizados pela FUPEF resultaram em dois volumes apresentados a SMMA, assim como uma proposta de zoneamento. (SMMA; FUPEF, [2002]).

A análise realizada pela FUPEF identificou como influência sócio-econômica da implantação do parque a valorização dos imóveis no entorno, a exploração do potencial turístico e a criação de frentes formais de trabalho e até mesmo serviço informal. Segundo dados coletados pela FUPEF em 1999, a frequência média diária de visitantes era de 4.741 pessoas. (SMMA; FUPEF, [2002]). Além da contagem de visitantes, a pesquisa incluiu entrevistas. De um total de 303 entrevistados, 64,4% eram moradores de Curitiba e 35,6% eram turistas. Através do número de visitas que os moradores de Curitiba declararam ter feito no ano anterior, a pesquisa verificou a frequência de retorno do residente: 27% dos curitibanos declararam estar visitando o parque pela primeira vez, 4,6% visitavam diariamente, 6,7% semanalmente e 20% declararam visitar o parque semestralmente. Pelos resultados, a pesquisa concluiu que a área se caracteriza como turística, em função da baixa frequência diária de visitas e pelo percentual de turistas (35,6%). Considerando o meio de transporte utilizado pelos turistas, a pesquisa verificou que 66,7% dos turistas utilizavam veículo particular, 20,4% utilizavam ônibus e 12%, a jardineira da Linha Turismo. Entretanto, não há diferenciação entre ônibus regulares urbanos e ônibus especiais de turismo. O aspecto de maior atratividade do parque foi definido majoritariamente pelos entrevistados como “o contato com a natureza”, com 78,2% de preferência, seguido pela beleza arquitetônica, com 12,9% das respostas. (FUPEF, 2001).

Considerando que o Plano de Manejo foi instituído 6 anos após a inauguração do parque, ações no interior do parque já estavam consolidadas e muitas modificações haviam ocorrido na região. No Plano de Manejo, a análise do entorno considera as condições de 2002, período em que havia condomínios residenciais horizontais não

totalmente ocupados dividindo o espaço com residências tradicionais que já existiam antes do parque. Na época (2002), estava em fase final de construção o Residencial Tanguá I e II, na Rua Eugênio Flor, defronte a entrada principal do parque, pela Rua Oswaldo Maciel, com blocos de 4 pavimentos (SMMA; FUPEF [2002]). Os conjuntos Residencial Tanguá I e II possuem 96 apartamentos cada, totalizando 192 residências novas (informação verbal)⁴.

Em função da realidade apreendida pelo estudo da FUPEF, dos objetivos principais do parque e do marco conceitual, foi definido o zoneamento para o Parque Tanguá. O marco conceitual definido pelo Plano de Manejo é:

União de valores ambientais e sociais dentro de uma unidade de conservação urbana, que possibilite a manutenção e o desenvolvimento do meio ambiente florístico, faunístico e abiótico, interagindo com as necessidades humanas de lazer, fisiológicas, estéticas, educacionais e sociais. (SMMA: FUPEF, [2002], p.20).

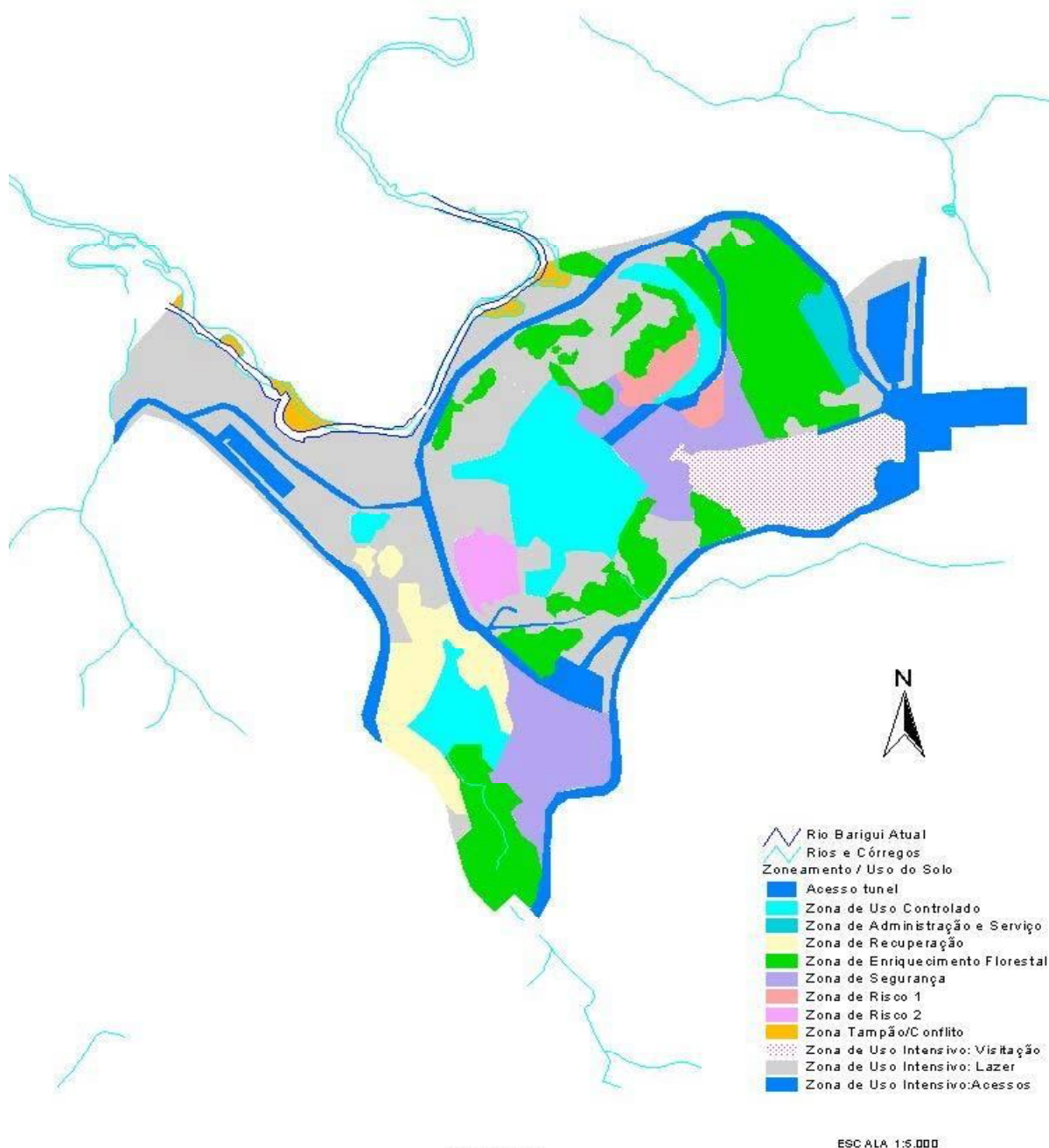
Assim, para o equilíbrio entre as condições naturais e abióticas e o uso humano da área do parque, foram definidas onze diferentes zonas, visualizadas no mapa 3, a saber:

1. Zona de Administração / Serviço: zona de uso exclusiva da SMMA, contratados ou subcontratados, responsáveis pela administração e operação do parque.
2. Zona de Segurança: áreas de acesso totalmente proibido ao público, devido a periculosidade dos precipícios próximos às antigas pedreiras e de área de banhado.
3. Zona Tampão / Conflito: área indefinida quanto ao limites oficiais do parque e divisa de Curitiba com Almirante Tamandaré, em função da modificação do leito original do Rio Barigüi, limite do parque e do município. Até que haja definição legal sobre o assunto, não há recomendação para esta zona.
4. Zona de Risco 1: área adjacente à zona de segurança, permite a instalação de equipamentos desde que realizados estudos técnicos e executadas medidas de segurança / proteção adequadas.
5. Zona de Risco 2: compreende morro de pedras cujo acesso é somente permitido para estudos científicos e educação ambiental, com prévia

⁴ Informação obtida diretamente nas portarias dos Residenciais Tanguá I e II.

autorização da SMMA, com o intuito de não comprometer a integridade da área.

6. Zona de Recuperação: Exóticas / Nativas: zona transitória, formada por espécies exóticas e que passará por conversão gradual para recuperação da comunidade vegetal nativa. O acesso é permitido somente para estudos científicos e educação ambiental, previamente autorizados pela SMMA.
7. Zona de Enriquecimento Florestal: áreas recobertas por vegetação arbórea nativa altamente antropizadas, que passarão por processo de enriquecimento com espécies nativas. Durante a recuperação da área, só pode ser utilizada para atividades de pesquisa e educação ambiental autorizadas pela SMMA.
8. Zona de uso controlado: área composta pelos lagos, vedada a qualquer atividade de recreação com contato primário com a água, como natação, pesca, canoagem, ski-aquático, mergulho. A atividade de navegação poderá ser permitida pela SMMA, desde que sejam utilizados equipamentos condizentes com os princípios e objetivos do parque.
9. Zona de Uso Intensivo – Lazer: áreas de maior uso do parque, onde o acesso ao visitante é plenamente permitido. A zona é direcionada especialmente para as práticas esportivas, recreação, churrasco, contemplação, caminhadas e outras formas de lazer em geral, e deve ser intensamente fiscalizada.
10. Zona de Uso Intensivo – Visitação: área onde o acesso do visitante é plenamente permitido, direcionada para a visitação propriamente dita: passeio, fotografia, apreciação da paisagem. Zona que deve ser fiscalizada intensamente.
11. Zona de uso intensivo – Acessos: São as áreas de acesso ao parque e suas diferentes partes. (SMMA; FUPEF, [2002]).



MAPA 3 – ZONEAMENTO DO PARQUE TANGUÁ

Fonte: SMMA; FUPEF, [2002].

Pelo zoneamento, são especificadas além das diretrizes de manejo do parque, as proibições e permissões específicas de cada zona e gerais, pertinentes a todo o parque. Os usos permitidos são: passeios a pé, sentar na grama, observação da natureza, piqueniques, fotografia etc. Os usos proibidos são: competições; poluição residual, visual, sonora, atmosférica ou hídrica; exercer atividades comerciais ou de venda particular; propaganda e programações ou eventos particulares; eventos de cunho religioso, político ou atentatório aos bons costumes; tráfego com veículos em

áreas destinadas a pedestres; transitar com animais domésticos; transitar com cavalos ou veículos de tração animal; gravar, pintar, escrever ou pichar; e o uso de fogueiras ou fogos de artifício. (SMMA; FUPEF, [2002]).

Para a consecução dos objetivos do Plano de Manejo do Parque Tanguá, foram definidos os programas de educação ambiental, operações, manejo do meio ambiente e qualidade da água. Os quatro programas são compostos por subprogramas, que visam abarcar todos os aspectos relacionados a conservação do parque e correta utilização pelos usuários. Como os programas são diretrizes de ação, definem o enfoque dado a gestão do parque, e neste caso, assumem importância no âmbito deste trabalho: importa saber com qual finalidade e para quem o parque existe.

O programa de educação ambiental está dividido em três subprogramas: de relações públicas – centro de visitantes; divulgação; e treinamento. Este programa está relacionado com a informação ao visitante, desde informações sobre as questões ambientais e turísticas, passando pela confecção de material de divulgação e realização de exposições, inclusive com o treinamento de pessoal para melhor atender os usuários do parque. A criação de um Centro de Visitantes, como uma estrutura física de referência, está proposta neste programa e visa suprir a lacuna de falta de local e pessoas que informem adequadamente ao visitante. Outro aspecto importante refere-se ao resultado do estudo sobre o parque, realizado pela FUPEF, em que o visitante do parque deseja receber material de divulgação, com características, aspectos ambientais e turísticos e outros programas ambientais realizados em Curitiba. (SMMA; FUPEF, [2002]). Entende-se que o diagnóstico sobre o interesse do visitante por mais informações é de extrema relevância, pois evidencia o interesse em conhecer e participar do que ocorre no parque, além de somente contemplá-lo. Estes aspectos são aprofundados no capítulo sobre a apropriação do parque.

O programa de operações é composto pelo subprograma de manutenção, melhoria de equipamentos públicos e segurança e pelo subprograma de administração. Este programa objetiva a gestão da infra-estrutura do parque e proteção do patrimônio, tanto para manutenção como introdução de novas benfeitorias, como a implantação do centro de visitantes com dependências para o serviço de guarda. O subprograma de manutenção, melhoria de equipamentos públicos e segurança também considera a acessibilidade para os portadores de necessidades especiais e a previsão do

aumento de pessoas encarregadas da vigilância - Guarda Municipal, Polícia Florestal e Militar. O subprograma de administração prevê que seja nomeado um gerente para o parque, com o intuito de atingir os objetivos do Plano de Manejo, atualizando e propondo novos programas. (SMMA: FUPEF, [2002]). Com relação à implantação do centro de visitantes com estrutura para segurança, foi implantado na área de entrada do parque – pela Rua Oswaldo Maciel – um Posto Avançado da Guarda Municipal com atendimento especializado ao turista, por guarda municipal bilíngüe. O Posto Avançado da Guarda Municipal foi inaugurado em 25 de junho de 2008, entretanto a Guarda Municipal atua no parque desde a sua criação⁵, funcionando até então em uma das edificações da administração do parque, conforme croqui na figura 1.

O programa de manejo do meio ambiente é constituído pelos subprogramas de consorciação de espécies, de recuperação de áreas degradadas, de introdução de vegetal e de investigação da fauna. Já o programa de qualidade da água é composto pelos subprogramas de monitoramento da qualidade da água, de fiscalização, e de limpeza do Rio Barigüi, afluentes e lagos. (SMMA; FUPEF, [2002]). Os programas elencados pelo plano de manejo visam à consecução dos objetivos do parque, em seu caráter de área de conservação da natureza e espaço de lazer para a comunidade. Desde o início da implantação, antes mesmo de ser inaugurado, o parque desencadeou várias modificações no entorno, especialmente na parte superior do parque, que mesmo tendo sido finalizada por último, contribuiu para a mudança da paisagem na região.

O processo de construção do parque e modificações no entorno podem ser vislumbrados pelas fotos e depoimentos de moradores antigos e equipe que participou da implantação. Na seqüência, fotos antigas do parque e entorno – na coluna esquerda – e fotos atuais, correspondentes – na coluna da direita.

Nas fotos 2 e 4 é possível visualizar a Rua Lory Lunardon – antiga Travessa Itaúna, renomeada após a abertura do parque - limítrofe ao parque, como estava em janeiro de 1992 e novembro de 1994, com a cerca da Cavo do lado esquerdo: sem pavimentação ou calçadas e com poucas edificações. Nas fotos 3 e 5, a rua pavimentada, com meio-fio, sinalização, arborização e novas residências, além de grande quantidade de veículos estacionados em função do parque.

⁵ Informação fornecida por meio de ofício da Guarda Municipal, em 15 jan. 2009.



FOTO 2 – RUA LORY LUNARDON 1
Autor: RIBEIRO, 1992



FOTO 3 – RUA LORY LUNARDON 3
Autor: BETAT, 2009



FOTO 4 – RUA LORY LUNARDON 2
Autor: RIBEIRO, 1994



FOTO 5 – RUA LORY LUNARDON 4
Autor: BETAT, 2009



FOTO 6 – PATIO DA CAVO
Autor: RIBEIRO, 1994



FOTO 7 – ESTACIONAMENTO
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 8 – PATIO DA CAVO 2
Autor: RIBEIRO, 1994



FOTO 9 – ESTACIONAMENTO 2
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 10 – ABERTURA DO TÚNEL
Autor: RIBEIRO, 1995



FOTO 11 – TÚNEL PRONTO E LAGO
Autor: BETAT, 2008



FOTO 12 – ABERTURA DO TUNEL 2
Autor: RIBEIRO, 1995

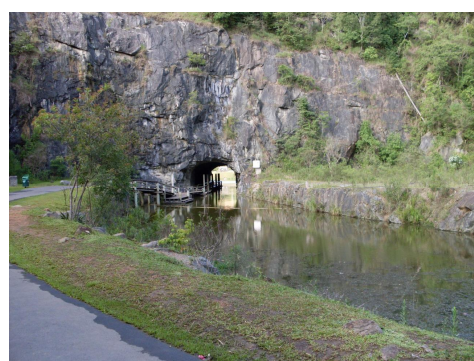


FOTO 13 – TUNEL PRONTO 2
Autor: BETAT, 2009



FOTO 14 – PATIO DA CAVO E BARRACÃO
Autor: RIBEIRO, 1996



FOTO 15 – ADMINISTRAÇÃO
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 16 – LAGO SEM MIRANTE
Autor: RIBEIRO, 1997



FOTO 17 – LAGO COM MIRANTE
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 18 – VISTA DO ESTACIONAMENTO
Autor: RIBEIRO, 1998



FOTO 19 – VISTA DO ESTACIONAMENTO 2
Autor: BETAT, 2009



FOTO 20 – VISTA ESPELHO D'AGUA
Autor: RIBEIRO, 1998



FOTO 21 – VISTA ESPELHO D'AGUA 2
Autor: BETAT, 2009



FOTO 22 – MIRANTE E ENTORNO
Autor: RIBEIRO, 1998



FOTO 23 – MIRANTE E ENTORNO 2
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 24 – RUA LORY LUNARDON 5
Autor: Google Earth [s.d.]



FOTO 25 – RUA LORY LUNARDON 6
Autor: BETAT, 2009.

O Parque Tanguá desencadeou várias modificações no entorno, como a dotação de infra-estrutura básica, pavimentação e construção de passeios, no âmbito dos espaços públicos, bem como a atratividade do parque influenciou nos espaços privados, com a construção de várias edificações e a abertura de pequenos comércios ligados ao turismo e ao atendimento aos turistas e visitantes, principalmente. O parque, em si, modificou a paisagem da área, e como consequência, estimulou a modificação da paisagem do entorno, o cuidado estético dos proprietários de residências e comércios, dentro das possibilidades econômicas de cada um.

É possível visualizar como era a área onde foi implantado o parque, antes da sua criação, nas fotos 4, 6 e 8, onde aparece o pátio com os equipamentos da Cavo e, ao fundo, área de vegetação. O mesmo local, nas fotos 5, 7 e 9, visto atualmente, onde funciona um dos estacionamentos da parte superior do parque. A diferença não é só de uso ou pavimentação, mas na arborização e gramado bem cuidado onde antes era um depósito de equipamentos.

Nas fotos 10 e 12, a abertura do túnel na rocha. Comparando as fotos 10 e 11, com o lago cheio, pode-se verificar a pouca profundidade do lago, com o leito das próprias rochas retiradas da pedreira ao longo do tempo em que funcionou. A foto 12 mostra o outro lado do túnel, na pedreira menor, onde foi necessário escavações para a construção do lago. Na foto 13, o mesmo local visto atualmente, com o túnel e o lago cheio, com a “borda” escorada por pedras para evitar assoreamento.

A foto 14, na inauguração do parque, mostra a cerca que separava o pátio da Cavo e o barracão que permaneceu e foi utilizado como administração do parque. Neste ano, 1996, não havia sido implantada a parte superior do parque, onde posteriormente, este local foi transformado em estacionamento. Na foto 15, o mesmo barracão e a vegetação atual. A foto 16, de 1997, com a infra-estrutura da parte inferior do parque já implantada. A construção do mirante não havia sido iniciada. Na foto 17, onze anos depois, o parque com o mirante e mais vegetação próximo ao paredão de pedra, indicando regeneração da flora.

Na inauguração do Jardim Poty Lazzarotto, em 1998, a foto 18 mostra o estacionamento superior (mesmo estacionamento visto nas fotos 7, 8, 9 e 16) visto a partir do mirante. Na foto 19, do mesmo ângulo, porém de 2009, não se pode ver os carros do mesmo modo em função da arborização do estacionamento, que não existia antes. Ao fundo, várias edificações novas. Na foto 20, também da inauguração da parte superior do parque, aparecem edificações novas ao fundo,

porém, na foto 21 a urbanização é bem maior, com os prédios do Residencial Tanguá ao fundo e outros condomínios implantados após 1998.

A foto 23 mostra algumas edificações novas, ao fundo, construídas após a inauguração do Jardim Poty Lazzarotto, conforme foto 22.

A foto 25 mostra o bar e loja defronte o parque, na esquina das ruas Oswaldo Maciel e Lory Lunardon. Na foto 24, o bar não existia e as residências simples eram expostas, sem passeio e a rua pavimentada com antipó. A foto não é datada, mas a parte superior do parque já existia. Em comparação com a foto 25, atualmente há passeio, a loja tem um cuidado estético, a residência muito simples está com muro e o quintal já não fica mais visível. Mesmo que de modo singelo, os moradores e comerciantes vem procurando melhorar o aspecto das edificações, procurando deixar tudo mais bonito.

3. PARQUE TANGUÁ E DOMINAÇÃO: AÇÕES DO PODER PÚBLICO E INICIATIVA PRIVADA

Conforme Carlos (2001, p. 12), “a análise do espaço urbano requer a justaposição de vários níveis de realidade, momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade, como o da dominação política, o da acumulação do capital, da realização da vida humana”. A dominação política e a acumulação do capital configuram um processo de dominação como meio de garantir a reprodução do capital. Já a realização da vida humana se dá por meio da apropriação dos espaços para o uso, subvertendo o poder imposto sobre o espaço e sobre as práticas sócio-espaciais. No contexto atual do capitalismo, o termo “metrópole” revela um momento histórico do processo de reprodução da cidade alinhado com o momento em que o capitalismo se estende cada vez mais ao espaço global. Este processo atua sobre o espaço, cria novos setores de atividade, extensão das atividades produtivas, e novos espaços e centralidades que atendam a reprodução do capital.

O exercício do poder para o controle do espaço inclui a possibilidade de definição e modificação da legislação de uso e ocupação do solo, a definição da política tributária e a definição das áreas que serão dotadas de infra-estruturas, serviços e investimentos (SOBARZO, 2006). A ação do Estado, representado na cidade pelo governo municipal, é responsável pela regulação do espaço urbano, ora de modo conflitante, ora de modo convergente com as ações da iniciativa privada para o acúmulo do capital.

A idéia do poder municipal como zelador dos interesses coletivos deve ser assumida como um ideal não cumprido ou, pelo menos, não cumprido totalmente. Em geral, a ação do poder municipal mostra uma mistura de interesses públicos e privados – que pode ir dos interesses do prefeito até os interesses dos grupos locais dominantes. (SOBARZO, 2006, p. 97).

Ainda conforme Sobarzo (2006, p. 98), as administrações municipais, a cada gestão, tendem a deixar suas “marcas” no espaço público, assim como o utilizam como “moeda de troca” para fins eleitoreiros. Nestes casos, benfeitorias costumam ser apresentadas como um interesse e preocupação pessoal de determinado prefeito, ao invés de serem consideradas como ações inerentes ao exercício do cargo público

assumido. Assim, inaugurações e reinaugurações de calçadas, parques, praças e equipamentos urbanos transformam-se em ações de *marketing* e promoção de determinada gestão.

O Parque Tanguá é um parque público, de acesso gratuito. Segundo seus objetivos, descritos no Plano de Manejo, foi criado com o intuito principal de proteger a área de preservação da bacia do Rio Barigüi. Entretanto, pelo significado que o conjunto de parques públicos assumiu em Curitiba, especialmente após 1990, as repercussões da implantação de um parque urbano na cidade vão muito além do uso para preservação e lazer. Conforme Oliveira (2000, p. 60), realizações como a Ópera de Arame, o Jardim Botânico e equipamentos urbanos, com ênfase no uso de novas tecnologias e grande impacto visual, projetaram a cidade e sua administração no cenário nacional. Como resultado, “a cidade reatualizou seu mito de vanguarda urbanística, reforçou sua vocação turística e, talvez o mais importante, conferiu à administração pública uma imagem de eficiência e agilidade administrativa”. Como exemplo de reforço da vocação turística, o autor cita reportagem da Folha de São Paulo, em que o crescimento do turismo em Curitiba, em 1992, é atribuído ao interesse que as inovações urbanas, de caráter estetizante (Ópera de Arame, Jardim Botânico e outras), despertavam.

Como espaço público, ninguém paga para entrar no Parque Tanguá ou nos demais parques de Curitiba. Entretanto, morar próximo a um parque tem o seu custo. Para quem não mora perto, chegar até o parque também custa. A implantação do parque desencadeia uma série de modificações no entorno, especialmente se o parque assume o *status* de parque turístico.

No nível da dominação, o Parque Tanguá se insere em um contexto de produção de parques públicos de preservação da natureza com realizações arquitetônicas simbólicas em seu interior, que assumiram importante papel na imagem urbana e na imagem da cidade especificamente para o turismo. Se a implantação do parque não configurou grandes mudanças estruturais⁶ na sua área de delimitação, por outro lado trouxe significativas mudanças no entorno em função do novo uso. Assim, a análise do Parque Tanguá, no âmbito da dominação, abarca o contexto histórico da produção de parques e bosques no qual o parque está inserido, visto a importância que as áreas verdes urbanas assumiram em Curitiba. Neste sentido, o Parque

⁶ Para implantação do parque foi utilizado o arruamento existente, conforme já citado.

Tanguá não pode ser visto isoladamente, mas como parte de uma política bem-sucedida. A análise compreende, também, a associação entre o poder público e a iniciativa privada na implantação do parque, a valorização do solo urbano e a mudança de tipologia arquitetônica no entorno, a legislação de uso do solo, a atração para o turismo pela inserção do parque na Linha Turismo e o papel do parque na imagem urbana. A questão da segurança do parque e suas limitações (proibições e permissões) serão analisadas na apropriação, pois apesar do caráter de domínio e controle exercido pela segurança, vê-se mais relação com o uso do espaço, suas possibilidades e subversões, bem como o modo que é vivenciada, ou não, a segurança no parque e arredores.

3.1. Criação de Parques e Bosques em Curitiba

Com base nos elementos que definiram a criação dos parques e bosques em Curitiba, Andrade (2001) propõe uma divisão em três períodos históricos: período de concepções sanitaristas, período de administração tecnocrata e período de promoção do *city marketing*. Estes períodos foram delimitados a partir das concepções que fundamentaram a criação destes espaços públicos, assim como da forma e das funções que assumiram em cada momento da história da cidade.

O período de concepções sanitaristas compreende desde a emancipação política do Paraná, em 1853, até a posse do prefeito Ivo Arzua, em 1962. Neste período apenas o Passeio Público foi implantado, próximo a região central, com o intuito de sanear a área às margens do Rio Belém, alagadiças e propícias a proliferação de doenças. Também neste período surgem as primeiras diretrizes de implantação de áreas verdes, definidas em 1943 pelo Plano Agache, A matriz de intenções estava fundamentada no sanitarismo (ANDRADE, 2001).

O período de administração tecnocrata inicia em 1962, com o movimento inicial para execução do Plano Diretor da cidade de Curitiba, e se estende até 1988, término do mandato do prefeito Roberto Requião. Este período se caracteriza pela presença de técnicos no comando da PMC e pela implantação das diretrizes do Plano Diretor. A função primordial dos parques criados neste período foi a de conter enchentes – por meio de grandes lagos-reservatórios em seu interior – e preservar as nascentes dos

rios. Foram implantados os Parques Barigüi e São Lourenço, financiados pelo BNH, e o Parque Barreirinha, cada um com um atrativo de lazer e cultura - um centro de exposições, um centro de criatividade e uma biblioteca, respectivamente (ANDRADE, 2001). Castelnou (2006) salienta que foi a partir dos anos 70 que se introduziu o conceito de aproveitamento de áreas verdes como espaços de recreação e lazer, bem como de espaços indicadores de qualidade de vida urbana, em Curitiba – momento de implantação dos três parques citados, em 1972.

O período de promoção do *city marketing* compreende o início da terceira gestão do prefeito Jaime Lerner, em 1989, e se mantém até a presente data (ano base: 2009). Marcado pelas edificações com forte apelo estético no interior dos parques, “construções arquitetônicas emblemáticas”, modelo inaugurado com a criação da Ópera de Arame. A principal função dos parques passa a ser a criação de símbolos urbanos que remetem à cultura européia das etnias que imigraram para Curitiba no final do século XIX, estabelecendo, portanto, associações com a qualidade de vida do primeiro mundo (ANDRADE, 2001).

É neste último período, do *city marketing*, caracterizado pela promoção e espetacularização urbana que o maior número de parques e bosques são implantados, com destaque para a terceira gestão do prefeito Jaime Lerner – que “deu a largada” para o novo modelo – e seu sucessor na prefeitura, Rafael Greca. Nas duas gestões – oito anos - foram implantados 16 parques ou bosques, uma média de dois por ano. De 1989 até a presente data (ano base: 2009) os prefeitos eleitos pertencem ao mesmo grupo político, onde cada gestão consegue eleger seu sucessor e, no caso dos prefeitos Cássio Taniguchi (1997-2000 e 2001-2004) e Beto Richa (2005-2008 e 2009-2012), ambos foram reeleitos para mandatos consecutivos. A continuidade do mesmo grupo político permitiu a continuidade da política de criação de parques, embora nos mandatos de Cássio Taniguchi e Beto Richa o ritmo de implantação de parques tenha diminuído. Entretanto, não é objetivo deste trabalho analisar as administrações públicas. O interesse deste trabalho recai especialmente sobre o “terreno fértil” que existia em 1996, ano da criação do Parque Tanguá, fundamentado na condição de espetacularização do urbano e aura de modelo ecológico que começavam a se consolidar na cidade de Curitiba.

No quadro 1, o histórico de implantação de parques e bosques com a data da inauguração, o prefeito do período, o bairro onde está localizada a área verde e se pertence à Linha Turismo. Dos 34 parques e bosques criados até dezembro de

2008, dez estão no itinerário atual da Linha Turismo (ano base: 2009), circuito turístico urbano da cidade de Curitiba, percorrido por ônibus, conforme abordado na subseção 3.4. O pico da produção de parques se deu no período de 1991 a 1996, com 14 novas áreas verdes.

Data	Nome	Prefeito	Bairro	LT	
1	1886	Passeio Público	Alfredo Taunay (pres. da Província)	Centro	Sim
2	1972	Parque São Lourenço	Jaime Lerner	S. Lourenço	Sim
3	1972	Parque Barreirinha	Jaime Lerner	Barreirinha	Não
4	1972	Parque Barigui	Jaime Lerner	Bigorrião, Mercês, Santo Inácio, Cascatinha	Sim
5	1974	Bosque do Boa Vista	Jaime Lerner	Boa Vista	Não
6	1976	Parque Iguaçu	Saul Raiz	Cajuru, Boqueirão e Alto Boqueirão	Não
7	1980	Bosque João Paulo II - Bosque do Papa	Jaime Lerner	Centro Cívico	Sim
8	1981	Bosque do Capão da Imbuia	Jaime Lerner	Capão da Imbuia	Não
9	1986	Bosque Gutiérrez	Roberto Requião	Vista Alegre	Não
10	1988	Parque Bacacheri	Roberto Requião	Bacacheri	Não
11	1989	Bosque Reinhard Maack	Jaime Lerner	Hauer	Não
12	1990	Parque das Pedreiras – Ópera de Arame	Jaime Lerner	Abranches	Sim
13	1991	Jardim Botânico	Jaime Lerner	Jardim Botânico	Sim
14	1991	Bosque do Pilarzinho	Jaime Lerner	Pilarzinho	Não
15	1991	Parque Passaúna	Jaime Lerner	Augusta	Não
16	1992	Bosque Zaninelli - Unilivre	Jaime Lerner	Pilarzinho	Sim
17	1993	Bosque dos 300 Anos	Rafael Greca	Sítio Cercado	Não
18	1993/ 1996	Bosque São Cristóvão (Italiano)	Rafael Greca	Santa Felicidade	Não
19	1994	Bosque de Portugal	Rafael Greca	Jardim Social	Não
20	1994	Parque Diadema	Rafael Greca	CIC	Não
21	1994	Parque dos Tropeiros	Rafael Greca	CIC	Não
22	1994	Parque Tingüi	Rafael Greca	São João	Sim
23	1995	Bosque da Fazendinha	Rafael Greca	Fazendinha	Não
24	1996	Parque Tanguá	Rafael Greca	Pilarzinho, Taboão	Sim
25	1996	Bosque do Trabalhador	Rafael Greca	CIC	Não
26	1996	Bosque Alemão	Rafael Greca	Jardim Schaffer	Sim
27	2000	Bosque São Nicolau	Cassio Taniguchi	CIC	Não
28	2001	Parque Nascentes do Belém	Cassio Taniguchi	Cachoeira	Não
29	2002	Parque Cajuru	Cassio Taniguchi	Cajuru	Não
30	2004	Parque do Atuba	Cassio Taniguchi	Boa Vista	Não
31	2004	Parque Caiuá	Cassio Taniguchi	CIC	Não
32	2008	Bosque Irmã Clementina	Beto Richa	Bairro Alto	Não
33	2008	Parque Cambuí	Beto Richa	Fazendinha	Não
34	2008	Parque do Lago Azul	Beto Richa	Umbará e Ganchinho	Não

QUADRO 1 – HISTÓRICO DE PARQUES E BOSQUES

Fonte: IPPUC/ Banco de Dados, 2008 (org. BETAT, 2008).

Conforme Castelnou (2006), a partir da administração de Rafael Greca, além da grande produção de áreas verdes públicas, foi enfatizada a criação de uma identidade social para Curitiba. Os bosques e parques passaram a abrigar manifestações culturais, como festas étnicas, folclóricas e religiosas. As ações foram pontuais e visavam melhorar a imagem urbana. Ao citar Santos (apud CASTELNOU, 2006, p. 64), o autor relaciona a análise das relações entre sociedade de consumo, cidadania e estratégias de poder – em que se confunde cidadão com consumidor e cidade com mercado – com a criação de “novos *slogans* e uma nova identidade para Curitiba, ao passo que esses marcos simbólicos no território urbano colaboraram para um novo modo de vê-la”.

Os novos bosques e parques implantados tornaram-se, mais do que nunca, instrumentos de marketing no processo de divulgação da cidade, ou seja, obras que iriam incrementar a economia local, o desenvolvimento do turismo e a atração de novos investimentos, assim como otimizariam suas potencialidades naturais, históricas e culturais.[] Essas áreas verdes, mais do que reservas de flora e fauna nativas, constituem cenários de contemplação, turismo e lazer, cujos temas principais são a cultura e a natureza. (CASTELNOU, 2006, p. 64).

A criação de valores sócio-culturais para as áreas, coerentes com os valores contemporâneos - do viver urbano saudável, da qualidade de vida, da cidade ordeira e limpa (SÁNCHEZ, 1998) -, intensamente veiculados pela municipalidade e pela mídia, desencadearam a valorização do solo urbano e o aquecimento do mercado imobiliário no entorno dos empreendimentos, bem como a possibilidade de ganho com atividades afins ao turismo.

3.2. Parque Tanguá e Valorização Imobiliária

A valorização do solo urbano no entorno dos parques de Curitiba pode ser percebida visualmente pela mudança do padrão das edificações próximas, porém, este é um fenômeno complexo que relaciona o setor privado ao setor público. Segundo Abreu (apud ANDRADE, 2001), o Estado se transformou em um dos principais agentes indutores do crescimento urbano das cidades médias, seja por ações diretas,

indiretas ou por omissão, especialmente pelo efeito imediato que as políticas públicas têm sobre a planta de valores do solo urbano. A terra, como mercadoria, tem seu valor alterado em função de qualquer modificação no entorno, seja dotação de infra-estruturas ou sua ausência. Por este motivo, os proprietários de terra tentam, pelos mais variados meios, influenciar nas decisões do Estado em seu favor para que as áreas onde possuam terras sejam beneficiadas ou, ao menos, seja afastada qualquer decisão que possa diminuir seus valores.

Os fatores que determinarão a formação do preço [do solo urbano] vinculam-se, principalmente, à inserção de determinada área no espaço urbano global, tendo como ponto de partida a localização do terreno (no bairro, e deste na metrópole); a acessibilidade em relação a lugares ditos privilegiados (escolas, *shopping centers*, centros de saúde, de serviço, de lazer, áreas verdes, etc.); acesso à infraestrutura existente (água, luz esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação, transporte); a privacidade e os fatores relacionados ao relevo que se refletem nas possibilidades e custos da construção. A evolução dos preços, todavia, inter-relaciona-se com as condições de reprodução do espaço urbano no que se refere ao modo como se desenvolve a produção das condições gerais de reprodução: dos custos gerados pela concentração no solo urbano, bem como pelas políticas de zoneamento ou de reservas territoriais, além das modificações do poder aquisitivo dos habitantes. (CARLOS, 2001, p. 39).

A criação dos parques e sua importância na imagem urbana de Curitiba têm fortes implicações no valor do solo urbano, seja pelo *status* que morar próximo a um parque confere, seja pelas possibilidades de atividades econômicas que o entorno propicia. Assim, para os proprietários de terras próximas aos parques, os benefícios com a criação destas áreas são imediatos. Neste sentido, Andrade (2002) destaca a associação dos proprietários de terra com o Poder Público já na criação do Passeio Público, com a recomendação da implantação do parque pelo Sr. Fontana, proprietário dos terrenos em frente ao local que seria desapropriado para a implantação do parque. Além de se beneficiar com a valorização do seu lote pela criação do parque, lucrou com a criação das novas avenidas e infra-estrutura adjacente ao parque. O autor ainda destaca o mesmo modelo de interferência de agentes privados na criação do Bosque do Trabalhador, cujas terras pertenciam ao ex-governador do Paraná, Jayme Canet Júnior e que acarretou a aprovação de um loteamento no entorno.

As terras que compreendem o Parque Tanguá (235.000 metros quadrados implantados) são um conjunto de terras que pertenciam a dois proprietários particulares, limítrofes a faixa de preservação do Rio Barigüi, área de domínio público, pertencente ao Estado. O processo de negociação para que a área de preservação fosse ampliada além da faixa do rio, e o parque pudesse ser criado, não desencadeou custos diretos para a municipalidade, conforme o eng. Reinaldo Pilotto (informação verbal)⁷: “a prefeitura não pagou nada, foi simplesmente uma troca”. Contatada a família Gava, uma das proprietárias da área, houve o interesse em negociar com o poder público. A família Gava tinha interesse em lotear a área e negociou a doação de 50% da área do loteamento para a prefeitura, acima dos 35% previstos pela legislação de parcelamento do solo, já visualizando a valorização que os lotes teriam. A contrapartida da PMC para este percentual maior de área foi a execução da via interna do parque, limítrofe ao loteamento e que beneficiaria ambos, parque e loteamento. A negociação com a empresa Cavo, proprietária de parcela da área e que já estava atuando no local com usina de reciclagem de lixo e depósito de calça, resultou na troca da área por um terreno na Cidade Industrial de Curitiba. O processo de negociação da área do Parque Tanguá foi semelhante ao que ocorreu no Parque Tingüi e no Parque do Atuba.

Conforme Andrade (2001, p. 73-74), os parques Tingüi e Tanguá geraram grande valorização dos terrenos do entorno, em um percentual de mais de 40%, e o metro quadrado de terreno, que valia R\$ 60,00 passou a valor R\$ 100,00, de acordo com reportagens da Gazeta do Povo de 2 de outubro de 1994 e 2 de maio de 1999. O autor também cita publicação da PMC, de 30 de dezembro de 1998, sobre a negociação com as empresas Cavo e Gava para a implantação do Parque Tanguá em área destinada a ser depósito de lixo. Neste aspecto, o autor destaca a condição de desvalorização dos terrenos, que estariam próximos a um depósito de lixo, que foi não só revertida como modificada, visto que a proximidade do parque levou à sobrevalorização da área. O autor destaca o surgimento de condomínios fechados de alto padrão e a mudança no perfil da tipologia construtiva, fenômeno semelhante ao que ocorreu no Parque Tingüi. O processo de valorização do solo é ilustrado pela reportagem da Gazeta do Povo de 2 de maio de 1999 (apud ANDRADE, 2001):

⁷ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

A família Gava doou cerca de 100 mil metros quadrados de uma área às margens do Rio Barigüi, no Bairro Pilarzinho, que estava destinada a ser um depósito de lixo. Hoje, três anos depois, a mesma área faz parte do Parque Tanguá, um dos mais belos da cidade, e os terrenos vizinhos, do loteamento da família, tiveram uma valorização de pelo menos 40% []. Hoje, as áreas da região estão sendo comercializadas a R\$ 100,00 o metro quadrado. “Sem o parque, este valor cairia para cerca de R\$ 60,00 e o loteamento seria igual a qualquer outro, sem o atrativo do parque”, avalia o diretor comercial [da imobiliária 2000]. Segundo ele, além da valorização dos terrenos, o que aumentou também foi a liquidez, a facilidade de vender imóveis com um parque ao lado.

Desde sua criação, o Parque Tanguá desencadeou mudanças significativas nos arredores, com a criação de condomínios horizontais e a elevação do padrão construtivo, com residências de padrão construtivo mais elevado. Nas fotos 26, 27, 28 e 29 podem ser visualizadas as construções tradicionais das proximidades do parque. A foto 26 mostra casa na divisa com o parque, na Rua Eugênio Flor, com o fundo do lote lindeiro ao parque. É uma residência tradicional, simples, porém uma das que apresenta melhor padrão dentre as construções anteriores a implantação do parque. Na foto 28, é possível ver a continuação da Rua Eugênio Flor após a esquina com a Rua Cecília Mikosz, no sentido de Almirante Tamandaré. A Rua Eugênio Flor é pavimentada com asfalto e possui calçada nas duas quadras próximas a entrada principal do Parque Tanguá, pela Rua Oswaldo Maciel. O trecho que aparece na foto 28 já não possui mais passeio para pedestres e apresenta residências mais simples, algumas evidenciando sucessivas reformas ao longo do tempo. As fotos 27 e 29, na Rua Eugênio Flor, com a parte posterior do lote fazendo divisa com o parque, permitem visualizar as formas arquitetônicas simples das residências tradicionais e um modo de implantação no lote comum na região, com várias edificações no mesmo lote. As fotos 30 e 31 apresentam edificações posteriores a implantação do parque, ambas na Rua Eugênio Flor, de frente para as residências nas fotos 26, 27 e 29. A foto 30 mostra os sobrados novos, com usos de elementos que remetem à arquitetura européia – neste caso, o telhado -, e fachadas coloridas com maior cuidado estético. O tamanho das residências também difere das construções tradicionais, geralmente térreas e com menos área construída. Na foto 31 é possível visualizar o pátio interno dos condomínios Residencial Tanguá I e Residencial Tanguá II. Aparentemente são um condomínio só, possuem a mesma arquitetura dos blocos residenciais de 4 pavimentos, porém são condomínios

separados, cada um deles com 96 apartamentos de três quartos. São os únicos condomínios residenciais com edificações de mais de 2 pavimentos nos arredores do parque. Possuem *playground* e jardins em seus interiores e portaria que funciona 24 horas.

Na foto 32, mais um conjunto de sobrados na Rua Eugênio Flor, entre as ruas Oswaldo Maciel e Cecília Mikosz. De estilo arquitetônico contemporâneo, o Tanguá Garden possui sobrados triplex – 2 pavimentos com aproveitamento de telhado, como na maior parte dos sobrados da região e, de Curitiba como um todo. Fica de frente para o Centro Comercial Tanguá, conjunto comercial visto parcialmente na foto 37, em que aparecem as duas lojas que foram inauguradas primeiro e mais próximas ao parque, a padaria “Delícias do Parque” e a locadora de filmes.

Na foto 36, o condomínio fechado Solar do Tanguá II, com sobrados, na Rua Cecília Mikosz quase esquina com Rua Eugênio Flor. A foto 33 mostra sobrado à venda, na Rua Des. José Carlos Ribeiro Ribas, no trecho onde estão sendo construídos outros condomínios, como o “Alameda Tanguá” (ano base: 2008). O sobrado remete a forma arquitetônica da residência da foto 26. A foto 34 mostra conjuntos de sobrados na Rua Pedro Romildo Dalla Stella, área exclusivamente de edificações novas de alto padrão. Os sobrados na foto apresentam aproveitamento de telhado, já que os telhados são inclinados e se assemelham aos usados na arquitetura européia. Na foto 35, residência de alto padrão situada na divisa do parque, na Rua Frei Bernardino Tomat, possui visual privilegiado do parque. Na foto aparece o totem com o nome do parque, no estacionamento na parte inferior do parque.

Além da mudança do padrão das construções no entorno do parque, tanto residenciais como comerciais, a importância do parque pode ser deduzida pelos nomes dos condomínios e lojas que fazem referência ao parque: Residencial Tanguá I e II, Solar do Tanguá I e II, Tanguá Garden, Alameda Tanguá, Centro Comercial Tanguá, Delícias do Parque, Mercadinho do Parque Tanguá, entre outros. Vê-se também a criação de uma nova centralidade, na Rua Eugênio Flor esquina com a Rua Oswaldo Maciel, tanto pela concentração das atividades comerciais no Centro Comercial Tanguá, como pelo fluxo de tráfego do Residencial Tanguá I e II e do acesso principal ao parque.



FOTO 26 – RESIDÊNCIA TRADICIONAL
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 27 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS 2
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 28 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 29 – RESIDÊNCIAS TRADICIONAIS 3
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 30 – SOBRADOS
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 31 – BLOCOS RESIDENCIAIS
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 32 – SOBRADOS 2
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 33 – SOBRADOS 5
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 34 – SOBRADOS 3
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 35 – RESIDÊNCIA
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 36 – SOBRADOS 4
Fonte: BETAT (2008)



FOTO 37 – COMÉRCIO
Fonte: BETAT (2008)

A Legislação de Uso e Ocupação do Solo vigente durante a criação do parque era definida pela Lei Municipal nº 5.234/75. O Bairro Taboão e também o Pilarzinho encontravam-se em Zona Residencial Dois (ZR-2), uma zona de baixa densidade que permitia mais de uma moradia no lote e comércio e serviço vicinais – mercearia, açougues, leiterias, quitandas, farmácias, revistarias. Todos os outros usos eram proibidos. A altura máxima das edificações em ZR-2 eram 2 pavimentos. No entanto, a Rua Eugênio Flor, via coletora, pertencia ao Setor Especial das Vias Coletoras e das Vias Coletoras de Penetração, estabelecido pelo Decreto 354/87. Assim, nos terrenos com frente para a Rua Eugênio Flor, com profundidade máxima até o meio da quadra e limitado em 60 metros, os critérios de uso incluíam outras atividades além das especificadas para ZR-2, como moradias em série, habitações coletivas, comércio e serviço de bairro e setorial com área máxima construída de 400 metros quadrados. Entretanto, os parâmetros de ocupação se mantinham os mesmos da área atravessada, neste caso ZR-2, e, portanto, edificações com altura máxima de 2 pavimentos. Neste contexto, a construção do Residencial Tanguá I e II, com blocos de 4 pavimentos, não era permitido.

A legislação de uso do solo foi reformulada no ano 2000 e novos parâmetros entraram em vigor. Pela Lei 9.800/00, a área do entorno do parque permaneceu como ZR-2, porém os parâmetros de uso e ocupação para esta zona sofreram modificações. Novos usos foram permitidos, atualizando-se às demandas da cidade, mas sem perder as características de zona residencial. Ainda era permitido mais de uma construção por lote, proporcional ao tamanho do lote, e a altura máxima das edificações se manteve 2 pavimentos. Nas ruas Eugênio Flor e Desembargador José Carlos Ribeiro Ribas, classificadas como Vias Coletoras 1, os parâmetros de uso e ocupação foram definidos pelo Decreto 188/00, que dispõe sobre os Setores Especiais do Sistema Viário Básico. Apesar da ampliação de usos, a altura máxima permitida deveria manter-se a mesma da zona atravessada, no caso, 2 pavimentos. Entretanto, o dispositivo de lei que permitiu a construção do condomínio com blocos de 4 pavimentos foi a transferência de potencial construtivo, regulamentada pela Lei 9.803/00. Conforme o artigo 1º da lei:

O proprietário de um imóvel impedido de utilizar plenamente o potencial construtivo definido na Lei de Zoneamento e Uso do Solo, por limitações urbanísticas relativas à proteção e preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Natural e Ambiental, definidas pelo

Poder Público, inclusive Tombamento, poderá transferir parcial ou totalmente o potencial não utilizável desse imóvel, mediante prévia autorização do Poder Público Municipal, obedecidas as disposições desta lei. (PMC, 2000, p.72).

Assim, pelos parâmetros constantes na Lei de Transferência do Potencial Construtivo, o terreno pertencente ao Setor das Vias Coletoras 1, que atravessa ZR-2, para o uso habitação coletiva pode ter o coeficiente de aproveitamento até 1,5 e a altura máxima permitida de 4 pavimentos.

Em 18 de setembro de 2002 foi criado o Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá, instituído pelo Decreto Municipal nº 673/02 (ver anexo C). A criação do setor especial teve como objetivo principal a proteção e conservação dos recursos naturais existentes, através da regulamentação da ocupação no entorno do parque. O Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá compreende três áreas: a área do parque em si, de propriedade do município; o Setor de Amortecimento do Parque Natural Municipal Tanguá, de interesse do município para incorporação na área do parque; e o Setor de Transição do Parque Natural Municipal Tanguá, onde os parâmetros ocupação do solo ficam restritos aos estabelecidos na Lei 9.800/00 para ZR-2, sem a permissão de incentivos construtivos⁸. Além dos imóveis do Setor de Amortecimento, imóveis do Setor de Transição também poderão ser incorporados ao domínio público, se de interesse do município. No setor da zona de amortecimento, será tolerada a ocupação com uma residência unifamiliar por lote até o imóvel seja incorporado ao domínio público. Este aspecto vai de encontro ao modo de ocupação tradicional no bairro, com mais de uma casa por lote. Outro aspecto a destacar é a legislação referente às vias coletoras 1, que seguem os parâmetros do Decreto nº 188/00, a exceção da concessão de incentivos construtivos e acréscimo de potencial construtivo e pavimentos. Neste caso, com a vigência da Legislação para o Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá, não é possível utilizar o dispositivo legal que permitiu a construção do Residencial Tanguá e que limita, agora, a construção acima de 2 pavimentos.

A partir da criação do Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá, as prioridades descritas no Plano de Manejo (conforme apresentado no capítulo 02) são instrumentalizadas legalmente. Pode-se verificar a ênfase à preservação

⁸ Como a Transferência de Potencial Construtivo, acréscimo de pavimentos ou do coeficiente de aproveitamento.

ambiental na área, sem que o zoneamento permita adensamento. As restrições, por outro lado, podem elitizar a região: apesar do potencial construtivo dos terrenos ser baixo, característico de ZR-2, o solo na região se torna mais caro também pela escassez, possível para os públicos solventes e distante para as camadas mais populares. Como tem pouca área construída, ela passa a valer muito. Este é um risco possível, principalmente em função do *status* do parque.

3.3. Parque Tanguá e Arquitetura

Inicia-se a descrição e análise da arquitetura do parque com uma pergunta pertinente: O Parque Tanguá seria o mesmo sem a imagem do Belvedere e do Jardim Poty Lazzarotto?

O impacto cênico da edificação na parte superior do parque torna-o um elemento marcante na paisagem e fundamental para a identidade do parque. É o que Lynch (1996) denomina “pontos marcantes” ou “marcos referenciais”, elementos em que o seu uso implica distinção ou evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos, e que são usados como indicações de identidade e até de estrutura.

Concebido na esteira da grande produção de equipamentos culturais e de lazer em Curitiba no início dos anos 90, o Parque Tanguá se insere no contexto da criação de marcos simbólicos da cidade associados à imagem urbana (ver subseção Parque Tanguá e imagem urbana). Sánchez (1995, p. 88-89), ao analisar a importância da coerência da linguagem arquitetônica da Ópera de Arame, Rua 24 Horas e Jardim Botânico na construção da imagem sintética de Curitiba, destaca “a importância da arquitetura enquanto um dos campos de saber especializados que contribui, junto com investimentos de outros campos de saber, para a construção da imagem sintética”.

[...] as diversas ações fragmentárias das últimas gestões administrativas [de Curitiba], que criaram uma imagem espetacular, reforçando a idéia do ócio, são elementos do mundo pós-moderno, onde a arquitetura e o urbanismo ganharam novas atribuições, como a de expressar a ‘identidade’ dos lugares, intensificar ‘laços

emocionais' entre o homem e seu ambiente e criar novos marcos referenciais urbanos. (CASTELNOU, 2006, p. 68).

Ao analisar a relação entre forma, função e estrutura dos elementos do Parque Tanguá, pode-se verificar o destaque ao aspecto estético da edificação do belvedere. Para compreender o atual contexto, é necessário retroceder no tempo e contemplar os demais aspectos, desde a infra-estrutura atual ao histórico de implantação dos projetos e às intenções projetuais – a origem do que se queria com o espaço do parque e, conseqüentemente, o espaço edificado.

A área do Parque Tanguá possui topografia peculiar, caracterizado por um platô na parte superior do parque e desnível de aproximadamente 65 metros em relação à parte inferior, na área das pedreiras e próxima ao rio. Conforme o engenheiro Reinaldo Pilotto (informação verbal)⁹, a situação topográfica do parque apresentava-se clara aos técnicos da SMMA quando do início dos projetos do parque, condição diversa do Parque Tingüi, na época recém-inaugurado. Dividido em dois projetos diferentes, a parte inferior do parque ficou sob a responsabilidade da SMMA e a parte superior ficou a cargo do arquiteto Rodolfo Doubek Filho. Os projetos foram realizados concomitantemente, porém sua implantação seguiu tempos diferentes em função das empresas contratadas para a execução dos serviços.

Os técnicos da SMMA tiveram total liberdade para realização do projeto do parque, que seguiu as diretrizes conceituais de outros parques e equipamentos urbanos. Assim, na parte inferior do parque foram utilizados toras de eucalipto, com tipologia arquitetônica semelhante à Unilivre, ao Parque Passaúna e outros elementos presentes em parques da cidade, que remetem a rusticidade e uso de materiais ecológicos, sugerindo a proximidade com a natureza. Intencionalmente, todos os elementos edificados que eram usados na extração de pedras, quando do funcionamento das pedreiras, permaneceram como registro histórico¹⁰, conforme o engenheiro Pilotto (informação verbal)¹¹. Ainda segundo o engenheiro, foi utilizado o arruamento existente e houve pouca demanda para a criação do lago na parte inferior, pois devido à extração de pedras, a área escavada já existia e foi necessário apenas fazer um dique para estancar a água dos córregos e manter o nível do lago – que é de aproximadamente 1,5 metros, com leito de pedras.

⁹ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

¹⁰ Não há sinalização indicativa ou informativa destes elementos no parque.

¹¹ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

Liccardo, Piekarz e Salamuni (2008), em publicação sobre geoturismo em Curitiba, comentam que o lago preenche a antiga “praça” de mineração, de onde as rochas foram extraídas com explosivos e máquinas. Enquanto do funcionamento das pedreiras, a água era bombeada constantemente para que se pudesse baixar o nível do lençol freático. Com a paralisação das atividades o nível freático foi normalizado, formando a atual lâmina d’água. Esta, entre outras informações, enriquece a visita ao parque, porém não há registro, exposição ou pessoa qualificada que informe em roteiro orientado pelo parque, denotando a carência de informações ao público.

O túnel que liga as pedreiras não foi previsto em projeto, e foi definido durante a execução das obras da parte inferior. Para a perfuração do túnel foi contratada a Construtora Pussoli, que possuía *know how* para o tipo de trabalho a ser executado e, mesmo assim, durante a escavação ocorreu um acidente com óbito. As fotos da escavação do túnel podem ser vistas nas fotos 10 e 12 (página 44). Conforme o engenheiro Pilotto (informação verbal)¹², os técnicos da SMMA estudaram a possibilidade de implantar aquários nas paredes do túnel, a pedido do prefeito Rafael Greca, no entanto não encontraram solução viável para tal. Também foi cogitada a passagem do Rio Barigüi por dentro do túnel, possibilidade logo descartada em função da diferença de nível e, portanto, impossibilidade do rio subir. As edificações da parte inferior do parque – lanchonete, mirante, rampas, pórtico e pontes - são construídos com toras de eucalipto, alvenaria e telhas cerâmicas (fotos 40, 41 e 42). São edificações que sugerem mais proximidade com o campo e a natureza. Mesmo as luminárias e a sinalização indicativa da parte inferior são mais rústicas e simples (fotos 52, 55 e 58). Duas edificações – barracões de obras – utilizadas pela Cavo foram aproveitadas para sediar a área administrativa do parque e, na época da implantação até meados de 2008, o posto da Guarda Municipal (foto 49). Até a data deste trabalho, a lanchonete não estava em funcionamento e o acesso a rampa e ao *deck* permanecia impedido. Deste modo a parte inferior do parque estava sem banheiros abertos para uso e sem a possibilidade dos visitantes permanecerem na lanchonete, em uma mesa no *deck*, sobre o lago.

Conforme o arquiteto Rodolfo Doubek Filho (informação verbal)¹³, a diretriz projetual da parte superior do parque continha, como elemento principal, a edificação de um “Palácio de Inverno”, que serviria como sala de concertos e exposições. Em Curitiba,

¹² Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

¹³ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

naquele momento, não havia um local pequeno para sediar este tipo de evento. Deste modo, seriam implantadas duas edificações no início do platô onde está o Jardim Poty Lazzarotto, interligadas por uma cobertura de vidro com uma escultura de cavalos alados na parte superior. A escultura escolhida era do artista plástico Ricardo Tod, responsável também pela escultura do cavalo no chafariz da Praça Garibaldi. A implantação, com a localização das duas edificações, e a foto da escultura que seria colocada na cobertura estão no anexo D. O Jardim Poty Lazzarotto foi projetado como complemento das edificações, para que não ficassem dois edifícios “soltos” no espaço. Como a proposta das edificações remetia ao modelo europeu de salas de concerto, o jardim deveria seguir características alusivas a estas salas, utilizando-se de elementos de jardins europeus, que podem ser vistos em todo o mundo, com espelho d’água e formas geométricas criando uma perspectiva para a edificação, localizada no final do jardim. Para o jardim não foi utilizado modelo rígido de paisagismo, ele devia acompanhar as edificações e acabar no mirante, para que o visitante que saísse das edificações passasse pelo jardim até chegar ao mirante. As edificações seriam implantadas em nível mais alto que o nível do jardim, porém, como as salas de concerto e exposições não foram executadas, os visitantes sobem as escadas, tem a vista geral do jardim e belvedere, e descem a escada para acessá-los (foto 47). O engenheiro Reinaldo Pilotto (informação verbal)¹⁴, responsável pela obra, informou que o jardim foi executado na forma original, prevista no projeto, inclusive com o aterro para elevar a área onde seriam implantadas as edificações, criando um desnível no acesso; posteriormente, foi realizado um acesso em nível pela lateral direita do jardim, conforme foto 48. Durante a execução da parte superior a única alteração, além da supressão das edificações, foi o recuo de todo o jardim e belvedere, em função das sondagens do solo para a execução das fundações. O belvedere inicialmente avançaria mais sobre a parede de pedras, porém a rocha já havia sofrido muitos abalos pelas explosões sucessivas, em anos de exploração das pedreiras na parte de baixo, e assim, por questões de segurança, o projeto foi recuado. A execução das fundações foi feita minuciosamente, com micro-estacas escavadas na rocha, priorizando a segurança.

¹⁴ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

Sobre a alusão à arquitetura europeia no projeto do belvedere, o arquiteto Doubek¹⁵ comentou que muitos elementos são recorrentes em seu trabalho, influências de uma arquitetura que é internacional, como o uso de colunas e colunatas, neste caso, evocadas no belvedere e estilizadas no pórtico de entrada da parte superior do parque.

O Jardim Poty Lazzarotto possui características da arquitetura pós-moderna em seu veio historicista, incorporando e estilizando elementos significativos de diferentes épocas e lugares, com destaque para o aspecto estético do conjunto, jardim e mirante. A forma semicircular do belvedere e as linhas verticais remetem à Itália, suas praças circulares e Coliseu – mantidas as devidas proporções. As linhas são geométricas, e os cheios e vazados criam uma composição com aspecto lúdico, uma arquitetura que alude ao passado sem deixar de ser explicitamente contemporânea, e, portanto, ao mesmo tempo divertida. O belvedere é marcado por torres panorâmicas nas extremidades, lembrando fortificações ou torres de castelo, motivo para que muitas vezes se refiram ao belvedere como “o castelo do Parque Tanguá”, como em Barcellos (2001) e Andrade (2002). O jardim é geométrico, com chafarizes e espelhos d’água, suas linhas convergem para o belvedere, indicam o caminho para a edificação, nos moldes dos jardins franceses e dos renascentistas. Enfim, sobressai o caráter estético e a identificação com elementos da arquitetura europeia. O pórtico de entrada do Jardim Poty Lazzarotto é composto por uma arquitrave com colunas estilizadas, emoldurado por palmeiras características de construções pós-modernas - como *shoppings*, por exemplo -, conforme foto 43.

Silva (2004, p. 42) identifica como principal característica do edifício pós-moderno “a miscelânea de estilos diferentes no tempo e no espaço”, que assume “a estética como ponto de partida do projeto”. O sucesso entre o público se dá “por conta da fantasia decorativa e da exuberância formal”. Harvey (2007, p. 58), chama a atenção para “o abandono do sentido de continuidade e memória histórica” característicos do pós-modernismo, como aspectos que apontam para a superficialidade das experiências, o caráter imediato dos eventos, a imagem, a aparência, o espetáculo.

Os exemplos mais próximos da arquitetura pós-moderna exibida nos grandes centros urbanos são fachadas coloridas, a mistura de estilos e a revitalização de prédios e residências. Nos espaços públicos

¹⁵ Entrevista concedida em 14 jan. 2009, a esta autora.

pode-se observar as influências do pós-modernismo nos pisos estampados e coloridos, formando desenhos, na inserção de grandes objetos esculturais, para recreação ou simples decoração, e no destaque do projeto de comunicação visual e mobiliário urbano. A intenção é identificar o lugar como novo, alegre e diferente dos demais. O pós-modernismo não é uma nova tendência nas cidades turísticas, mas certamente é um estilo bem acolhido em espaços urbanos que possuem a função primordial de entreter. Neste sentido o pós-modernismo pode ser considerado a arquitetura do espetáculo e da fantasia. (SILVA, 2004, p. 45).

Estas características são identificadas no Jardim Poty Lazzarotto? Muitos dos aspectos descritos encontram ressonância com o jardim e o belvedere. E, certamente, o espaço seria mais espetacular se o projeto tivesse sido implantado na íntegra, com o Palácio de Inverno e a escultura de cavalos alados. Arrisca-se dizer que a repercussão na mídia seria enorme pelo impacto cênico da edificação: mais que a função de sala de concertos, seria a forma da sala de concertos o *gran finale*, ápice do espetáculo.

Novamente é importante perguntar: “O Parque Tanguá teria o mesmo apelo para o turismo não fosse o Jardim Poty Lazzarotto”? A quantidade de turistas que vão conhecer o parque, apreciar a paisagem que a altura do paredão de pedra permite, se deslocaria até o local não houvesse um atrativo a mais, não houvesse a força da imagem do belvedere? Por certo é um questionamento simplista, pois entende-se que o parque tem um apelo turístico muito grande construído não por si só, mas no contexto dos parques e equipamentos culturais da cidade.

Oliveira (2000) destaca a substituição da concepção modernista da cidade, presente desde o Plano Diretor de 1966, para uma reorientação no sentido do pós-modernismo - na terceira gestão do prefeito Jaime Lerner -, da arquitetura do espetáculo mais afeita aos objetivos contemporâneos da competição pela atração de investimentos entre as cidades. Os símbolos da modernidade curitibana do início dos anos 90, o Jardim Botânico, a Ópera de Arame e a Rua 24 Horas apresentam características da arquitetura pós-moderna, construídos em ferro e policarbonato, com referências a arquitetura européia. O Jardim Botânico remete aos antigos palácios de cristal ingleses, a Ópera de Arame, a Ópera de Paris, e a Rua 24 Horas remete às galerias francesas do século XIX. (SANCHEZ, 1995; ANDRADE, 2001). É a coerência da linguagem arquitetônica com o discurso e imagem sintética, analisado por Sanchez (1995), já citado. As ações da gestão posterior mantiveram a linguagem pós-moderna, mas utilizando características e materiais construtivos

diferentes: o ferro e policarbonato deram lugar às edificações coloridas, com elementos históricos ou estilização destes elementos. Além dos 10 bosques e parques criados na gestão Greca, foram construídos sete memoriais em homenagem às etnias que ajudaram a construir a cidade: Memorial de Jerusalém, Memorial Árabe, Memorial da Cidade, Memorial Italiano, Memorial da Ucrânia, Memorial Alemão e Memorial de Portugal, alguns deles situados no interior dos bosques ou parques. Os elementos arquitetônicos emblemáticos, as réplicas e os elementos que remetam à alguma etnia são largamente utilizados. O Bosque Alemão possui mirante em madeira rústica e uma trilha com azulejos, além de portal de entrada com características historicistas, lembrando uma fachada antiga. No Bosque de Portugal há um caminho delimitado por pilares com azulejos pintados a mão com poesias de autores brasileiros e lusitanos, denominado Alameda dos Cantares. O Bosque Italiano possui uma arcada com colunas neo-românicas e a réplica da primeira Igreja Matriz de Santa Felicidade. (ANDRADE, 2001).

A intenção de uniformidade visual entre as obras, além de certa coerência entre a linguagem arquitetônica utilizada, pode ser verificada na escolha das luminárias do Jardim Poty Lazzarotto, que na entrada principal apresenta réplicas das luminárias da Praça Eufrásio Correia - também utilizadas em outros monumentos de Curitiba (foto 53) e no restante do jardim apresenta as luminárias republicanas, existentes na Rua XV de Novembro e em outros locais (foto 54).

Desde os detalhes, da concepção arquitetônica à da definição do mobiliário urbano, os equipamentos urbanos e edificações conferem uma base coerente e harmônica a imagem urbana. Pode-se questionar se, na condição atual, as ações pontuais e espaços fragmentados se interligam por meio de referências compartilhadas, formando uma trama que se sobrepõe ao tecido urbano e se entremeia, formando um novo tecido. Entende-se que os subsídios para começar a responder esta questão podem ser encontrados na amplitude da apropriação destes espaços mais do que na apropriação da imagem. Mas este aspecto será verificado no capítulo referente à apropriação. Por hora, é importante ressaltar a participação do Parque Tanguá neste processo e o papel da Linha Turismo na imagem urbana para o turismo, como é visto a seguir.



FOTO 38 – VISTA FRONTAL DO BELVEDERE
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 39 – PEDREIRA E BELVEDERE
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 40 – VISTA DO LAGO E DECK
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 41 – BELVEDERE VISTO DO MIRANTE
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 42 – CHURRASQUEIRA
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 43 – PÓRTICO SUPERIOR
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 44 – ESPELHO D'AGUA E BELVEDERE
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 45 – NÍVEIS DO BELVEDERE 2
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 46 – NÍVEIS DO BELVEDERE 1
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 47 – ESCADARIA DE ACESSO
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 48 – ACESSO EM NÍVEL
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 49 – EDIFICAÇÕES ADMINISTRAÇÃO
Autor: BETAT, 2009.



FOTO 50 – TÓTEM
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 51 – TÓTEM 2
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 52 – TÓTEM 3
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 53 – LUMINÁRIA
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 54 – LUMINÁRIA 2
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 55 – LUMINÁRIA 3
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 56 – SINALIZAÇÃO
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 57 – SINALIZAÇÃO 2
 Autor: BETAT, 2008.



FOTO 58 – SINALIZAÇÃO 3
 Autor: BETAT, 2008.

3.4. Parque Tanguá e a Linha Turismo

A Linha Turismo é um circuito urbano percorrido por ônibus especial, tipo jardineira, ligando pontos turísticos das regiões norte e central na cidade de Curitiba. Inaugurada em 1994, a Linha Turismo passou por diversas modificações de itinerário, desde a primeira iniciativa de circuito turístico urbano em ônibus na cidade. O Parque Tanguá foi incorporado à Linha Turismo em 25 de outubro de 1997 (URBS, 2008).

A Linha Turismo tem importante papel na turistificação dos espaços urbanos, ao considerar-se que percorre determinados atrativos turísticos e que ela própria assume, para alguns turistas, o caráter de atrativo. Os quadros 2, 3 e 4 referem-se aos atrativos mais visitados nos anos de 2000, 2001 e 2003, respectivamente, a partir de pesquisa de demanda realizada pelo órgão oficial do turismo no estado do Paraná (SETU/Paraná Turismo).

Nome do atrativo	Citações
Jardim Botânico	542
Ópera de Arame	422
Parque Barigüi	277
Parque Tanguá	219
Parques	156
Shopping	155
Santa Felicidade	123
Estação Plaza Show	120
Rua 24 Horas	111
Rua XV de Novembro	111

QUADRO 2 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2000.

Fonte: Paraná Turismo, 2001 (*apud* RIBEIRO, 2005).

Os dados do quadro 2, em números absolutos, demonstram que entre os dez atrativos mais citados pelos turistas entrevistados no ano 2000, oito pertenciam a Linha Turismo na data da pesquisa: Jardim Botânico, Ópera de Arame, Parque Barigüi e Tanguá, Bairro de Santa Felicidade, Estação Plaza Show e Rua 24 Horas. No quadro 3, também em números absolutos, dos treze atrativos citados no ano de 2001, nove atrativos estão no itinerário da Linha Turismo e neste ano, a própria Linha Turismo aparece como um atrativo. Cabe destacar que, semelhante aos resultados obtidos em 2000, ainda são citados como atrativos os parques de modo

geral, assim como os *shoppings*, e no ano 2001 figura na lista o zoológico - atrativo fora da Linha Turismo e distante da região central da cidade -, em último lugar nas citações mas mesmo assim lembrado por 27 entrevistados.

Nome do atrativo	Citações
Jardim Botânico	213
Ópera de Arame	178
Parque Tanguá	149
Parque Barigui	141
Santa Felicidade	111
Shopping	109
Passeio Público	50
Rua XV de Novembro	43
Linha Turismo	40
Rua 24 Horas	37
Parques	32
Parque Tingui	31
Zoológico	27

QUADRO 3 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2001.

Fonte: Paraná Turismo, 2002 (*apud* RIBEIRO, 2005).

No ano de 2003, a pesquisa realizada pela Secretaria de Estado do Turismo apontou novamente a Linha Turismo como um atrativo turístico da cidade de Curitiba, conforme quadro 4.

Nome do atrativo	Citações (%)
Parques	22,2
Jardim Botânico	17,5
Ópera de Arame	14,3
Shopping	8,3
Santa Felicidade	6,3
Museus	5,8
Rua XV / Rua 24 Horas	5
Largo da Ordem	3,9
Zoológico / Passeio Público	3,4
Outros	2,2
Linha Turismo	1,9
Bosques	1,6
Teatros	1,6

QUADRO 4 – ATRATIVOS MAIS VISITADOS EM 2003.

Fonte: Paraná Turismo, 2003 (*apud* RIBEIRO, 2005).

Apresentado em percentuais, os dados coletados em 2003 mostram que sete pontos dentre os quinze citados pertencem ao itinerário da Linha Turismo, e outros seis pontos são genéricos (parques, shopping, museus, bosques, teatros e outros). Neste ano, o Parque Tanguá não foi citado como atrativo turístico de Curitiba, diferentemente das pesquisas anteriores em que esteve entre os quatro mais lembrados pelos entrevistados.

Os dados expressos pelos quadros 2, 3 e 4 demonstram que atrativos pertencentes a Linha Turismo estão entre os mais lembrados pelos turistas participantes das pesquisas. Ejarque (2005) salienta o caráter prático e financeiramente acessível dos circuitos turísticos percorridos em ônibus especial, pois apesar do itinerário e pontos previamente estabelecidos, o turista pode embarcar e desembarcar várias vezes, adaptando o seu próprio itinerário a um custo relativamente baixo. Se, por um lado, o turista se beneficia com o acesso facilitado a pontos de interesse turístico que a Linha Turismo proporciona, visto por outra ótica os circuitos urbanos podem restringir a visão do turista de que há mais pontos de interesse além dos constantes no itinerário do circuito. Sánchez (1998) relaciona a criação dos circuitos turísticos urbanos com o estabelecimento de áreas urbanas de uso exclusivo pelos turistas, em uma apropriação que segrega os moradores. A partir dos estereótipos construídos pela seleção de imagens atrativas decorrentes de estratégias comuns das administrações municipais, promotores do turismo e meios de comunicação, os turistas chegam com demandas definidas, dirigidas pela imagem dominante e reforçadas pelos roteiros pré-estabelecidos. Neste sentido, tendem a repetir um discurso, pois não adquirem visões próprias da cidade.

A Linha Turismo, desde 1994, passou por várias modificações de itinerário. No entanto, o primeiro circuito turístico urbano de Curitiba iniciou em 1990 com a Linha Pro Parque. As mudanças de nome do circuito, criação de novos itinerários e fusão de linhas, além da inclusão e exclusão de determinados pontos, apresenta relação com as políticas públicas de promoção urbana e reflete mudanças de gestão pública.

A Linha Pró Parque foi inaugurada em 1 de dezembro de 1990 pelo então prefeito Jaime Lerner, com o objetivo de permitir ao turista e à população da cidade facilidade de acesso entre o centro e os parques urbanos de Curitiba. Inicialmente, possuía cinco roteiros diferentes, todos com saída do Passeio Público (CTUR, 2007). A ecologia e o discurso ecológico deram o tom ao governo do prefeito Jaime

Lerner, entre 1989 e 1992. Além da criação de parques e de programas de reciclagem de lixo, o discurso oficial ambientalista era sustentado pelo reconhecimento e prêmios internacionais, no âmbito da ecologia, obtidos pela cidade desde 1990. Em 1992, Curitiba foi apresentada pela municipalidade como uma verdadeira “capital ecológica”. (OLIVEIRA, 2001). A Linha Pró Parque tanto fazia parte deste projeto de governo, como ajudava a legitimar o discurso. A figura 2 mostra o mapa integrante do *folder* da Linha Pró Parque.

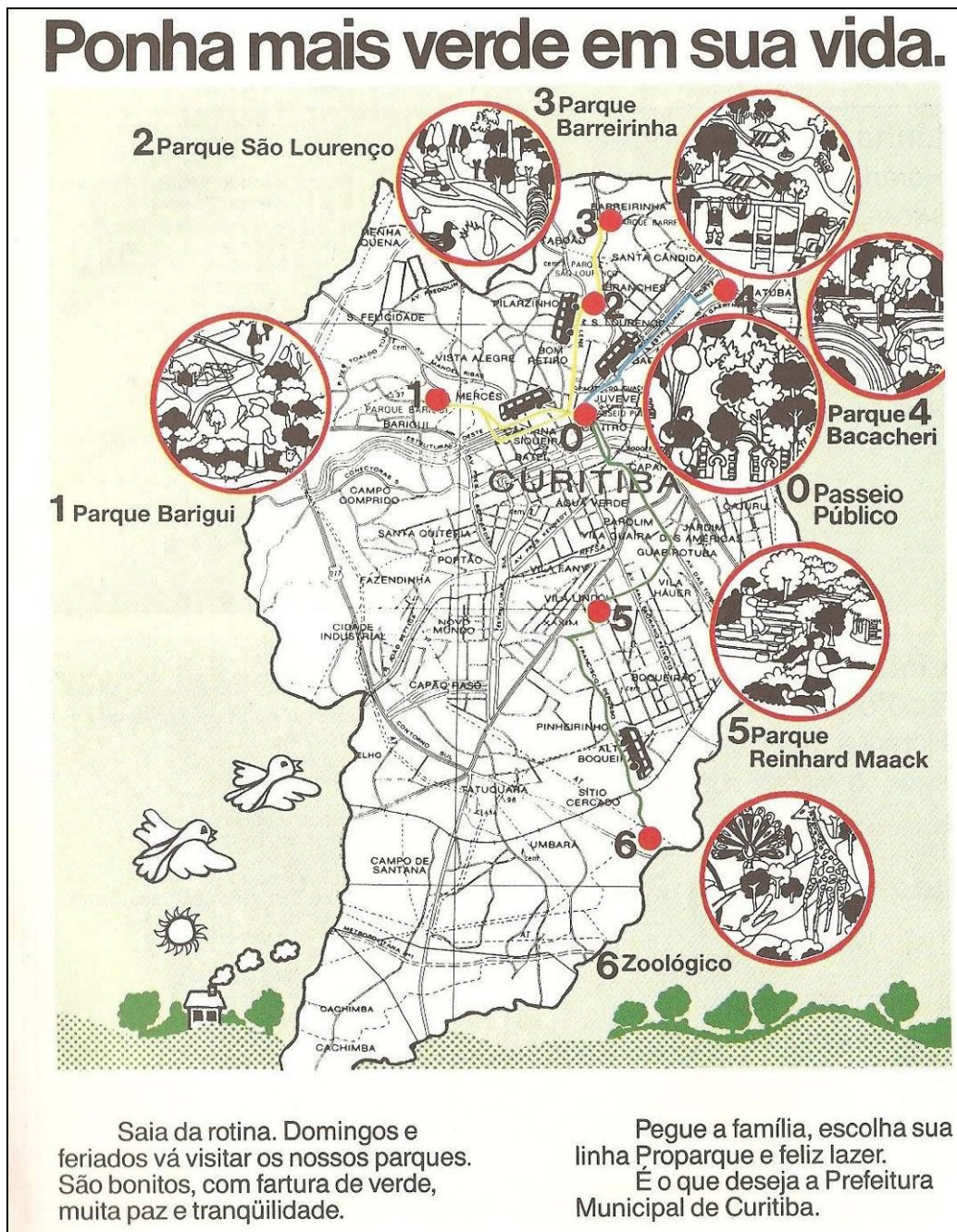


FIGURA 2 – MAPA INTEGRANTE DO FOLDER DA LINHA PRÓ PARQUE

Fonte: PMC, [1990].

Em 9 de julho de 1994 o prefeito Rafael Greca de Macedo inaugurou a Linha Turismo, roteiro de cultura e lazer, com percurso de 33 km ligando 16 marcos histórico-culturais da cidade de Curitiba em 2 horas de passeio. O roteiro iniciava e terminava na Praça Tiradentes, passando pelo Jardim Botânico, Parque das Pedreiras/Ópera de Arame, Rua 24 Horas, Torre das Mercês, Universidade Livre do Meio Ambiente, Setor Histórico/Ruínas de São Francisco, Teatro Paiol, Teatro Guaíra, prédio central da Universidade Federal do Paraná, Campus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Passeio Público, Bosque do Papa, Bosque Gutiérrez/Memorial Chico Mendes e Parque São Lourenço. Desde a inauguração até um mês após a criação da Linha Turismo era cobrada tarifa de R\$ 0,80 para cada embarque ou reembarque, quando foi modificado o sistema de cobrança da tarifa. No novo modelo, o usuário adquiria uma cartela com tíquetes descartáveis com validade permanente, que possibilitava um embarque e três reembarques pagando um valor único pela cartela, no caso R\$ 3,00. Assim, o usuário poderia descer nos pontos de interesse pessoal e seguir o trajeto nos ônibus seguintes, que passavam de 30 em 30 minutos, ou ainda, caso não usasse todos os tíquetes no mesmo dia, utilizá-los posteriormente (CTUR, 2007).

O *folder* distribuído aos usuários da Linha Turismo continha saudação assinada pelo prefeito Rafael Greca ilustrativa das principais abordagens da municipalidade na época, e que se mantiveram, com adaptações, nas gestões posteriores:

O Olhar do outro

Linha Turismo.

A jardineira branca segue as **trilhas da memória e da modernidade**, desvendando Curitiba aos que chegam.

É a cidade no olhar de paixão dos seus habitantes.

É a Curitiba generosa que se faz cenário ao olhar do outro.

Paisagem e espírito humano.

Criatividade e um jeito todo próprio de moldar o futuro.

Curitiba espaço e Curitiba gente.

A você, turista, as boas vindas de todos nós, curitibanos de berço e de opção.

Aproveite, em seu rito de passagem, o que temos de melhor.

Sinta Curitiba com o olhar da sensibilidade, da crítica, da aguda observação.

Mergulhe no verde de nossos parques.

Anime as pedras dos calçadões, as paredes históricas, as estruturas metálicas da nova arquitetura.

Conheça nossa arte e nosso artesanato.

Respire nossa cultura.

E leve, de todos nós, a mais justa das impressões.

Volte sempre.
Tenha a melhor das estadas e faça bons negócios.
Saudações curitibanas.
(FENIANOS; MENDONÇA; URBAN, 1994, p. 3, grifo nosso)

Os trechos destacados assinalam a convivência entre modernidade e história, planejar o futuro valorizando o passado, suscitam o planejamento urbano, a cultura e a ecologia. E ainda destacam o valor humano caminhando junto com o valor espacial (construído) da cidade, abordagem que foi enfatizada em gestões posteriores. Entretanto, aqui o destaque se manteve centrado na ecologia e na cultura.

Outro fato que demonstra as ações de valorização histórico-culturais associadas ao discurso ecológico foi a implantação de um novo circuito turístico no último ano de mandato da gestão. Para homenagear as etnias que ajudaram a formar a cidade, em 07 de setembro de 1996 o prefeito Rafael Greca de Macedo inaugurou a Linha de Volta ao Mundo, passando pelos memoriais destas etnias e permitindo a integração com a Linha Turismo nos pontos de parada da Praça Tiradentes, Memorial Árabe, Bosque Alemão e Parque Barigüi. O percurso possuía 44 km e era realizado em 2 horas, inicialmente com intervalos de 1 hora entre cada jardineira e posteriormente, 45 min. O itinerário da Linha Volta ao Mundo incluía a Praça Tiradentes, Memorial Árabe, Colégio Cajuru, Praça das Nações, Bosque de Portugal, Graciosa Country Club, Bosque do Papa, Bosque Alemão, Memorial Ucrainiano, Portal Italiano de Santa Felicidade, Igreja de São Demétrio, Fonte de Jerusalém, Memorial Japonês, Praça da Espanha e Arcadas de São Francisco/Setor Histórico, alguns destes atrativos inaugurados na própria gestão (CTUR, 2007).

No mandato do prefeito Rafael Greca, além da manutenção da ênfase ecológica do governo anterior, houve grande destaque à cultura e às etnias dos povos que contribuíram para a formação “da cultura curitibana”, especialmente imigrantes europeus. A criação de vários monumentos e memoriais em homenagem às etnias e a própria criação da Linha Volta ao Mundo são exemplos desta gestão. Em reportagem do Jornal Diário Popular, de 25 de agosto de 1996, poucos dias antes da inauguração da Linha Volta ao Mundo, o então prefeito Rafael Greca declarava:

Vamos mostrar a Curitiba receptiva a povos de todo o mundo e, ao mesmo tempo, enfatizar sua condição de cidade inovadora em

atitudes ambientalmente corretas. A diversidade da população e os cuidados ecológicos são duas riquezas da nossa cidade.

Para o jornal Gazeta do Povo, em 7 de setembro de 1996, o prefeito sintetizava o enfoque recorrente nas ações de sua gestão, ao falar sobre a Linha Volta ao Mundo: “Vamos explorar dois atributos de Curitiba: a diversidade do seu povo e a sua condição de cidade ecológica”.



FIGURA 3 – FRENTE E VERSO CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DA LINHA VOLTA AO MUNDO
Fonte: PMC, 1996.

No primeiro ano do mandato do prefeito Cássio Taniguchi, em 1997, a Linha Turismo e a Linha Volta ao Mundo sofreram uma fusão e foram transformadas em apenas uma linha. O nome do circuito permaneceu Linha Turismo e incorporou atrativos da Linha Volta ao Mundo. Com a mudança, passou, então, a percorrer 22 pontos turísticos mantendo o sistema de cobrança de tarifa por cartela, com direito a um embarque e três reembarques. (CTUR, 2007). É neste momento que a jardineira inclui o Parque Tanguá no itinerário, com parada na Rua Oswaldo Maciel. Na data da implantação do ponto no Parque Tanguá, no mês de novembro, ainda não haviam sido inaugurados o Jardim Poty Lazzarotto e a estrutura da parte superior do parque, fato que somente ocorreu em junho do ano seguinte. Mesmo assim, quando foi implantado o ponto da jardineira no Parque Tanguá, a Linha Turismo já era um circuito consolidado, conhecido e embasado pelo histórico das linhas Pro Parque e Volta ao Mundo, esta que operou concomitantemente à Linha Turismo no ano de 1996. A divulgação dos circuitos fortaleceu a Linha Turismo, que permanece até os dias de hoje (ano base: 2008) como opção bastante procurada por turistas e também por moradores da cidade de Curitiba.

A evolução do uso da jardineira da Linha Turismo pode ser observada no gráfico 1, pelo número de embarques e reembarques (tíquetes utilizados), em valores absolutos.

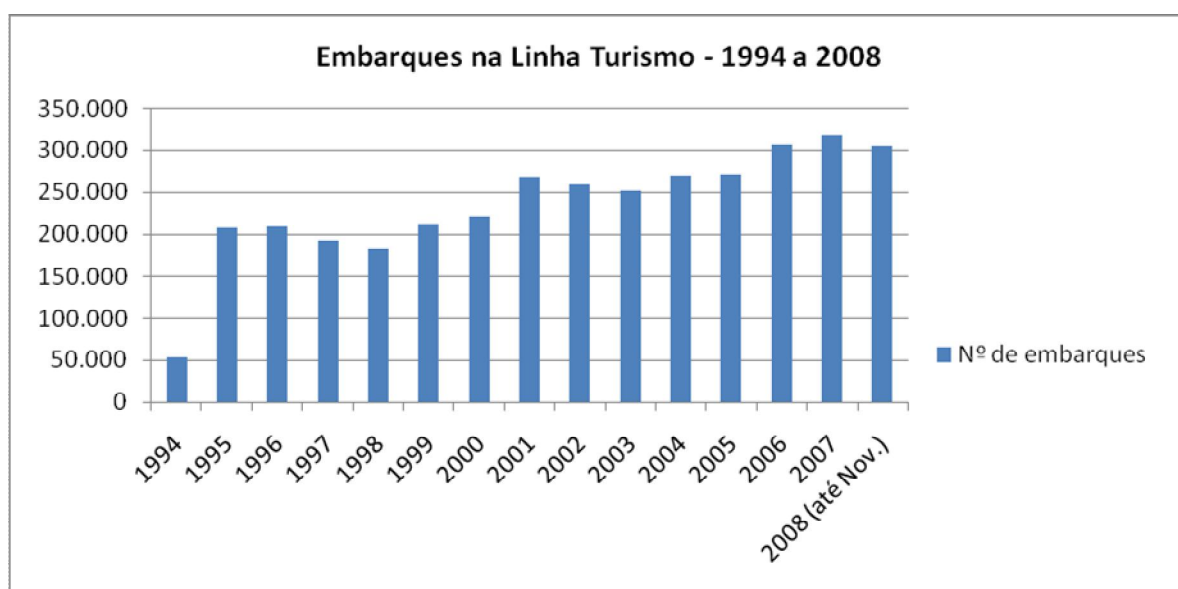


GRAFICO 1 – EMBARQUES NA LINHA TURISMO – 1994 A 2008.

Fonte: CTUR, 2008.

O gráfico 1 demonstra o crescimento de utilização da Linha Turismo, que nos anos de 2006, 2007 e 2008 (dados parciais, até o mês de novembro) ultrapassou o número de 300.000 embarques. Cabe ressaltar que esta demanda é calculada pela quantidade de tíquetes utilizados e não reflete o número de pessoas que utilizaram o transporte.

A Linha Turismo é coordenada pelo órgão municipal responsável pelo turismo – CTUR - e operada por empresas privadas, permissionárias do transporte coletivo urbano de Curitiba, com gerenciamento da Urbanização de Curitiba S/A (URBS). O Setor de Estatísticas da URBS é responsável pela pesquisa de demanda da Linha Turismo, no entanto, não realiza periodicamente a estimativa de desembarques por atrativo, isto devido ao grande contingente de pesquisadores necessário para a atividade. Não foram encontrados dados publicados, de pesquisas oficiais, sobre a demanda por atrativo da Linha Turismo.

Em uma pesquisa não publicada, realizada pela URBS a pedido do CTUR¹⁶, nos dias 23 e 24 de janeiro de 1999, foram coletados dados de desembarque por ponto turístico, para identificação dos pontos da Linha Turismo mais visitados no final de semana em questão. A coleta de dados foi realizada com pesquisadores da URBS em cada ponto da Linha Turismo, contabilizando os desembarques em cada horário, nos dois dias do final de semana em questão. De um total de 1.933 desembarques, os pontos que mais receberam visitantes foram o Jardim Botânico, a Ópera de Arame e o Parque Tanguá, respectivamente. O percentual de desembarques no Jardim Botânico e Ópera de Arame é significativamente superior aos outros pontos da Linha Turismo, e cabe destacar o baixo percentual de desembarques na Rua 24 Horas, que juntamente com o Jardim Botânico e a Ópera de Arame são apontados por Sánchez (1995) como os principais produtos de “espetacularização urbana”, os mais veiculados pela mídia no início dos anos 1990. Em 1999, um dos últimos “produtos novos” apresentados pela Prefeitura de Curitiba era o Parque Tanguá e, especialmente, o Jardim Poty Lazzarotto, inaugurado no ano anterior. Assim, na data da pesquisa o Parque Tanguá era ainda uma novidade, e figurou como o terceiro atrativo mais visitado naquele final de semana. Há um aspecto importante a ressaltar: como determinados pontos da Linha Turismo localizam-se na região

¹⁶ Acervo pessoal de Angela Maria Porcote, funcionária da CTUR, disponibilizado a esta autora em dezembro de 2008. Inclui os originais das planilhas utilizadas pelo Setor de Controle e Estatística da URBS.

central, como é a situação da Rua 24 Horas, há a possibilidade de visita a estes atrativos sem o uso da Linha Turismo, que permite o acesso facilitado a atrativos mais distantes da região central. Assim, os dados da pesquisa não refletem os atrativos mais visitados de Curitiba, mas sim os atrativos mais visitados da Linha Turismo. Na data da pesquisa a Linha Turismo contava com 20 pontos e os dados coletados, em valores absolutos e em percentuais, encontram-se no quadro 5.

Ponto Turístico	Desembarques	%
Jardim Botânico	386	19,97
Ópera de Arame	383	19,81
Parque Tanguá	251	12,98
Unilivre	168	8,69
Bosque Alemão	149	7,71
Santa Felicidade	135	6,98
Torre da Telepar	76	3,93
Parque Barigüi	69	3,57
Rua 24 Horas	65	3,36
Memorial Árabe	45	2,33
Largo da Ordem	39	2,02
Bosque do Papa	38	1,97
Rua das Flores	31	1,60
Rodoferroviária	26	1,35
Portal Italiano	23	1,19
Parque São Lourenço	18	0,93
Centro de Convenções	11	0,57
PaioI	9	0,47
Centro Cívico	6	0,31
Praça Rui Barbosa	5	0,26
Total	1933	100,00

QUADRO 5 – PONTOS DA LINHA TURISMO MAIS VISITADOS EM 23 E 24/01/99

Fonte: PORCOTE (acervo pessoal)¹, 2008.

Por meio de contato telefônico com o Setor de Controle e Estatística da URBS, em dezembro de 2008, o funcionário responsável se disponibilizou em fazer a tabulação de dados dos embarques no Parque Tanguá, através do cálculo total de embarques e parcial (por viagem) pela diferença de valores da catraca, correspondente ao final de semana de 19 a 21 de dezembro de 2008. Os dados obtidos² estão expressos no quadro 6, que apresenta os embarques totais na Linha Turismo tanto por dia como de todo o final de semana e os embarques específicos do Parque Tanguá, também

por dia e o somatório do final de semana. Como o foco de análise é o Parque Tanguá, não foram disponibilizados dados referentes aos embarques em outros pontos da Linha Turismo, e, assim, não é possível a comparação entre a demanda dos atrativos no final de semana correspondente. Cabe ressaltar que os dados foram tabulados especificamente para esta pesquisa.

	19/12 - sex	20/12 - sab	21/12 - dom	Total
Total de embarques na Linha Turismo	1.503	2.605	2.540	6.648
Total de embarques no Parque Tanguá	64	143	139	346
Percentual de embarques no Parque Tanguá	4,26%	5,49%	5,47%	5,20%

QUADRO 6 – EMBARQUES NA LINHA TURISMO E PARQUE TANGUÁ DE 19 A 21/12/08

Fonte: URBS (Setor de Controle e Estatística)¹⁷, 2008.

Verifica-se que houve um percentual de embarques no Parque Tanguá inferior a 10% do total de embarques na Linha Turismo no respectivo final de semana. Entretanto, devido à carência de pesquisas de demanda por atrativo da Linha Turismo, não há parâmetro de comparação confiável, e os dados podem não refletir o percentual médio de atratividade do parque para os usuários da Linha Turismo. Pode-se questionar se o baixo percentual de embarque no parque se deve ao fato e ele já não ser mais “uma novidade” como era em 1999, quando apresentou mais de 10% do total de desembarques, aqui entendido como sinônimo de demanda, visto a diferença para obtenção de dados entre as pesquisas expressas nos quadros 5 e 6. No entanto, faltam subsídios para confrontação de dados e hipóteses embasadas. A Linha Turismo passou a operar com veículos *double-decker*, com o piso superior aberto, “nos moldes de Londres, Paris, Madrid e Barcelona”, conforme notícia divulgada pela PMC (2008a), a partir de 15 de novembro de 2008. Os modelos *double-decker* tem o dobro da capacidade das antigas jardineiras, passando de 32 para 66 bancos e a capacidade total, de 76 para 92 pessoas. Para o presidente do CTUR, Luiz de Carvalho, os novos veículos deverão se tornar um grande atrativo do turismo na cidade, pois “A tradição de Curitiba em inovar se repete com estes novos

¹⁷ Informação fornecida por Sérgio Luis de Oliveira, do Setor de Controle e Estatística da URBS, por correio eletrônico em 22 de dezembro de 2008.

modelos trazidos para a Linha Turismo, que são pioneiros no Brasil". Na declaração do presidente do CTUR encontra-se novamente o discurso da inovação e da criatividade curitibana e a comparação com as soluções européias, já que a notícia cita a similaridade do modelo de ônibus inaugurado em Curitiba com os modelos usados em cidades "do primeiro mundo" e o pioneirismo da adoção do modelo no Brasil. Conforme notícia divulgada pela PMC (2008b) em 26 de dezembro de 2008, houve um aumento de 60% no número de passageiros nas duas primeiras semanas de dezembro, com o veículo *double-decker*, em um total de 16.000 pessoas neste período contra 10.000 no mesmo período de 2007.

A partir da inauguração dos novos modelos de ônibus, a Rua 24 Horas, fechada desde setembro de 2007 para revitalização¹⁸, deixou de integrar o itinerário da Linha Turismo. A Rua 24 Horas, bem como o ponto de parada, não constam no *folder* atual da Linha Turismo, entretanto a parada do ônibus foi mantida com o nome de Rua Visconde de Nácar conforme divulgação da Linha Turismo no *site* do CTUR (2008).

Na configuração atual, a Linha Turismo percorre 44 km em aproximadamente 2 horas e 30 minutos. O valor da cartela de embarque passou de R\$ 16,00 para R\$ 20,00 em 11 de janeiro de 2008 (PMC, 2009) e mantém o sistema de um embarque e quatro reembarques possíveis¹⁹. O itinerário inclui 23 atrativos e 24 pontos de paradas: um ponto em cada atrativo, mais o ponto da Rua Visconde de Nácar. Os atrativos são:

1. Praça Tiradentes.
2. Rua das Flores.
3. Museu Ferroviário.
4. Teatro Paiol.
5. Jardim Botânico.
6. Rodoferroviária / Mercado Municipal.
7. Teatro Guaíra / Universidade Federal do Paraná.
8. Memorial Árabe / Passeio Público.
9. Centro Cívico.
10. Museu Oscar Niemeyer (MON).

¹⁸ A revitalização da Rua 24 Horas tem início previsto para janeiro de 2009, a cargo da PMC e URBS, após licitações em que não houveram empresas privadas interessadas. Quando fechou, em setembro de 2007, não havia nenhuma loja funcionando 24 horas. (GAZETA DO POVO, 2008)

¹⁹ O valor da tarifa de ônibus em Curitiba é R\$ 2,20 desde 12/01/2009 (PMC, 2009).

11. Bosque do Papa / Memorial Polonês
12. Bosque Alemão.
13. Universidade Livre do Meio Ambiente (UNILIVRE).
14. Parque São Lourenço.
15. Ópera de Arame / Pedreira Paulo Leminski
16. Parque Tanguá.
17. Parque Tingüi.
18. Memorial Ucrainiano.
19. Portal Italiano.
20. Santa Felicidade.
21. Parque Barigüi.
22. Torre Panorâmica Brasil Telecom
23. Setor Histórico.

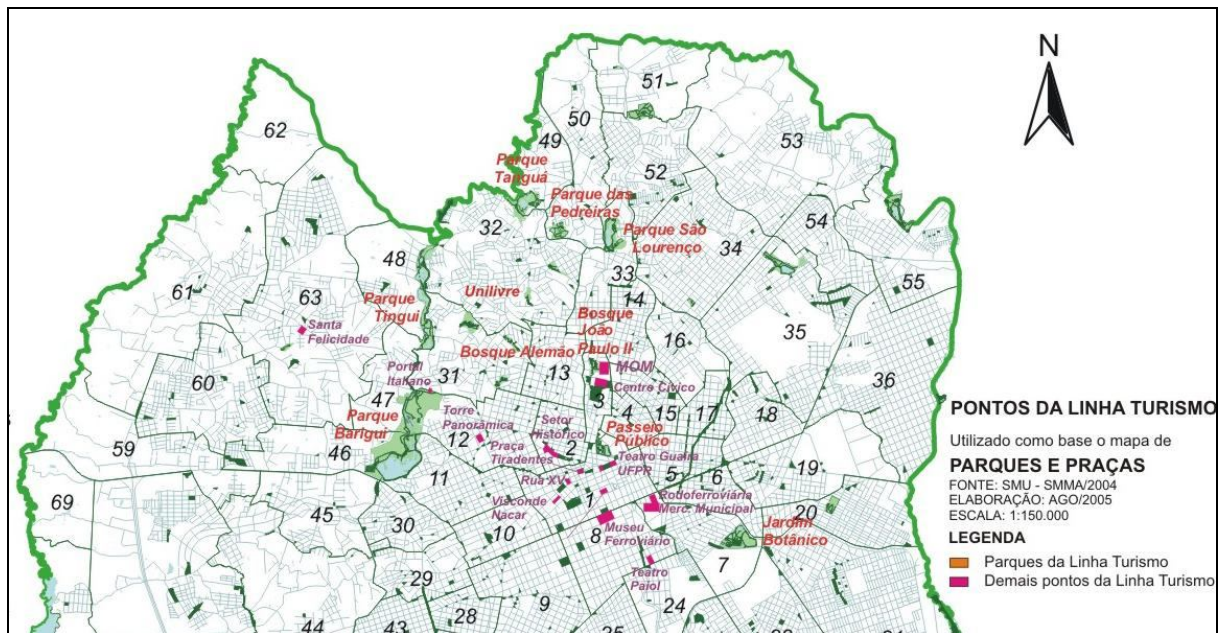


FIGURA 4 – PONTOS DA LINHA TURISMO

FONTE: Adaptado por BETAT (2008).

A figura 4 ilustra os pontos atuais da Linha Turismo, situados na região central e norte da cidade, exceto o Jardim Botânico, que mesmo próximo ao centro, situa-se na porção sul de Curitiba. Dos 23 atrativos, pode-se verificar que 10 são parques ou bosques, que contém em seu interior elementos significativos, além das áreas verdes: a estufa no Jardim Botânico, o memorial árabe em frente ao Passeio Público, o Memorial Polonês no Bosque do Papa, a casa de João e Maria e os

elementos arquitetônicos que remetem à arquitetura alemã no Bosque Alemão, a edificação da Unilivre, o Centro de Criatividade no Parque São Lourenço, a Ópera de Arame no Parque das Pedreiras, o mirante e Jardim Poty Lazzarotto no Parque Tanguá, o Memorial Ucrainiano no Parque Tingüi e o Centro de Exposições no Parque Barigüi. Assim, os bosques e parques da Linha Turismo agregam características relacionadas à cultura e ao lazer, cuja significação remete à construção e promoção da imagem urbana proeminente dos anos 1990.

Assim, a Linha Turismo é constituída de lugares representativos da imagem urbana e, ao mesmo tempo, promove estes mesmos lugares como “principais atrativos turísticos de Curitiba” pelo fato de fazerem parte de seu itinerário. Com relação ao Parque Tanguá, em 2008 o mirante estampava a capa do *folder* da Linha Turismo, no período anterior a 15 de novembro, contribuindo para a promoção do parque, conforme figura 5. Além de ser um dos primeiros atrativos que o usuário da Linha Turismo vê ao receber o *folder* com o itinerário, pois está na capa em foto bem maior que as fotos internas, o usuário pode levar o *folder* como lembrança do passeio e mostrar para outras pessoas, o que alimenta a imagem do parque como atrativo turístico.

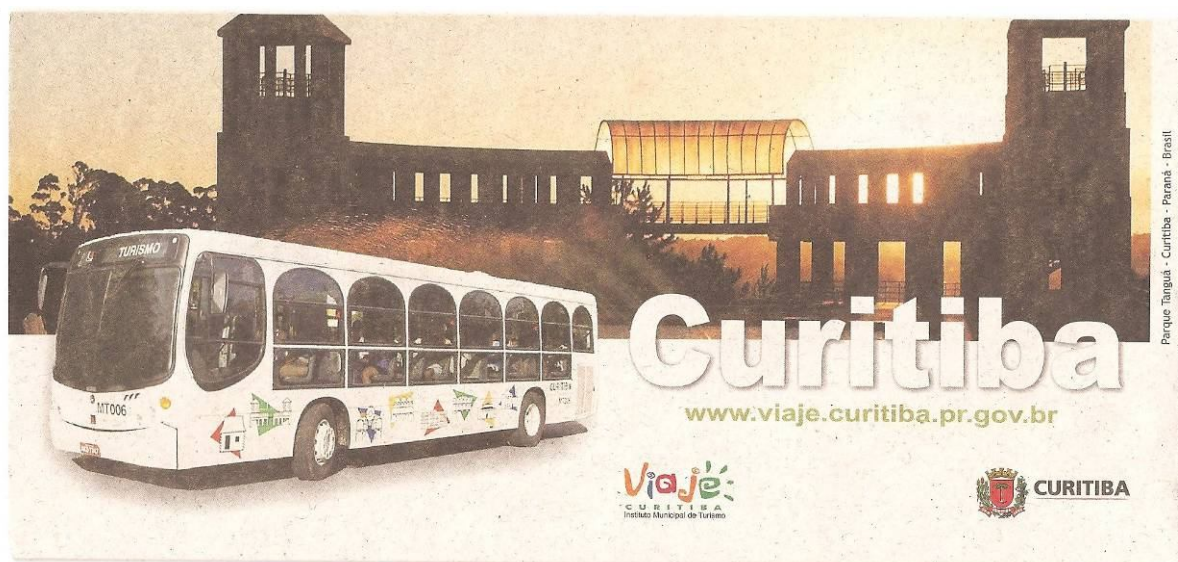


FIGURA05 – CAPA DO FOLDER DA LINHA TURISMO COM ÔNIBUS TIPO JARDINEIRA

Fonte: PMC, 2008.

Após a inauguração dos ônibus *double-decker* e da atualização do itinerário, com a retirada da Rua 24 Horas e do Centro de Convenções, o novo *folder* da Linha Turismo manteve o Parque Tanguá na capa, aspecto que mantém a promoção do

parque ou, ao menos, lhe dá um caráter de destaque. A figura 6 mostra a capa do novo *folder* da Linha Turismo, confeccionado em papel reciclado como o precedente, e mais uma vez com o Parque Tanguá na capa.



FIGURA 6 – CAPA DO FOLDER DA LINHA TURISMO COM ÔNIBUS DOUBLE-DECKER
Fonte: PMC, 2008.

A Linha Turismo é uma das formas de promoção dos espaços urbanos turistificados, que auxilia na construção, manutenção e atualização da imagem urbana para o turismo.

3.5. Parque Tanguá e Imagem Urbana²⁰

De acordo com Andrade (2001), “Curitiba é, provavelmente, a capital brasileira que mais explora a imagem da qualidade de vida associada ao planejamento de áreas verdes”. Conforme o autor, o processo de urbanização e a conseqüente diminuição das áreas verdes desencadearam inúmeros problemas que, por outro lado, levaram a uma associação entre a existência de áreas com maior cobertura vegetal com a existência, também, de mais qualidade de vida. Neste sentido, o conjunto de parques e bosques, além de praças, arborização urbana e vegetação em áreas

²⁰ Algumas idéias desenvolvidas nesta subseção foram abordadas em artigo apresentado no III Simpósio Estadual de Pós-Graduação em Geografia, em 2008.

particulares, devidamente promovidos pelo poder público de Curitiba, configuram uma das facetas da imagem urbana que transcende a quantidade de áreas verdes – e o título de cidade ecológica do início dos anos 90 – para cidade com qualidade de vida. A qualidade de vida, condizente com valores contemporâneos internacionais, remete à idéia do urbanidade saudável que, em Curitiba, segundo Sánchez (1998, p. 31) é representado:

pelas soluções urbanísticas funcionais e com forte apelo estético, por uma vida urbana ordeira e aparentemente homogênea do ponto de vista social, além dos projetos ambientais que possibilitariam um viver urbano mais saudável para seus habitantes.

Conforme afirmação do ex-prefeito Jaime Lerner, “Curitiba é uma das poucas cidades em que a qualidade de vida é atração turística”. (apud ZENTI, 2005, p. 86). No entanto, a qualidade de vida não é atrativo apenas para os turistas, mas constitui parte do caráter identitário para os moradores. A abrangência da síntese de “cidade com qualidade de vida” pode ser inferida a partir dos resultados de pesquisa de demanda turística realizada pela SETU (2008), em que foram ouvidos moradores, turistas e excursionistas – os visitantes de outras localidades que, diferente dos turistas, não pernoitam no local de destino. As pesquisas foram realizadas nos períodos de 25 a 31 de janeiro e 20 a 26 de novembro de 2007, em cinco locais: Aeroporto Internacional Afonso Pena, Estação Rodoferroviária, BR-277 (saída para o Norte do Paraná), BR-116 (saída para São Paulo) e BR-376 (saída para Santa Catarina). Foram entrevistados 2.004 turistas, de um fluxo total de visitantes estimado em 2.240.659 para Curitiba. Com relação a imagem da cidade, a síntese relacionada à qualidade de vida obteve índices acima de 30% nos três grupos analisados, enquanto nenhuma das outras opções ultrapassou este percentual, nem mesmo a imagem de cidade ecológica. Pode-se perceber o equilíbrio entre os dados de cada grupo, em que a imagem exterior – para os visitantes – é semelhante à imagem que os moradores têm da cidade onde vivem. Os dados da pesquisa referentes a imagem da cidade podem ser visualizados no quadro 7.

Imagem	Residentes (%)	Turistas (%)	Excursionistas (%)
Cidade ecológica	25,6	20,8	21,4
Cidade com qualidade de vida	36,3	37,1	31,4
Cidade cultural	12,7	19,0	17,9
Cidade universitária	10,5	5,7	9,5
Cidade turística	8,9	11,5	12,9
Outras	6,0	5,9	6,9

QUADRO 7 - IMAGEM DA CIDADE PARA RESIDENTES, TURISTAS E EXCURSIONISTAS- 2007
Fonte: SETU (2008)

Em anos anteriores, as pesquisas de demanda realizadas pela SETU consideravam dados coletados apenas com turistas, entendidos neste contexto sinônimo de visitante – incluídos excursionistas. Assim, os residentes não faziam parte do público-alvo das pesquisas. Outra especificidade das pesquisas anteriores a 2007 se refere às opções dadas aos entrevistados para sintetizar a imagem urbana e que não incluíam a opção cidade universitária. Os dados relativos à imagem de Curitiba pelos turistas nas pesquisas de demanda da SETU nos anos de 2001, 2003 e 2005 encontram-se no quadro 8.

Imagem	2001 (%)	2003 (%)	2005 (%)
Cidade ecológica	26,8	22,2	21
Cidade com qualidade de vida	40,5	37,3	33,7
Cidade cultural	17,3	14,5	16,2
Cidade turística	8,8	11,7	14,4
Outras	6,6	14,3	14,7

QUADRO 8 – IMAGEM DA CIDADE PARA TURISTAS, EM 2001, 2003 E 2005.
Fonte: SETU (2007).

O quadro 08 demonstra que a imagem predominante da cidade de Curitiba para os visitantes vem se mantendo, desde 2001, como cidade com qualidade de vida. Neste panorama expresso pelos dados, mesmo que de pesquisas oficiais na esfera estadual, Curitiba aparece como um modelo de cidade bem-sucedida no convívio entre urbanização e natureza, construído a partir de ações de planejamento iniciadas nos anos 1960 e na promoção urbana intensificada nos anos 1990, com grande abrangência na atratividade turística da cidade.

Para o marketing de lugares e serviços no turismo pode-se dizer que não importa tanto qual imagem irá representar um produto, mas o que importa é que ela seja atrativa e principalmente que ela não se distancie inadequadamente da realidade. Por quê? Porque todo consumidor espera obter do produto escolhido o que esse lhe prometera. (BIGNAMI, 2002, p. 13).

O Parque Tanguá foi criado no período que se pode considerar como o auge da produção de parques em Curitiba e se beneficiou da imagem construída, porém, ao mesmo tempo, vem contribuindo para o reforço desta imagem. Assim, para compreender a relação entre o parque e a imagem urbana de Curitiba, é necessário rever o contexto espacial e histórico no qual se insere.

Em seu estudo acerca da construção social da imagem hegemônica de Curitiba, Sánchez (1993) adota a inter-relação entre três planos interpretativos considerados essenciais no estudo da realidade: a prática urbanística, o discurso dominante e a imagem construída, planos distintos, mas complementares, de expressão de um mesmo universo simbólico. Ao procurar desvendar por que a imagem de cidade modelo - e todos os seus desdobramentos posteriores - despertava tanto interesse e onde residia sua capacidade de capturar a opinião pública e conquistar ampla adesão social, a autora pesquisou como o discurso foi tornado verossímil, ressonante com as representações da realidade urbana daqueles a quem se dirigiu. Segundo Sánchez (1993, 1995), soluções urbanísticas - com apelo estético e elementos que evocam a arquitetura européia - foram apontadas como necessidades por meio de um massivo programa de divulgação, tornando-se símbolos sustentadores da adesão da população a idéias-chave necessárias a manutenção da identidade construída ou em construção. Para a autora, o período que corresponde ao início dos anos 70 é um “período-chave”, com a implementação do projeto urbanístico que marca o antes e o depois da cidade, decisivo na formação da “nova” identidade urbana. Antes, no discurso oficial, a cidade “era como qualquer outra”, sem “marca” ou “expressão”; mas depois da implementação do projeto urbano modernizador “a ‘Curitiba moderna’ apresenta a opção civilizada de vida urbana no país” (SÁNCHEZ, 1993, p. 76-78). Neste sentido, é o período onde inicia a identificação da população para a criação e consolidação da “nova” identidade urbana, aspecto que parece fundamental para compreensão do panorama atual (ano base: 2009), em que o Parque Tanguá, objeto de estudo deste trabalho, aparece como fragmento.

Assim, a construção da imagem de Curitiba como ícone do urbanismo no Brasil possui bases na história do planejamento urbano da cidade - iniciado nos anos 1960 - e com as ações decorrentes - implementadas a partir dos anos 1970. Conforme Oliveira (2001, p. 99), este processo deve ser dividido em três fases que compreendem o período entre 1962 e 1974, em princípio com a “institucionalização da decisão de planejar e a criação dos instrumentos para tanto”, marcado pela criação do órgão responsável pelo planejamento, o IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano; uma segunda fase foi marcada pela elaboração dos projetos a serem implementados sem que houvesse uma contrapartida significativa na realização das obras pela administração municipal; e a terceira fase, quando o IPPUC assumiu a coordenação e implantação do Plano Diretor. De acordo com Oliveira (2000), foi durante esta última fase que as principais transformações no tecido urbano da cidade foram implementadas, bem como demais partes essenciais do Plano Diretor, justamente no período da primeira gestão do arquiteto e urbanista Jaime Lerner como prefeito da cidade, de 1971 a 1975. O Plano Diretor de 1966 situava-se em posição intermediária entre as premissas do modernismo da Carta de Atenas e as posições antagônicas ao movimento moderno no urbanismo. A parte essencial do Plano Diretor, implantada até 1975, elegeu como base de sustentação o sistema viário, indutor do crescimento pelo estabelecimento de eixos estruturantes lineares a partir do centro da cidade – vias estruturais com o sistema trinário -, “cortando” a malha urbana nos sentidos norte/sul e leste/oeste, servidos de sistema de transporte coletivo e parâmetros especiais de ocupação e uso do solo. Nesta mesma gestão foram implementadas a criação da Cidade Industrial de Curitiba, pedestrianização do centro – calçadão da Rua XV de Novembro, a primeira via exclusiva para pedestres no Brasil -, criação do setor histórico, parques e áreas verdes, ônibus expressos, que consolidaram intervenções irreversíveis, em curto prazo, na configuração física da cidade. Em meados dos anos 1970 e durante os anos 1980, as principais intervenções urbanas consistiram em equipar e embelezar a cidade, conforme Oliveira (2001). Neste sentido, para Sánchez (1993), as grandes mudanças a nível estrutural dos anos 70 requeriam tanto a ruptura com o passado apresentado como pouco significativo - a Curitiba igual a todas as outras cidades - como um nível de identificação pelos curitibanos que conferisse validade ao Plano Diretor. É neste ponto que a autora identifica o paradoxo entre a cidade nova / moderna e a cidade que mantém a história viva, equacionado a partir da seleção de

edificações e áreas urbanas a serem preservadas, revitalizadas e valorizadas como representativas da história da cidade. Assim, surgem as bases para o discurso da Curitiba que soube se modernizar sem esquecer o passado, que se mantém e teve grande destaque na administração do prefeito Rafael Greca.

Acerca do *city marketing* de Curitiba, recorre-se ao estudo de Sánchez (1995), baseado principalmente nas intervenções implementadas no início dos anos 90. Conforme a autora, as administrações públicas desde o início do planejamento urbano, construíram uma base sólida para as ações correspondentes ao período estudado, entre 1989 e 1996, caracterizado pela espetacularização do urbano. Oliveira (2000, p. 55-56) chama a atenção para a valorização da área cultural no período entre 1979 e 1983, com “a ‘reciclagem’ de diversos espaços tradicionais da cidade, pela sua conversão em salas de espetáculo, centros comunitários etc.”, bem como a valorização étnica de “parte específica da memória e da cultura imigrante”, aquela de origem européia, associando cultura européia com modernização urbana e progresso. Aparece aí, bem antes dos anos 90, uma base para a posterior síntese de “cidade do primeiro mundo” e “cidade européia”.

De volta aos anos 90, Sánchez (1996, p.87) demonstra como as inovações urbanas apresentadas aos curitibanos “incorporam, como valor, a ética e a estética do lazer na cidade”, ilustradas pela Rua 24 Horas, Ópera de Arame e Jardim Botânico – os projetos mais veiculados pela mídia na época. Nas palavras da autora:

Chamamos a atenção para a estreita vinculação entre espaço e cultura ao analisarmos os principais conteúdos simbólicos e valores projetuais que orientam as soluções espaciais adotadas e a apropriação social. Verificou-se que os principais espaços que se constituem em lugares da sociabilidade, apresentados enquanto espaços-síntese da vida coletiva dos curitibanos, são apropriados sob a égide do lazer, do usufruto circunstancial e do consumo.

Os três exemplos de intervenções – Rua 24 Horas, Ópera de Arame e Jardim Botânico - se tornaram marcos simbólicos da cidade, incorporados à imagem urbana e dela representativos, veiculados pela mídia e amplamente aceitos pelos cidadãos. Tornaram-se parte de um roteiro turístico obrigatório, tanto pela representatividade como pela inclusão na Linha Turismo, conforme abordado. Para Sánchez (1995), os três espaços culturais apresentam pontos em comum, especialmente representativos de um novo modo de vida coletiva veiculado pelo *marketing*,

consonante com os valores do usuário das camadas médias da população, a saber: expressão de linguagem arquitetônica comum; utilização de elementos característicos da arquitetura européia; associação entre modernidade e agilidade com que novos produtos – espaços de lazer e cultura – são oferecidos; renovação urbana por meio de empreendimentos destinados a cultura e ao lazer. Além destas semelhanças, as intervenções remetem à arquitetura pós-moderna, rica em elementos formais de forte impacto visual. O conjunto de características exposto conferiu credibilidade às sínteses apresentadas na época, além de “Cidade Modelo”: “Capital de Primeiro Mundo”; “Cidade Européia”; “Capital Ecológica” entre outras.

A valorização ambiental, entendido aqui como valorização dos recursos naturais, apareceu no discurso oficial do governo municipal em 1992, quando Curitiba foi apresentada como “Capital Ecológica”. Segundo Oliveira (2001, p. 100), “o paradigma da modernidade urbana, que havia norteado o planejamento urbano até então, incluía agora em seu ideário a questão ambiental. No interior de um ambicioso programa municipal, o ‘urbanismo’ transformava-se em ‘urbanismo ecológico’”. Por meio de uma retrospectiva histórica das ações ambientais propostas e implantadas em Curitiba, o autor sugere uma interpretação pelo discurso oficial posterior às ações ambientais isoladas, como parte de um projeto que não existia no momento das intervenções. O incremento de áreas verdes ocorrido nos anos 70, decorrentes da criação de grandes parques com lagos em seu interior, surgiu da necessidade de contenção de cheias, quer dizer, de ações pontuais que não correspondiam a uma política necessariamente ecológica. Porém, nos anos 90, o discurso ambiental colocava a cidade *up to date* com os valores internacionais em voga naquele momento: preocupação ambiental, Ecologia. Em uma constante adaptação e modernização do discurso, a partir de 1996 a municipalidade apresenta Curitiba como uma “cidade ambientalmente correta” visto a fragilidade dos índices ambientais que não sustentavam o título de “Capital Ecológica”, e a idéia do “politicamente correto” então na moda. A partir do ano 2000 há a renovação do discurso oficial: mantendo a cidade em sintonia com o seu tempo mas sem perder a característica principal da modernidade, Curitiba entra no “paradigma sustentável” sintetizado como “Capital Social”. Com uma grande quantidade de área verde por habitante, Curitiba manteve a imagem de uma cidade ecológica, a partir dos seus desdobramentos e incrível capacidade de releitura da história.

Os aspectos culturais, étnicos e ecológicos fundiram-se em Curitiba representando um panorama único no Brasil, em níveis de repercussão da imagem de cidade que deu certo. Este é um fator fundamental na imagem turística da cidade, veiculada constantemente pela mídia nacional e internacional.

O turismo, como prática social e atividade econômica, atende a demandas e expectativas consonantes com os valores de cada época, e neste sentido, as políticas públicas voltadas ao incremento do turismo passam por constantes adaptações, de acordo com o *zeitgeist*²¹. A alteração nos modos de trabalho, com flexibilização de horários e desempenho de atividades à distância e a melhoria da acessibilidade permitida pelos meios de transporte atuais, contribuiu para o surgimento das viagens de curta duração, os *short-breaks* – pequenos períodos de férias distribuídos ao longo do ano. Com isto, tem-se verificado maior procura pelo turismo nas cidades. De acordo com Ejárque (2005), o turismo urbano é um segmento onde a demanda turística apresenta maior tendência de crescimento, em função da vasta gama de opções oferecida pelas cidades e sua multiplicidade de usos e cenários.

As cidades, para atrair os turistas e os benefícios econômicos advindos da atividade turística, necessitam estar em constante atualização com as demandas, necessidades e valores do seu público em potencial. Neste sentido, a criação de novos produtos turísticos tem relação direta com ações de renovação urbana, que colocam a cidade em constante condição competitiva e com a promoção urbana decorrente.

Um município, turístico ou não, assim como qualquer outro produto, possui imagem, posicionamento de mercado, demanda potencial, necessidade de divulgação, concorrentes e distribuidores. Deve ser, portanto, planejado como um produto se quiser atrair visitantes, negócios, empreendedores ou apenas melhorar sua imagem. A cidade de Curitiba, por exemplo, tornou-se sinônimo em todo país de cidade-modelo, equilíbrio entre desenvolvimento econômico e qualidade de vida. Sua “marca” tornou-se, assim, seu principal produto. (PEREIRA, 2001, p. 17)

Em pesquisa realizada por esta autora, no período de fevereiro de 2005 a janeiro de 2006, foram entrevistados 40 moradores e 40 turistas²² em quatro diferentes locais de Curitiba, a fim de estabelecer um paralelo entre a percepção da cidade pelos dois

²¹ Do idioma alemão, significa espírito de uma época determinada; característica genérica de um período específico. (HOUAISS, 2001).

²² Amostra definida aleatoriamente.

grupos. As pesquisas ocorreram por meio de entrevista direta, com cinco questões abertas a serem respondidas pelos entrevistados, nos seguintes dias e locais: Feira do Largo da Ordem, domingo ao meio-dia; Jardim Botânico, sábado à tarde; Boca Maldita (Calçadão da Rua XV de Novembro), sábado ao meio-dia; Parque Tanguá, domingo à tarde. As entrevistas foram realizadas em finais de semana diferentes em cada local, escolhido o dia e horário sabidamente de maior movimento em cada um. Partiu-se do princípio de que o modo de perceber a cidade é expresso por meio de um conjunto dos símbolos representativos da cidade, possível de ser captado pela listagem de símbolos de Curitiba pelo entrevistado, em que se teve especial atenção ao solicitar os símbolos – e não locais – que representavam a cidade, na visão pessoal do entrevistado. No âmbito deste trabalho, os dados coletados interessam especialmente pelos símbolos citados e pela recorrência do Parque Tanguá nas respostas. Assim, a cada entrevistado foram solicitados cinco símbolos da cidade e obtidas 196 citações pelos moradores e 180 citações pelos turistas de um total possível de 200 citações por grupo. Devido à grande opção de respostas, os símbolos citados foram agrupados em categorias. Para o grupo de moradores, 122 citações referiam-se a locais; já para os turistas, 123 citações eram locais da cidade. Os seis locais mais citados pelos moradores da cidade representaram 62% do total de locais citados por este grupo, a saber:

1. Jardim Botânico – 19%
2. Ópera de Arame – 11%
3. Parque Barigüi e Rua XV de Novembro – 9%
4. Parque Tanguá – 8%
5. Largo da Ordem – 6%

Para os turistas, os seis locais mais citados representaram 61% do total de locais citados pelo grupo:

1. Jardim Botânico – 21%
2. Ópera de Arame – 17%
3. Parque Tanguá e Rua XV de Novembro – 7%
4. Santa Felicidade – 5%
5. Largo da Ordem – 4%

Os dados resultantes da pesquisa evidenciaram a predominância de determinados lugares representativos da cidade no imaginário dos entrevistados, tanto para os

turistas como para os residentes, destacada a importância dos parques urbanos verificada nestes resultados. O Jardim Botânico e a Ópera de Arame, ícones do início dos anos 90, são os símbolos mais citados por ambos os grupos. Dentre os locais mais citados, o Parque Tanguá é o mais recente, inaugurado na segunda metade da década de 90, enquanto outros parques e bosques inaugurados no mesmo período são pouco lembrados ou sequer aparecem, entre eles o Bosque Alemão, Bosque Italiano, Bosque do Trabalhador, ou ainda o Parque Tingüi, inaugurado em 1994.

Para Damiani (1999, p. 46), “a leitura, que o *turismo* faz da cidade, através da indústria que o alimenta [...], é a de uma *seleção programada* – a apresentação da cidade através de aspectos e lugares escolhidos e retirados da dinâmica cotidiana e orgânica da cidade como lugar”. Assim, as imagens representam modos de vida e, no caso de Curitiba, remetem a uma vida urbana que inclui caminhar ou passear no parque mais próximo; usufruir de serviços do primeiro mundo, ágeis e eficazes; conviver com o moderno sem perder o jeito de cidade pequena, entre outras interpretações possíveis. A mídia recorre a estas abordagens ao apresentar a cidade, como na reportagem da Revista Viagem e Turismo, de abril de 2005, intitulada O Dilema de Curitiba: “A capital paranaense é uma metrópole com cara de cidade interiorana ou uma cidade interiorana com cara de metrópole?” (ZENTI, 2005, p.80), em que os temas do transporte coletivo moderno, do urbanismo, da quantidade de área verde por habitante, da valorização cultural, do frio e das etnias européias são abordados.

Os meios de comunicação, de um modo geral, baseiam-se na formulação de discursos estereotipados aceitos socialmente. É desse modo que encontram consenso na opinião pública. Os meios de comunicação trabalham com idéias e imagens aceitas e reproduzem isso em larga escala. O poder dos meios de comunicação não está na reprodução de estereótipos, uma vez que os indivíduos também reproduzem conceitos socialmente aceitos. O grande poder dos meios de comunicação está na sua credibilidade e no seu alcance. Uma mensagem divulgada pela imprensa ou pela televisão alcança milhares de lares. São milhões de pessoas recebendo e acreditando na mesma mensagem. (BIGNAMI, 2002, p. 31).

O espaço turístico resulta, em muitos casos, da captação do imaginário coletivo na tentativa de resposta. Por outro lado, o espaço criado é reforçado pela mídia que gera e alimenta o processo fantasioso. Portanto, até que ponto é incentivo ou resposta? Trata-se de um processo gravitacional em torno das aspirações individuais,

cujos estímulos e respostas interagem reciprocamente. Como penetrar neste mundo de sonhos dos turistas? Um dos recursos bastante rico é mediante a análise das campanhas publicitárias, que permitem adentrar no universo mental do turista, levando-se em consideração que a retórica publicitária, freqüentemente apoiada em pesquisas efetuadas junto à demanda potencial, constitui uma espécie de pré-discurso sobre o imaginário do turista. (RODRIGUES, 1999, p. 26-27)

Conforme Silva (2004, p. 27), “os lugares turísticos geralmente são escolhidos e admirados por suas paisagens”, ressaltando o caráter intencional dos cenários construídos no território, seja “pela apropriação visual de panoramas, mas também pela reprodução de padrões de beleza e qualidade estabelecidos, freqüentemente versões de uma realidade idealizada”.

Assim, as cidades buscam o papel de protagonistas na atração de investimentos nacionais e internacionais a partir da chamada Guerra dos Lugares (CARLOS, 1996), com estratégias onde se destaca o *city marketing*. O turismo urbano vem atraindo a atenção dos governantes como atividade impulsionadora do consumo das cidades, geradora de divisas e difusora de uma imagem associada à beleza.

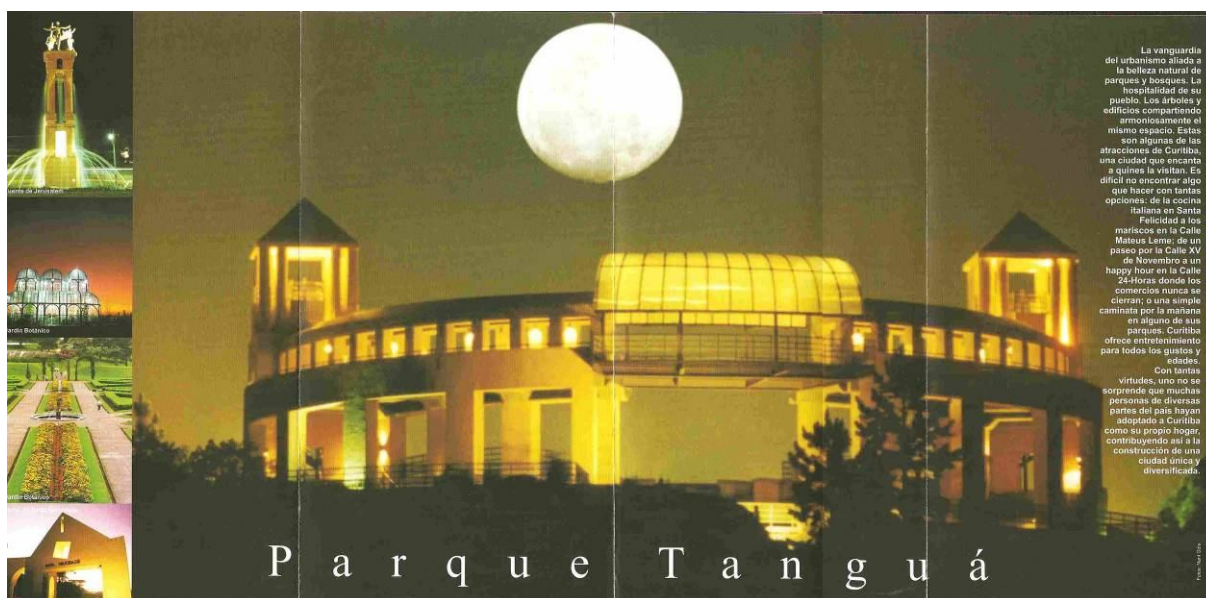


FIGURA 7 – FOLDER TURÍSTICO DO GOVERNO DO ESTADO

Fonte: SETU, [entre 2003 e 2005]

No *folder* do governo do Estado (figura 7), destinado aos turistas estrangeiros, redigido em castelhano, encontramos sínteses da imagem recorrente em frases como:

La vanguardia del urbanismo aliada a la belleza natural de parques y bosques. La hospitalidad de su pueblo. Los árboles y edificios compartiendo armoniosamente el mismo espacio. Estas son algunas atracciones de Curitiba, una ciudad que encanta a quienes la visitan. (SETU, [entre 2003 e 2005])

La innovación es una de las características de Curitiba. Aquí el turista encuentra un hermoso contraste entre lo viejo y lo nuevo. Un poco de la historia de la ciudad está contada en la arquitectura del Centro Histórico, en el Largo da Ordem, en la Catedral Basílica y en la Universidade Federal. El futuro resplandece en la estructura tubular de la Ópera de Arame, con capacidad para 2400 personas, y se amplía en el horizonte con el Museu Oscar Niemeyer. [...] Con sus innumerables parques, Curitiba ofrece opciones de ocio para toda la familia. [...] El parque Jardim Botânico proporciona un paseo inolvidable. A los que les gusta caminar o correr, el Parque do Barigüi es una excelente opción, mientras los parques Tanguá y Tingüi poseen vistas deslumbrantes especialmente al atardecer. Y si al visitante le interesa conocer un poco las distintas etnias que colonizaran a Curitiba, se puede visitar el Bosque do Papa []. (SETU, [entre 2003 e 2005])

Este exemplo de redação mostra como os elementos representativos da cidade, em nível de reforço da imagem, são constantemente utilizados e divulgados na mídia. As idéias associadas a imagem urbana são amplamente utilizadas em publicações oficiais, propagandas do governo, reportagens de jornais e revistas; bem como são selecionadas paisagens urbanas coerentes com a imagem a ser reforçada, utilizadas constantemente nos meios oficiais como símbolos urbanos. Um modo de reforçar a imagem sem o objetivo explícito de fazê-lo – ou ao menos sem que o público perceba - é a transmissão televisiva de notícias cujo cenário ou pano de fundo são pontos turísticos da cidade. Outro modo de promoção similar está exemplificado na *home page* da PMC, onde aparecem fotos selecionadas da cidade que se alternam a cada acesso. No período de acesso da página eletrônica da PMC para esta pesquisa, com maior frequência entre outubro de 2008 e janeiro de 2009, haviam 8 imagens urbanas “carregadas” aleatoriamente, a saber: Parque Tanguá, Museu Oscar Niemeyer, prédio histórico da UFPR, Unilivre, foto de edifícios entre áreas verdes, foto da via exclusiva de ônibus biarticulado e estações tubo e duas imagens da estufa do Jardim Botânico. Entendemos que estas imagens são representativas de facetas da imagem urbana, com seus parques, urbanidade em meio às áreas verdes, transporte moderno e planejado, arquitetura arrojada e

ênfoque cultural. A figura 8 mostra a parte superior da *home page* da PMC com a imagem do Parque Tanguá, acesso em 6 de janeiro de 2009.



FIGURA 8 – HOME PAGE DA PMC COM IMAGEM DO PARQUE TANGUÁ

Fonte: disponível em <www.curitiba.pr.gov.br>. Acesso em: 06 jan. 2009.

A manutenção da imagem urbana está relacionada com o constante reforço em nível de idéias, imagens, sínteses e símbolos urbanos, por meio das mais variadas técnicas e meios. No entanto, a imagem só consegue sustentação se houver uma contrapartida na realidade, se a foto que o turista vê na revista ou na página eletrônica da PMC corresponder ao cenário real ou muito próximo do real.

4. PARQUE TANGUÁ E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

A apropriação, em sentido amplo, se realiza pelo uso do espaço, para a realização da vida, em seu cotidiano. Conforme Carlos (2001, p. 33), “[...] o processo de produção da vida se dá pelos modos de apropriação do espaço, para o uso”.

De acordo com Sobarzo (2006, p. 103), a apropriação é o nível da realização da vida humana, “das relações sócio-espaciais produzidas pelo uso, nas práticas cotidianas que conformam o plano do vivido e que constroem a identidade e o sentimento de pertencimento das pessoas”.

[...] a morfologia está carregada de valor social; isto é, faz parte do quadro de referências da vida, compondo a prática sócio-espacial. Por isso, entra no plano da construção da identidade do habitante com o lugar, que sustenta a memória. Isso significa que os ritmos da vida cotidiana se ligam à duração das formas e de suas funções, e estas à construção da identidade. Portanto, esse processo de transformação acarretará a constituição de outra identidade do habitante com o lugar, com esses novos “monumentos” da vida cotidiana moderna. (CARLOS, 2001, p. 208-209).

A implantação do parque com ênfase ao turismo em uma área tradicional gerou modificações no entorno quando da implantação, e segue gerando mudanças especialmente nos arredores da entrada principal do parque, na Rua Oswaldo Maciel, no Bairro Taboão. Se o parque não exigiu modificações estruturais para sua implantação, ocorreram alterações no uso e na morfologia da área, desencadeando alterações na rotina do bairro, no cotidiano da rua – especialmente a Rua Eugênio Flor – e nas relações das pessoas. Com a construção de novas moradias, de padrão construtivo mais alto, vieram também os novos moradores, com novos valores, anseios e ritmos, a fazer parte da vida do bairro, seja no convívio na rua, seja no vai-e-vem dos carros que passaram a transitar por ali.

A criação do parque modificou o uso e a forma da área. Como espaço de lazer e turismo, o parque possui elementos arquitetônicos marcantes e bonita paisagem natural. Mas, como se dá sua apropriação? Diferentes públicos utilizam o parque, para atividades distintas. Entretanto, há poucas pesquisas sobre o uso dos parques em geral, em Curitiba.

Em pesquisa realizada em seis parques de Curitiba por Biondi e Mórml (2004), no ano de 2001, foram entrevistados 821 usuários dos parques para amostragem das preferências em relação às áreas verdes. Os parques objeto da pesquisa foram o Parque Barigüi, o Parque São Lourenço, o Jardim Botânico, o Parque Tanguá, o Passeio Público e o Bosque João Paulo II (Bosque do Papa). Com relação aos resultados obtidos, a maioria dos entrevistados freqüentava o parque diariamente ou, pelo menos, três vezes por semana, exceto no Parque Tanguá, onde foi verificada a maior ocorrência de usuários que visitavam o parque esporadicamente. As pesquisadoras justificavam este dado tanto pela localização do parque como pelo fato de a maioria dos usuários serem turistas. Com relação ao uso do parque, a pesquisa constatou que 75,4% dos entrevistados no Parque Tanguá utilizavam-no para passeio, um resultado significativamente maior comparado aos obtidos nos outros parques, que revelavam mais equilíbrio entre as atividades de passeio, caminhada, exercícios físicos e outros. Mesmo apresentando dados coletados em 2001, os resultados referentes ao Parque Tanguá demonstram a relação entre as atividades desenvolvidas no parque e a freqüência dos usuários, pois nos parques onde atividades físicas e caminhadas são freqüentes, a visitaçao também o é. Assim, se o Parque Tanguá foi mais freqüentado por turistas, a atividade principal naturalmente foi o passeio.

A mudança de uso na área onde foi implantado o parque, de área particular e com uso comercial pouco nobre (usina de reciclagem de lixo e depósito de calça) a área pública de conservação da natureza, espaço de lazer e, sobretudo, atividade turística, desencadeou várias modificações no entorno. No aspecto estrutural, nenhuma rua foi modificada, entretanto, o fluxo de veículos aumentou muito em vias com largura incompatível para tal demanda, especialmente nos dias de pico – sábado e domingo. Os condomínios implantados trouxeram, além da mudança estética das edificações, novos moradores de várias regiões da cidade e de outros estados para o convívio com os moradores tradicionais, dentre os quais aqueles que herdaram os terrenos ou ainda chácaras dos seus antepassados. A atratividade gerada pelo parque fez surgir uma nova centralidade no bairro, concentração de pequenos comércios e serviços que procuram atender tanto aos moradores quanto aos turistas, na Rua Eugênio Flor defronte a entrada principal do parque, pela Rua Oswaldo Maciel. Neste contexto nossos questionamentos tomam forma, no sentido de compreender o espaço vivido no entorno do parque após sua implantação, e o

parque como espaço pertinente ao cotidiano do bairro, além de espaço de lazer metropolitano e espaço turístico.

Vários estudos já foram publicados sobre a produção de áreas verdes em Curitiba, assim como aspectos pertinentes ao assunto, com o foco nas políticas públicas e na ação dos agentes privados – portanto, sob o prisma da dominação, conforme capítulo 03. Entretanto, até o momento muito pouco foi estudado sobre o uso destes espaços e seu impacto na vida das pessoas. Neste sentido, este trabalho visa contribuir com o aspecto da apropriação das áreas verdes, a partir do estudo do Parque Tanguá. Não é nossa pretensão explicar como os parques em Curitiba vêm sendo apropriados pela população, mas apontar tendências a partir do estudo do Parque Tanguá, como fragmento. A abordagem do parque, entretanto, não é fragmentada, mas o tempo todo relacionada com a realidade curitibana, construída ao longo do tempo, em um processo histórico que abarca ações e discursos.

A pesquisa sobre o uso do parque e os efeitos de sua implantação é qualitativa. Interessa “como” e “porque”, muito mais do que “quanto”. Seu objetivo não é estabelecer generalizações, mas apontar tendências. A fim de abarcar a complexidade dos usos e relações que se estabelecem **com** o parque e **no** parque, foram definidos quatro grupos de entrevistados:

1. Moradores antigos: moradores da região, anteriores a implantação do parque.
2. Moradores novos: pessoas que vieram morar na região após a implantação do parque.
3. Visitantes: moradores de outros bairros de Curitiba e de outras cidades da região metropolitana.
4. Turistas: todos os visitantes de outras cidades, exceto da RMC, inclusive excursionistas.

No caso dos moradores, a inclusão nos grupos utilizou como critério morar a, no máximo, três quadras do parque e o tempo de moradia no local definiu a classificação como “antigos” ou “novos”. O foco principal da pesquisa compreendeu a área do parque e o entorno da entrada principal, pela Rua Oswaldo Maciel; a Rua Eugênio Flor, entre as ruas Cecília Mikosz e Des. José Carlos Ribeiro Ribas; e a Rua Lory Lunardon, na divisa do parque. A grande maioria das entrevistas foi realizada na área do parque, tanto em dias de semana como em finais de semana, sempre durante o dia, nos meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009.

Inicialmente, foi definida amostra de 20 entrevistados em cada grupo, totalizando 80 entrevistas padrão²³. A abordagem era aleatória, independente de sexo, idade ou outro fator de seleção, independentemente da pessoa estar sozinha ou acompanhada. As entrevistas com visitantes foram concluídas primeiro, para depois encerrar as entrevistas com turistas, ambos os grupos finalizados em 21 de dezembro de 2008. Na seqüência, as vinte entrevistas com moradores antigos foram completadas em 10 de janeiro de 2009. Após tentativas de entrevistar moradores novos, as pesquisas com o grupo foram encerradas em 24 de janeiro de 2009, totalizando 15 entrevistados. As pesquisas não se resumiram somente aos grupos definidos. Além das entrevistas padrão, também foram entrevistados guardas municipais do Posto Avançado do Parque Tanguá e permissionários para o comércio no interior do parque. Comerciantes foram entrevistados nas entrevistas padrão, como moradores e empreendedores.

As pesquisas foram estruturadas com questões verbais, feitas diretamente ao entrevistado. As respostas às perguntas abertas e os comentários dos entrevistados eram registrados por escrito, o mais fielmente possível. As questões foram elaboradas com o intuito de dar parâmetros ao entrevistado para falar sobre o assunto, o que em muitos momentos possibilitou a inclusão de outras questões para aprofundamento. Como exemplo: um morador antigo, ao ser questionado sobre o que mudou no bairro após a criação do parque, respondeu apenas que mudou bastante. Então, pergunta-se o que mudou, e ele diz que a segurança mudou muito. Novamente, pergunta-se o que mudou em relação a segurança, como era antes e como está agora. Enfim, além de respostas diretas, as questões permitiram o estabelecimento de um diálogo com os entrevistados, ponto a favor da pesquisa, a medida que diminuía a tensão do entrevistado e, mais a vontade, fornecia informações, percepções e sentimentos significativos.

Os questionários seguiram modelos diferentes para cada grupo, em função do caráter de uso previsível para cada grupo – por exemplo, não faz sentido perguntar ao turista se ele costuma freqüentar o parque, entre outros. Abaixo, as questões relativas aos grupos:

1. Moradores antigos

²³ Amostra definida para início das entrevistas, de modo aleatório. Ao longo da pesquisa, o número de entrevistas mostrou-se suficiente para a consecução dos objetivos propostos e foi, portanto, mantido.

- 1.1. Dados pessoais: nome; idade; escolaridade; sexo.
- 1.2. Há quanto tempo mora no entorno do parque?
- 1.3. O parque trouxe mudanças no seu dia-a-dia?
- 1.4. Você pretende continuar morando no bairro com a criação do parque?
- 1.5. Você frequenta o parque? Quando? Que atividades realiza no parque?
- 1.6. O parque trouxe benefícios para você e sua família?
- 1.7. O que o parque representa para você?

2. Moradores novos

- 2.1. Dados pessoais: nome; idade; escolaridade; sexo.
- 2.2. Há quanto tempo mora no entorno do parque?
- 2.3. O que motivou a sua mudança para este local?
- 2.4. O parque teve influência na sua decisão de mudar para esta região?
Por quê?
- 2.5. Frequenta o parque? Quando? Que atividades realiza no parque?
- 2.6. Morar próximo ao parque trouxe benefícios para você e sua família?
- 2.7. O que o parque representa para você?

3. Visitantes (moradores de Curitiba e da RMC)

- 3.1. Dados pessoais: nome; idade; escolaridade; sexo.
- 3.2. Procedência (cidade da RMC ou bairro de Curitiba).
- 3.3. O que motivou sua visita ao parque?
- 3.4. Qual meio de transporte utilizado?
- 3.5. Frequenta o parque regularmente? Quando (dia da semana)? Qual a periodicidade?
- 3.6. Que atividades realiza no parque?
- 3.7. Quanto tempo fica em média no parque?
- 3.8. Consumiu algo no parque ou no entorno? O quê?
- 3.9. O que o parque representa para você? Gostaria de morar mais perto?
- 3.10. Você costuma ir a outros parques? Quais? Com que frequência?

4. Turistas

- 4.1. Dados pessoais: nome; idade; escolaridade; sexo.
- 4.2. Procedência

- 4.3. Como ficou sabendo sobre o parque?
- 4.4. O que motivou sua visita ao parque?
- 4.5. Qual meio de transporte utilizado?
- 4.6. Quanto tempo ficou em média no parque?
- 4.7. Que atividades realizou no parque?
- 4.8. Consumiu algo no parque ou no entorno? O quê?
- 4.9. Foi a outros parques neste dia?
- 4.10. Como você percebeu o parque?

As entrevistas foram realizadas em períodos variáveis, entre 5 minutos e mais de 1 hora, dependendo da circunstância, da disponibilidade do entrevistado e do seu nível de vivência em relação ao parque e ao entorno. As entrevistas mais longas foram com moradores, especialmente os antigos, entretanto alguns moradores novos também demonstraram bastante interesse em falar sobre o parque e sua relação com este e com o entorno. As entrevistas mais rápidas, de modo geral, foram realizadas com turistas, que também demonstraram permanecer menos tempo no parque, de 30 minutos até 1 hora e meia. O tempo médio de permanência dos visitantes, para parcela significativa dos entrevistados do grupo, foi definido entre 1 hora e 2 horas.

4.1. O Parque

Para Damiani (1999), a significação social dos parques urbanos é múltipla, definida pelos mais variados usos que diferentes camadas sociais lhes atribuem. Para a classe média o parque é o local de passeio e atividade física; para as camadas populares é local de encontro; também é lugar de paquera, de festa; mas, por outro lado, pode ser o lugar do tráfico, da prostituição, o lugar dos “excluídos”.

O lazer, mais institucionalizado, o da produção e conservação dos grandes parques urbanos, por exemplo, consegue atingir diferentes camadas sociais. Esses parques não significam a anulação dessas diferenças sociais, não produzem um encontro real entre essas camadas sociais, mas definem diferentes usos, a partir, também, das diferenças sociais. (DAMIANI, 1999, p. 50).

No Parque Tanguá os múltiplos usos por vezes coexistem, nos ritmos da rotina do parque. Sábados à tarde e, principalmente, domingos à tarde o movimento é intenso. Turistas que chegam de jardineira ou de carro passeiam pelo parque, procurando olhar todos os ângulos e registrar em fotografias; carros e motos circulam de um lado para o outro, desfilando na entrada do parque; jovens escutam música dos carros nos estacionamentos, enquanto outros lotam as mesas da lanchonete, em frente ao parque e ao posto da Guarda Municipal; filas para comprar pipoca e caldo de cana; carros estacionados nos dois lados das ruas e estacionamentos da parte superior lotados; grupos de jovens e adolescentes circulando o tempo todo. Dificilmente os moradores são encontrados nestes horários no parque, no final de semana, a não ser que levem algum parente ou visita, curiosos em conhecer o lugar. Estes não são momentos indicados para caminhadas, para jogar bola, levar o cachorro ou outras atividades que os moradores desenvolvem no parque.

Moradores novos e antigos têm opiniões diversas sobre o parque no domingo à tarde, mas a maioria destaca o movimento e o barulho. Gisele, que mora há 5 anos e meio no Residencial Tanguá disse que vai todos os dias no parque, às vezes vai até 2 vezes ao dia, mas para ela “domingo é o pior dia, vem um povo estranho, motinhos... O grupo de domingo é pesado”. Gilvan, que mora há 1 ano e meio no Residencial destaca que não vai no parque no domingo à tarde por causa do movimento. Para Laudelinda, moradora há 14 anos da Rua Lory Lunardon, em contrapartida a vários aspectos positivos, a criação do parque “tirou o sossego do domingo, estacionam por toda a rua, calçada...” A situação citada pela moradora pode ser vista na foto 5 (página 43). Seu José, que também mora em frente ao parque há 15 anos e, além disto, trabalha no parque como fiscal da SMMA, compara com o tempo em que não existia o parque: “Antes não tinha as lanchonetes, domingo à tarde vem bastante vagabundo. Agora até acalmou, mas antes tava pior”. Já Josiane, 26 anos, que mora na parte de baixo do parque e nasceu no local, não frequenta o parque, mas vai na lanchonete, todo final de semana, especialmente domingo, bate papo com o pessoal da região. Esta é a mesma opção da Viviane, de 21 anos e que também nasceu no local, dificilmente vai ao parque porque não acha graça, mas no domingo vai na lanchonete.

Para muitos moradores de Curitiba e região metropolitana, final de semana ensolarado é dia de parque, especialmente domingo. Muitos entrevistados deste

grupo justificaram a ida ao parque porque o dia estava lindo, com sol e quente. No entanto, poucos visitantes disseram freqüentar o parque mais de uma vez por mês. A grande maioria dos entrevistados vai ao parque menos de 2 vezes ao ano, alguns somente para acompanhar hóspedes, parentes ou amigos. É o caso de Vítor e Verônica, casal jovem, moradores do Bairro Cristo Rei, que vão ao parque só quando recebem parentes, para mostrar; freqüentadores do Jardim Botânico, para eles o Parque Tanguá é um parque mais turístico, não é um parque para parar. Opinião semelhante tem André, de 26 anos, morador do centro, que só vai ao Tanguá “quando tem alguém de fora, para conhecer [o parque], no dia em que o turista estiver aqui”; freqüentador do Parque Barigüi, para ele o Parque Tanguá é um parque mais turístico, não consegue ver muitas pessoas da cidade lá: “O acesso é complicado, é um lugar turístico, mais para ver. Mas é bonito...” Já Márcia e Helinton, namorados, de Almirante Tamandaré, vão ao parque três a quatro vezes por mês, tanto pela proximidade do parque como porque consideram o parque “muito legal, com natureza, água, bastante verde”. Para Adriane e o marido Leandro, que moram no Bairro Alto Boqueirão e levaram 1 hora e meia para chegar ao parque, de ônibus, “o parque é bonito e tranqüilo, é bom para chegar e ficar”; costumam ir a parques todos os finais de semana, e apesar da distância e tempo de deslocamento, vão ao Parque Tanguá uma vez por mês ou a cada 60 dias.

Os fluxos de turistas chegam ao parque diariamente, nos mais variados horários. Nos meses de férias é possível ver ônibus de turismo nos estacionamentos, durante a manhã, todos os dias da semana. Neste período a jardineira da Linha Turismo funciona também às segundas-feiras. Os entrevistados chegaram ao parque principalmente de carro, de jardineira e de ônibus de turismo e permaneceram, em média, 1 hora no parque. As motivações para a visita ao parque seguiram alguns padrões semelhantes associados ao meio de transporte utilizado: os integrantes de grupos de turismo foram ao parque compulsoriamente, porque estava no roteiro do grupo; os turistas que chegaram ao parque de carro estavam acompanhados de moradores de Curitiba ou amigos que já conheciam o parque; e muitos turistas que utilizaram a jardineira como meio de transporte disseram ter recebido indicação na própria jardineira ou no hotel em que estavam hospedados e, após olharem as fotos no *folder* da Linha Turismo, decidiram conhecer o parque. Um aspecto que se destacou entre os turistas que utilizaram carro foi a procedência da grande maioria, vindos de diversas cidades do estado de São Paulo. Os ônibus de turismo

procediam de diferentes estados e os turistas que utilizaram a jardineira também eram procedentes de diversos estados do Brasil. Foram entrevistados dois turistas estrangeiros, um italiano e um coreano.

Entre os turistas entrevistados, independentemente do meio de transporte utilizado, a maioria havia visitado outros parques ou ainda visitaria, naquele mesmo dia. Os mais citados foram o Jardim Botânico e a Ópera de Arame, seguidos da Unilivre, o Parque Tingüi e o Parque São Lourenço, entre outros.

Sobre o Parque Tanguá, alguns turistas deram destaque a topografia do parque e a amplitude visual que a parte superior oferece. Luciana, de Campo Grande/MS, disse, que “o espaço dele [do parque] dá uma arejada”, que gosta da qualidade de vida e da estrutura do parque; para ela, o parque se parece muito com os parques norte-americanos por ser amplo, aberto. Muitos turistas também destacaram a organização e limpeza do parque, como Thais: “Maravilhoso [o parque], os de São Paulo são bonitos, mas sujos. São gostosos, mas não são bonitos como aqui, que é bem conservado” e acrescentou: “Gostaria de morar em Curitiba”. Apesar dos vários entrevistados que consideraram o parque limpo e organizado, o turista coreano Dongkooyim, que gostou muito do parque, reclamou que tem lixo e cheiro de água. Além da topografia, da beleza paisagística e da organização/limpeza, os elementos arquitetônicos também foram citados pelos turistas como aspectos de destaque do parque. Denorgina, uma senhora de Araçatuba/SP, se encantou com a beleza, o ar puro e com a arquitetura, como ela mesma disse: “a arquitetura mais antiga, mas torna-se moderno”. Haviam informado a ela, no hotel, que “[o parque] é o primeiro e o último lugar, que é deslumbrante”; e arrematou: “Não tenho mais palavras para discernir a beleza que isto aqui oferece para os turistas”. O cenógrafo italiano Alfredo considerou o parque uma “cenografia da natureza”, com equilíbrio entre a natureza e as edificações humanas. De certo modo, é a interação entre os ambientes naturais e os ambientes construídos, sem o mito da natureza intocada²⁴, que é baseado na preservação da natureza em estado bruto, inalterada pelos processos de antropização (SILVA, 2004). Conforme Yázigi (1999) há uma tendência generalizada de considerar as reservas ambientais como santuários intocáveis, que devem ser mantidos longe do uso pelo homem. Esta faceta do imaginário coletivo tende a considerar artificial toda intervenção ou uso humano em

²⁴ Conceito desenvolvido por Antonio Carlos Diegues, em *O mito da natureza intocada*.

parques de conservação, e depoimentos neste sentido também foram colocados pelos entrevistados, tanto no grupo dos turistas como no de moradores. Gisele, moradora do Residencial Tanguá sintetiza: “Tem aquela cachoeira de mentira, mas é bonito. Adoro natureza, acho que os parques em geral, em Curitiba, eles destroem um pouco a natureza, mas as pessoas podem passear”. Luchiari (2005, p. 99-100), que aborda a questão da espetacularização do patrimônio para o consumo turístico das cidades, questiona a ênfase crítica às formas e elementos estéticos da espetacularização quando, para a autora, o principal são as relações sociais decorrentes das novas configurações espaciais:

O problema não é a transformação da natureza em cenário, ou das práticas e artefatos culturais em espetáculo. A pós-modernidade nos trouxe esses valores de aceitação e até de preferência pela simulação, pela cenarização e sobretudo pela beleza estética das formas. O problema relaciona-se às condições de exploração social em que se produzem esta espetacularização da natureza, da cultura e de suas formas.

Domitila, turista de Florianópolis que chegou ao parque de jardineira, percebeu bastante preocupação com a organização, e tem uma opinião mais elaborada sobre o parque: para ela os parques em Curitiba “funcionam como mecanismo para humanizar a cidade, tem muito concreto e tentam trazer a área verde para reafirmar a qualidade de vida”, assim, destacou que na sua opinião pessoal “é um projeto político para afirmar a qualidade de vida. É tão organizado que beira a artificialidade”. Esta é uma percepção diversa da que tem a maioria dos turistas, que observam aspectos como beleza, acessibilidade, limpeza e apresentam uma relação mais fugaz com os espaços visitados. Também saindo do caráter meramente contemplativo do parque, Ana Maria, turista de Brasília/DF, considerou o parque muito bonito, mas questionou seu sentido: “não sei por que chama parque. Faltou alguma coisa, porque parque você imagina que vê bicho. Parece que faltou alguma razão de ser, porque você chega no Botânico, por exemplo, e tem as espécies”. Ana Maria não foi até a parte de baixo do parque porque não sabia que existia, talvez motivo para que, só tendo passeado pelo Jardim Poty Lazzarotto, não tivesse se sentido em um parque. Ela concluiu que “faltou explicações. Talvez quem vem com guia turístico tenha essas explicações”. Nádia, de Itaipulândia/PR, sentiu falta de indicações, de placas indicando as direções. Para ela “o mapa [placa com o

zoneamento] não é muito explicativo, não indica as direções”. Este aspecto ilustra uma constatação durante a pesquisa: no parque, apesar dos objetivos do plano de manejo e do enfoque a preservação da natureza, não há informações sobre a relação com o Rio Barigüi e os outros parques que integram o Projeto Viva Barigüi, sobre os projetos de recuperação ambiental, sobre a história da área e da construção do parque, entre outras informações que esclarecem a razão de ser do parque e possibilitam a aproximação com os usuários. Não obstante isso, a ênfase parece estar no turismo contemplativo, em que o turista vai, vê, fotografa e muitas vezes, quando interessado em ir além da apreciação visual, não encontra meios.

As várias visitas ao parque, para entrevistas, coleta de dados e observação dirigida, evidenciaram uma visitação muito maior na parte superior do parque. Inúmeros motivos podem ser úteis para explicar esta situação, ou pode ser o conjunto de fatores que configura esta realidade: a declividade é acentuada e, “quem desce tem que subir”; a lanchonete no *deck* está fechada e não há sanitários abertos na parte de baixo; os turistas e mesmo visitantes não sabem o que há na parte de baixo, entre outros fatores. Para Milton e Maria de Lurdes, permissionários de comércio no interior do parque – são autorizados a vender caldo de cana e água de coco - desde a inauguração, em 1996, o cuidado com o parque está todo na parte de cima. Mesmo em dias de semana, os turistas ficam somente no Jardim Poty Lazzarotto. Eles estimam que a lanchonete esteja fechada a aproximadamente 2 anos, e com isto também tiraram os pedalinhos, que levavam bastante movimento para baixo. Antes tinha luz, torneiras de água, indicações, mas agora todo o cuidado é na parte superior. Maria de Lurdes analisa: “No começo o movimento era muito maior, nem se compara. Tinha propaganda e as pessoas ficavam curiosas para vir”. Ela perguntou para as freiras da igreja que freqüenta por qual motivo não iam no Parque Tanguá e as freiras lhe disseram que já tinham ido uma vez e visto tudo, e além do mais a subida era muito cansativa. Para ela, esta explicação resume o que muitos pensam sobre o parque.

A ênfase ao turismo, em sua faceta contemplativa, é sentida por muitos moradores, visitantes e também turistas, como Roberval, turista de Sorocaba/SP, que participou de um evento da igreja em Curitiba e no domingo, dia reservado para passeio na cidade, foi com o grupo ao Parque Tanguá: “O lugar é bem alto, com natureza, mas faltou um parquinho infantil”. João Antonio, morador de Almirante Tamandaré, compartilha da mesma opinião. Ele leva a filha a parques uma vez ao mês, a menina

preferia ir ao Parque São Lourenço, mas foram de ônibus e o Tanguá era mais perto. A mesma necessidade foi identificada por moradores novos e moradores antigos. Janete e Neide, de 43 e 41 anos respectivamente, nasceram na região e compartilham a mesma sensação, que o parque é para turistas e sentem falta de parquinho infantil ou atividades para as crianças. Janete não vai ao parque, para ela “o parque é lindo, mas para visitas”, e como o parque pode ser visto da sua casa, costuma dizer para as visitas que o parque é a sua sala. Neide relembra o dia em que o Serviço Social do Comércio (SESC) realizou atividades de lazer no parque, trouxe cama elástica e outras atividades para as crianças, mas foi só uma vez... A postura de Marcelo, 36 anos, que mora em frente ao parque desde que nasceu, é bem mais pessimista:

O Parque Tanguá foi feito para turistas, para as pessoas do bairro não traz nada. [] O bom é que o local ia ser um depósito, então melhor o parque. [] Não tem cancha de futebol para as crianças, parquinho para as crianças. Para os moradores do bairro, nada. Quem vem de fora acha bonito, mas para o pessoal da região, nada.

Marcelo não frequenta o parque, só ia ver as carpas quando ainda tinha, então levava o filho. Seu Pedro, pai da Janete e ex-funcionário da pedreira, mora na região há 42 anos e só usa o parque como passagem para ir até o Rio Barigüi pescar. Diz que só ia ao parque quando tinha carpas no chafariz, então ele ia ver as carpas. “Agora não tem nada para fazer, não muda nada”. Opinião similar ao do Seu José, morador e fiscal do parque: “Onde é o parque tinha lagos que tomava banho e podia pescar, então o parque não trouxe muito benefício de lazer. Agora é só pra olhar”. Josiane também lembra dos lagos, onde nadava quando era pequena, para ela “era melhor para as crianças brincarem, porque hoje em dia não tem nada”.

O modo de perceber o espaço do parque, presente nos relatos, possibilita a reflexão sobre os espaços organizados para o consumo e os espaços organizados para o uso. Conforme Damiani (1999), o turismo, como atividade econômica, se relaciona com o consumo dos espaços, pois filtra os usos segundo uma estratégia mercadológica. Assim, os espaços para o turismo são vendidos pela seleção de imagens retiradas do cotidiano. Os parques e bosques de Curitiba, espaços intensamente promovidos para o turismo (conforme abordado no capítulo 3), apresentam um forte caráter contemplativo, apesar das áreas verdes possuírem diferentes equipamentos de lazer. O aspecto que se destaca em relação ao Parque

Tanguá é a dissociação do caráter do parque com necessidades apresentadas pelos moradores do entorno. O estudo de Benevides e Sánchez (1999, p. 73) sobre os conteúdos da imagem urbana de Curitiba para o turismo apresenta como sínteses o “turismo associado ao circuito dos espaços planejados, a organização urbana”. Para os autores, em Curitiba o lazer não é interativo, “as pessoas ‘vêm para ver’”, o uso e apropriação dos espaços são visuais, as pessoas vêem, mas não vivem os espaços, não participam: cidade espetacularizada e natureza espetacularizada.

Entretanto, a “distância” dos moradores em relação ao parque não é generalizada. Apesar dos moradores que relatam falta da interação com o parque por suas características, há outros os que usam intensamente a infra-estrutura do parque e reinventam ações no seu espaço, subvertendo os usos destinados pela configuração física ou pelas proibições explícitas nas placas. Mas é uma subversão limitada. Eles recriam o parque a sua maneira, e, confirmam em sua prática as palavras de Damiani (1999, p.47): “O lazer nos espaços urbanos não se reduz a formas urbanas originárias de estratégias econômicas e políticas, embora o sentido dessas estratégias seja seiviciar o lazer. O lazer é, também, uma conquista”. Andréia Souza, que mudou-se de São Paulo com o marido e os filhos há 3 anos, mora em um sobrado bem próximo ao parque e utiliza o que pode do parque: fazem piquenique, churrasco, jogam bola, tomam chimarrão, andam de bicicleta, caminham... Para ela o parque “é muito prazeroso, além de bonito”. E apesar das diversas atividades que realiza no parque, lamenta que ali não é permitido muita coisa. Gilvan, também morador novo, caminha, toma chimarrão, às vezes faz churrasco, enfim, aproveita o que pode. Ele se sente parte do parque, responsável em ajudar a cuidar, e salienta o caráter público e gratuito do parque: “Mesmo todos pagando tributos, não tem uma catraca cobrando entrada”. Fernando, morador de sobrado há 3 anos e procedente de São Paulo, disse que a esposa vai ao parque quase todos os dias com os filhos – só não vai quando chove. Enquanto ele respondia a entrevista, a família jogava bola no gramado, embaixo das cerejeiras, corriam e brincavam. No entanto, freqüentam somente a parte superior do parque, desde que a lanchonete da parte de baixo fechou e retiraram os pedalinhos.

Para muitos moradores o parque é local de passeio e caminhadas, como Rogério, de 36 anos, que nasceu na região, morou até os 30 anos com a mãe e agora está há 6 anos na sua casa, a 500 m da residência da mãe. Rogério caminha todos os dias no parque, à tarde, exceto no domingo que vai pela manhã, às vezes

acompanhado da mãe que também caminha regularmente no parque, outras vezes leva o cachorro, e logo estará novamente acompanhado pela esposa e pelo filho que está para nascer. Ivanilda Kozoski, outra moradora que nasceu na região e ali vive há 52 anos, vai ao parque todos os dias e, nos finais de semana passeia, com o marido, às vezes vai ao parque à noite. Para ela o parque “é tudo de bom, bem conservado, limpinho, não vê maloqueiro”.

A questão medo x segurança foi um aspecto recorrente nas entrevistas com os moradores novos. Isto não significa que todos os moradores dos condomínios não interajam com o parque e, com a rua e o bairro, entretanto o tema apareceu várias vezes nos depoimentos. Cristiane, moradora de um condomínio na região há 9 anos, revela que “atualmente tenho medo de andar no Parque Tanguá porque tem muitos rumores de assalto. Fiquei traumatizada e não vou mesmo”. Em sua opinião, o lugar vai crescendo e vai se tornando mais atrativo para os assaltantes. Diz que nos 2 últimos anos tem havido vários assaltos na região, o que para ela, é influência de Almirante Tamandaré. Raquel tranca a porta da loja no domingo pela manhã, quando grupos de jovens sobem a rua, vindos de Almirante Tamandaré em direção ao parque, nas suas palavras “parece arrastão”. Scheila sempre havia morado no centro e mudou-se com o marido e a filha para o Residencial Tanguá há 5 anos. O marido pensou que seria bom morar próximo ao parque para fazer caminhadas, mas ela vai muito pouco ao parque e só na parte de cima. Amigas suas foram caminhar na parte de baixo e foram assaltadas. “Dizem que com o módulo melhorou. As pessoas dizem...”

A questão segurança mostrou-se controversa entre os moradores antigos. Para alguns moradores, a segurança aumentou após a criação do parque em função da atuação da Guarda Municipal, até junho de 2008 ao lado da administração do parque e após, no Posto Avançado construído entre os estacionamentos, na Rua Oswaldo Maciel. Para alguns moradores, a região tornou-se atrativa e a criminalidade aumentou. Entretanto, a maioria dos moradores antigos concorda que diminuiu bastante a bagunça e o som alto, especialmente aos domingos.

André, guarda municipal, trabalhou em 2006 até fevereiro de 2007 e voltou em agosto de 2008 a trabalhar no posto da Guarda Municipal. Pela sua experiência, a principal ocorrência na região é pichação, e no parque bebidas alcoólicas e som alto nos carros. A maior quantidade de ocorrência é no parque, e não na região. Como o parque é aberto, sábado à partir das 23 horas é complicado, pois os bares de

Almirante Tamandaré fecham este horário e os freqüentadores dos bares vão para o Parque Tanguá. Quanto às ocorrências, a maioria dos furtos no parque são pela manhã, durante a semana e, nos finais de semana, furtos de carros. No início do parque havia 6 guardas por turno, pois as pessoas não respeitavam a Guarda Municipal. Atualmente, há 3 guardas por turno e o posto funciona 24 Horas. Para ele, a simples presença da Guarda Municipal na entrada do parque inibe as contravenções. Edson, guarda municipal que trabalha no parque desde 1996, quando faziam a ronda com lambretas – atualmente é com motos - considera que diminuiu muito o número de ocorrências. Segundo André, no Parque Tanguá, entre os parques, é onde menos ocorrem furtos.

Pela pesquisa de uso dos parques realizada por Biondi e Mórmul (2004) em 2001, entre os parques Barigüi, São Lourenço, Jardim Botânico, Passeio Público, Bosque do Papa e Parque Tanguá, a menor ocorrência de assaltos foi registrada no Parque Tanguá. Entretanto, não foram encontradas estatísticas atualizadas sobre o tema segurança nos parques públicos de Curitiba.

Pelas estatísticas fornecidas pela Guarda Municipal, no período entre 2004 até 2008, as principais ocorrências registradas no posto de atendimento do Parque Tanguá foram furtos (27 ocorrências), roubos (24 ocorrências) e incêndios (9 ocorrências). No total anual, em 2004 foram 32 ocorrências, em 2005 foram 60 ocorrências, em 2006, 41 registros de ocorrência, em 2007 foram 54 registros e em 2008, 51 ocorrências.

Entre os dados fornecidos pela Guarda Municipal merece destaque as tentativas de suicídio e os suicídios consumados no parque. Alguns moradores, como Marcelo, que mora na Rua Lory Lunardon em frente ao parque, haviam relatado nas entrevistas que antes da implantação do parque não havia suicídios nas pedreiras, e que depois do parque, já havia ocorrido diversas vezes. Os relatos fornecidos pelos moradores levam a 6 mortes por suicídio e uma por acidente desde que o parque foi implantado. Entretanto, estes dados não foram confirmados pelas ocorrências da Guarda Municipal, pois os dados disponibilizados correspondem ao período entre 2004 e 2008. Entretanto, neste período os dados oficiais revelam 5 tentativas de suicídio e 3 suicídios consumados.

Estes fatos podem sugerir facetas inesperadas da visibilidade assumida pelo parque, que merecem estudos sobre a motivação das pessoas em procurar um lugar público, bonito e visível para tal finalidade. Se os fatos não repercutem na mídia, os

moradores da região vêem ou ficam sabendo, pois as “histórias” passam a fazer parte do repertório dos moradores e foram relatadas nas entrevistas. Portanto, nem todos os aspectos são positivos ou, “nem tudo são flores”. Se parte dos usuários e, especialmente, moradores, se beneficia com a infra-estrutura decorrente da implantação do parque, outros aspectos aparecem como prejudiciais ou desagradáveis, como o grande fluxo de visitantes que o parque recebe aos domingos e lota as ruas, faz barulho, enfim, usam o espaço a seu modo.

As entrevistas permitiram visualizar níveis de interação com o parque, que vão de lugar de contemplação e consumo do espaço até a condição de espaço vivido, com o qual o usuário estabelece uma relação mais próxima, de pertencimento e com caráter identitário. E, em oposição, foi possível identificar a falta de interação, a indiferença ao parque. Nestes casos, para os moradores, o lugar da vida – a casa, a rua - não se estende ao parque. Um exemplo que ilustra esta situação é o depoimento de Madalena, que mora em frente ao parque há aproximadamente 20 anos e o sogro, que faleceu, era dono do terreno de esquina onde há um bar e lojinha. Com a implantação do parque, abriu o bar e ela, que era guardadora de carros, foi trabalhar no bar. O comércio já teve vários donos, e ela segue como funcionária. Disse que não vai no parque, mas quando sua mãe era viva e morava na parte de baixo, ela atravessava o parque para visitar a mãe – o parque era apenas caminho, passagem. Para ela, o parque é bonito e, segundo as pessoas que vão ao bar lhe dizem, é o parque mais bonito de Curitiba. Admite que foi bom morar ali, até agora, pois uma filha que mora na região metropolitana está grávida e como eles não têm como construir mais uma casa no terreno, vão vender e mudar para perto do Canal 4. Ela diz que não vai sentir falta de morar ali, porque o que quer é uma vida melhor. O exemplo de Madalena é representativo de uma parcela de moradores que não tem relação direta com o parque e, portanto, não estabelecem qualquer vínculo. No entanto, por meio de relações indiretas, como trabalho (o seu ganha-pão), bem-feitorias no bairro e na rua e a valorização imobiliária, se beneficiaram com a implantação do parque.

4.2. A Rua e o Bairro

Os depoimentos dos moradores antigos revelaram dois marcos temporais recentes no cotidiano do bairro: o primeiro foi a implantação do parque e o segundo, em menor escala, foi a construção do Residencial Parque Tanguá I e II. Como consequência, aumentou a visibilidade do bairro, o movimento de pessoas em função do parque e das novas 192 residências do condomínio. Com o turismo e os novos moradores, inclusive dos condomínios horizontais no entorno, chegaram benfeitorias em infra-estrutura e serviços.

No âmbito das relações sociais, gerações de famílias vivem ali. As pessoas se conhecem, sabem das histórias uns dos outros são compadres e comadres... Os terrenos passam dos avós para os netos, e nas residências tradicionais, há mais de uma casa no mesmo lote. Os depoimentos evidenciaram um forte sentido de identidade com o lugar.

São as relações que criam o sentido dos “lugares” na metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso. (CARLOS, 1996, p. 22)

A análise da rua e do bairro como plano de realização da vida foi definida a partir dos resultados da pesquisa, em função do caráter identitário estabelecido com estes espaços, pelos moradores. Lefébvre (1999, p. 29-30, grifo do autor) aponta a rua como “o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros em lugares determinados”. Para o autor, na rua “um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, *apropria-se* dos lugares [...]”. As modificações, ou não, no plano do cotidiano, permitem estabelecer a extensão do plano do vivido ao parque, como lugar. Para a definição de lugar, o conceito adotado é o de Carlos (2001, p. 35):

O lugar é, assim, a porção do espaço apropriável para a vida, revelando o plano da microescala: o bairro, a praça, a rua, o pequeno e restrito comércio que pipoca na metrópole, aproximando seus moradores, que podem ser mais que pontos de trocas de mercadorias, pois criam possibilidades de encontro e guardam uma significação como elementos de sociabilidade. A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço pelo corpo, o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança, o ato de ir as compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente

sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante e habitante-lugar, marcada pela presença.

No âmbito deste estudo, o parque é abordado em suas possibilidades de vivência como lugar, extensão da casa, da rua e do bairro. Para tanto, o enfoque recai em suas características que permitem a inclusão no cotidiano dos moradores e do bairro. Suas características consonantes com os conceitos de não-lugar ultrapassam a delimitação deste trabalho, visto que este enfoque, por si só, daria origem a outras pesquisas. Assim, apesar da identificação de características de não-lugar, a diretriz deste trabalho é a das possibilidades de transformação do parque em lugar.

A implantação do parque desencadeou a criação de novos empreendimentos e, conseqüentemente, novos fluxos. A área mais impactada pelos novos empreendimentos articula-se em torno da entrada da parte superior do parque, pela Rua Oswaldo Maciel, no Bairro Taboão.

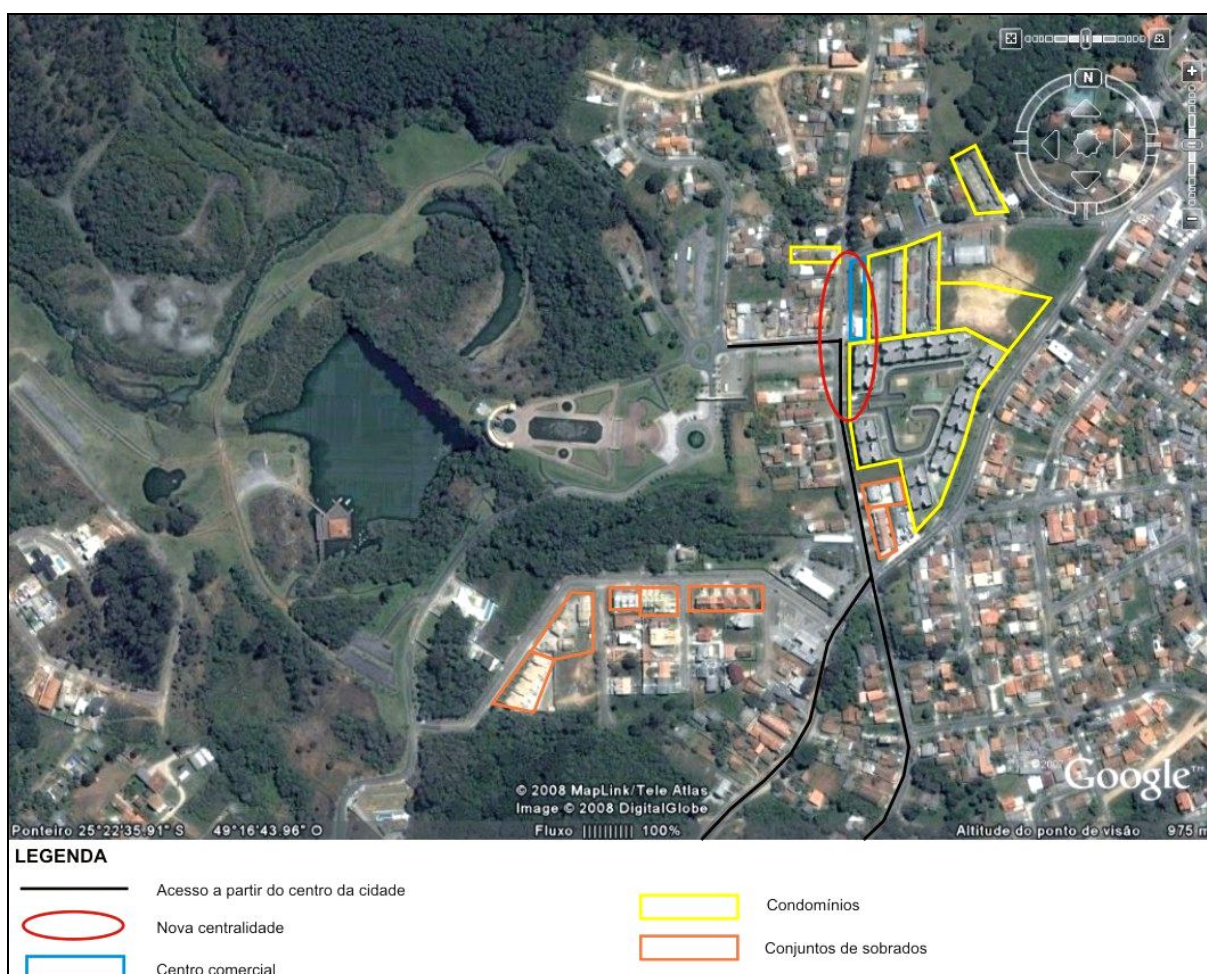


FIGURA 9 – PARQUE E CONFIGURAÇÃO DO ENTORNO

Fonte: Google Earth, 2008 (Org. BETAT, 2009).

Na figura 9, o entorno do parque com a delimitação dos condomínios e conjuntos de sobrados mais expressivos²⁵, a área de concentração do comércio e serviços – Centro Comercial Tanguá -, e a nova centralidade de bairro identificada. Na figura, também o acesso principal ao parque, a partir do centro de Curitiba. Entre os entrevistados, moradores há mais de 50 anos no bairro, muitos que nasceram no local e moram em casas no mesmo terreno que seus familiares, pais ou filhos, avós ou netos. Seu Haruo, 89 anos, veio do Japão aos 15 anos e mora na Rua Eugênio Flor (os fundos do lote fazem divisa com o parque) há 57 anos. Ele plantava hortaliças em parte da área onde é o parque e também no terreno onde está o Residencial Tanguá. Conta que quando ainda funcionava a pedreira, em uma detonação caiu uma pedra na sua casa e quebrou a janela, mas ninguém se machucou. Otimista, vê com bons olhos as melhorias que o parque trouxe para a região: “Tem mais movimento, o condomínio [Residencial Tanguá I e II] deixou mais clara a rua”. Para ele a segurança aumentou depois da inauguração do Posto Avançado da Guarda Municipal e do condomínio. Só reclama que a rua em frente a sua casa é estreita. A criação do parque não trouxe mudanças no seu dia-a-dia, ele não vai ao parque porque é muito perto, vê dos fundos de casa. Animado, pretende continuar morando ali até morrer.²⁶ Este sentimento também é compartilhado por outros moradores, como Ivanilda Kozoski, moradora há 52 anos, que reside em lote onde foi a chácara de sua avó. Ivanilda bateu no peito ao dizer que o parque “é maravilhoso”. Orgulhosa, costuma dizer que “mora dentro do Tanguá”. Fora as outras benfeitorias decorrentes do parque, para ela o trabalho aumentou: costureira, com o parque veio muita gente de fora e “um mundo de costura”. Ela sai de casa para alguma atividade e volta cheia de sacolas com costuras para fazer. Laudelinda também quer ficar ali “enquanto durar”. Moradora há 14 anos, quando mudou para o bairro ninguém sabia onde ficava. Não entregavam pizza porque não achavam no mapa, ela não conseguia tevê a cabo, os serviços não chegavam até lá. “Quando era pedreira, era tudo abandonado”. O parque representa qualidade de vida, para ela, “porque veio tudo junto: asfalto, esgoto, serviços, a Net veio em 60 dias, o ônibus desceu a rua e até pizza entregam...” Além disto, tem um lugar seguro

²⁵ Definidos em função da área visível na imagem e dos estudos de campo. Para constar, há mais empreendimentos do que os assinalados, inclusive residências de alto padrão.

²⁶ Seu Haruo faleceu 3 semanas após a entrevista.

para passear com os cachorros, com o posto da Guarda Municipal em cima a segurança melhorou, parou o som alto...

Seu Luiz é outro morador que tem mais trabalho desde a implantação do parque: ele é dono da lanchonete na entrada do parque. Morador do bairro desde 1983, ele mora há 9 anos na parte de cima do bar. Porém, ao contrário de outros moradores antigos, quando se aposentar ele pretende se mudar para a Bahia: “está cansado, o comércio é muito estressante”. Para ele a vida melhorou após a implantação do parque, com seu trabalho as 3 filhas se formaram, mas por outro lado diminuiu o lazer, só vive para o trabalho. Freqüentador do parque, já emagreceu 8 quilos com as caminhadas 3 vezes por semana. Seu Luiz tem “orgulho, muito orgulho [de morar ali] pois muitos gostariam de ter um lugar assim”. Relata que nos dois primeiros anos após a inauguração do parque era difícil, havia “pessoal de favela, tráfico de drogas, assalto...” Agora não tem assalto, esqueceu o bar aberto uma noite e não aconteceu nada. Destaca, ainda, que os terrenos e casas valorizaram muito, o preço triplicou. Seu José, fiscal do parque, também salientou a valorização dos imóveis por causa do parque, ninguém paga o preço que a casa dele vale agora. Mas, mesmo que pudesse vender, não mudaria porque gosta do lugar. No entanto, ao invés de trabalhar no Parque Tanguá, ele preferiria trabalhar na Ópera de Arame, onde já foi fiscal também. Com ele trabalham mais 4 fiscais, em regime de escala, responsáveis também pela limpeza e manutenção do parque.

Seu Pedro morou 3 anos na parte de baixo do parque e foi funcionário em duas pedreiras, da Gava e da Cavo. Como a pedreira estava aumentando muito, a Cavo comprou a área na parte de cima e distribuiu os lotes para as pessoas que estavam na área de risco. Seu Pedro já está 42 anos na sua casa e diz que antes “era danado, era um pantanão a estradinha em frente [Rua Oswaldo Maciel], nem dava para passar. [] Com o parque valorizou o terreno da gente, vale uma grana”. Seu Pedro conta que a pedreira fechou uns 10 anos antes do parque, com aproximadamente 40 funcionários, alguns transferidos para outros trabalhos da Cavo, muitos já morreram, “os cachaceiros”. Ele quis ficar ali, trabalhou como pedreiro e carpinteiro e quer ficar no bairro até morrer.

Os pais de Neide foram pioneiros da região, ela nasceu ali há 41 anos, mas morou 8 anos na “Cruz do Pilarzinho”²⁷ e lá tinha tudo. Se a infra-estrutura do bairro

²⁷ Cruzamento no Bairro Pilarzinho que serve de referência na região.

melhorar ela pretende continuar morando ali, pois como o pai faleceu, está para vender o terreno e, depois do parque, valorizou muito. “O resultado do parque, no início, não foi muito, era mais turismo. Hoje tem os condomínios, começou a crescer o bairro”. No seu entender, falta farmácia, loteria, banco, pois a infra-estrutura do bairro ainda é pequena. Ela agora trabalha no salão de cabeleireiros que a irmã abriu no Centro Comercial do Tanguá.

Silvio, 46 anos, mora na parte de baixo do parque, em um lote não atingido para ampliação do parque, mas para ele não houve melhorias diretas em urbanização próximo a sua casa. No entanto, é dono do mercado do centro comercial, que atende moradores e turistas. Quando iniciaram as obras das lojas, se interessou porque pensou que seria um ótimo ponto. Abriu o mercado em setembro de 2008, quando o prédio ficou pronto e a família (esposa e filhos) participa do negócio. Pretende continuar morando na região, pois é um lugar tranquilo, gostoso, não tem poluição, a vizinhança é boa e a segurança melhorou em função do parque, assim como a valorização do imóvel onde mora. Se ampliarem o parque, para ele vai melhorar, porque o parque vai passar no final da rua onde mora, que é sem saída. Para ele o parque representa qualidade de vida, muita gente que vem fica encantado com a qualidade de vida que eles tem ali.

Os jovens também sentem as repercussões da implantação do parque no cotidiano do bairro e demonstram apego ao lugar. Rafael, de 21 anos, é entusiasta das melhorias advindas com a implantação do parque. Além da esposa trabalhar no bistrô do parque (loja oficial de *souvenires* dentro do parque), ele atua como guardador de carros no estacionamento do parque nos sábados e domingos à tarde (trabalha durante a semana), além de caminhar com a esposa pela manhã. Ele resume as mudanças trazidas pelo parque como “tudo de bom, nem tem como explicar: asfalto, ônibus... É muita coisa que não tem nem o que falar”. E com orgulho, completa: “Daqui eu não mudo não!” Denis, 25 anos e que também nasceu ali, não titubeou ao dizer que a principal mudança trazida pelo parque foi a segurança, com o policiamento desde que começaram a fazer o parque. Melhorou a estrutura, mas aumentou o preço das coisas: “A panificadora é um roubo, o mercadinho...” Ele pretende continuar morando ali e é mais um morador que trabalha no bairro, na portaria do condomínio.

Muitos moradores trabalham no bairro, beneficiados por atividades econômicas que vem sendo implantadas, e outros abriram os próprios negócios. Marcelo, o dono da

locadora, abriu as portas em outubro de 2006. As duas primeiras lojas do centro comercial – padaria e locadora - foram construídas no final do ano de 2005. No seu entender, “para os comerciantes o Parque Tanguá não diz nada, não influi no movimento, os turistas...” Para ele o parque não trouxe nada de bom, só transtorno: “Moro no mesmo lugar, agora tem asfalto mas acabou o sossego”. E ainda: “Cresceu o bairro, mudou os moradores, hoje não conheço ninguém. Algumas pessoas venderam e foram embora”. No entanto, se o terreno do seu pai (onde tem casa) fosse seu, não sairia dali. “Mesmo se pagassem, é o lugar onde se criou”.

Josiane, 26 anos, mora com os pais na parte de baixo do parque e trabalha no salão de cabeleireiros da Janete, na parte de cima do parque. Sua casa está na área atingida para ampliação do parque, mas a família não quer vender, ao contrário de sua tia. Ela atravessa o parque todos os dias para trabalhar, antes era um matagal e não tinha como passar. A parte onde mora não mudou muito com a implantação do parque, a parte de cima que mudou bastante, mas ela pretende continuar morando lá, não pensa em mudar da região. Já Michele, 22 anos, veio para o bairro ainda bebê, tinha 1 ano. Faz 2 anos, trabalha em São Paulo durante a semana e “volta para casa” no final de semana. Pensa em abrir um negócio com a mãe, talvez no bairro, se for viável. A seu ver, o parque trouxe visibilidade para o bairro, “antes era um parque comum e agora as coisas acontecem por causa do parque. [] É desenvolvimento, uma área que estava abandonada e foi aproveitado para fazer uma coisa bonita, que todos podem usufruir”. Mesmo trabalhando na capital paulista, pretende continuar morando no bairro, gosta bastante dali, é tranquilo, é perto do centro... A situação de Michele é ilustrativa do senso de pertencimento, na noção de lugar que faz com que “volte para casa” todos os finais de semana, porque ali considera sua casa. Outro exemplo representativo é o de Márcia, de 30 anos, bisneta dos donos da área. Como ela vai casar e é difícil ter casa para alugar ou terreno para vender no bairro, ela vai morar no Bairro Novo. “Os terrenos são dos antigos, que deixaram para os netos”. No terreno da família não pode construir mais casas, mas quando for possível ela sabe que vai voltar e construir sua casa ali. Em sua opinião, o parque melhorou a paisagem, a aparência do bairro mudou e valorizou os terrenos, mas não houve muitas benfeitorias: o asfalto no ano passado [2007] , a linha de ônibus já tinha. Como ela não tem loja ou comércio, não tem benefícios com o turismo. Finais de semana ela leva a avó, Teresa, para passear no parque, que já está velhinha e em cadeira de rodas por causa da diabetes. Sua avó

e seu avô trabalharam na pedreira, na época as mulheres também trabalhavam na pedreira, “quebravam pedra, macadame...” Além de passear com a avó no parque, Márcia gosta de levar visitas, tem orgulho de dizer que mora perto do Tanguá, e brinca, ironizando: “digo que moro mal!”

Os depoimentos deixaram claro o sentido de referência e identidade com o bairro, a partir das relações que se estabelecem no tempo e no lugar. Para as pessoas, o bairro tem uma história, construída a partir das relações sócio-espaciais, e que faz parte da história pessoal. Ao mesmo tempo, a história de cada um no lugar constrói a história do lugar. Pelo teor dos depoimentos, o senso de lugar, o pertencimento ao bairro não foi abalado pela implantação do parque e decorrente chegada de novos moradores – com novos valores e novas referências – bem como com os fluxos de turistas e com os visitantes vindos de outras regiões da cidade ou RMC. Entre os moradores antigos, não é possível apontar uma tendência majoritária de incorporação do parque como lugar, pois os depoimentos não mostram consenso. Entretanto, transparece nos depoimentos uma aproximação dos moradores com o parque, no sentido de maior uso e frequência, se comparado ao período de implantação. O depoimento de Neide sintetiza: “Agora é que as pessoas do bairro estão vindo mais no parque para aproveitar”. Assim, o parque, se ainda não incorporado como lugar, extensão da casa e da rua, é ao menos motivo de orgulho. Para os moradores antigos, que demonstram sentimentos de pertencimento e afeição ao lugar, a visibilidade parece confirmar, bem como ressaltar, as qualidades do lugar.

Por outro lado, os moradores novos, que já chegaram ao bairro após a implantação do parque, também demonstraram o estabelecimento de um vínculo com o lugar. Entretanto, em nível menos profundo, ou diferente do vínculo dos moradores. Se para alguns moradores novos o parque foi decisivo para a mudança para o local, houve depoimentos que revelaram o bairro como motivador principal e o parque como um complemento, um fator de desempate. E uma terceira tendência nos depoimentos atribuiu a outros fatores o motivo de mudança para o bairro.

O exemplo de Andréia Souza ilustra a importância do parque para alguns moradores novos: quando o marido foi transferido de São Paulo, há 3 anos atrás, encontraram sobrados em construção no bairro e a proximidade do parque foi decisiva na escolha. Ela buscava um espaço com qualidade de vida que não tinha na capital paulista e, por influência dela e do marido, os cinco sobrados que estavam em

construção são ocupados por funcionários da mesma empresa do marido. Fernando, vizinho de Andréia, também mora há 3 anos ali. Quando veio de São Paulo, procurava uma casa próxima ao trabalho, no Bairro Alto da Glória, mas não encontrou e, como gostou da região e o preço foi bom para ele, também mudou para um sobrado. No seu caso o parque não foi determinante, mas influenciou. O aspecto decisivo para ele foi a região, diferente de São Paulo. No entanto, vai sentir falta do parque [e da região] quando sair de Curitiba.

Mais uma moradora que veio de outro estado é Marli, procedente de Porto Seguro, mas que já morou em vários lugares. Ela reside em um sobrado, há 1 ano e, para ela, o parque também foi importante na escolha de onde morar, “já que Curitiba não tem praia nem nada”. A infra-estrutura da região não está excelente, mas está boa, porém não tem banco nem *shopping* perto. Ela só não entende porque as pessoas da região não aproveitam mais o parque, não vão ao parque: “é mais para turista, é feito para todo mundo, mas as pessoas daqui não dão valor”. Gilvan frequenta o parque, aproveita o possível, desde que se mudou do Bairro Mercês para o Residencial Tanguá. Procedente no Rio Grande do Sul, mora em Curitiba há 3 anos. “A vida neste local é muito melhor, dei um grande passo mudando do Mercês para cá”. E complementa: “Como sempre pensamos em melhorar, daqui a uns 2 ou 3 anos quero mudar para uma casa, num condomínio, na região”. Mudou para o bairro porque comprou o apartamento de um compadre, mas a existência do parque influenciou na sua escolha. Tem orgulho de dizer que mora perto do parque, e quando mudou para lá, enviou cartões-postais do parque para amigos, dizendo que era o quintal da sua casa.

Cristiane, moradora de um condomínio horizontal, se mudou para a região faz 9 anos, procedente do Bairro Bigorriho. Mudou para lá porque há vários parques na região, há muito verde, e também por ser um bairro tradicional, familiar. Conhece todos os amigos do filho, estão no mesmo colégio, as pessoas se encontram, conversam. Na sua opinião, o Parque Tanguá é bonito, é bem turístico – quando vem familiares de longe sempre leva no parque -, mas não é um “parque dia-a-dia”. Frequenta o Parque São Lourenço, porque “é plano para caminhar, andar de bicicleta, andar com o cachorrinho. No Tanguá tem placas que proíbem”. E ela respeita as placas. Porém, quando está com preguiça de andar um pouco mais, vai no Parque Tanguá e espairose.

Eduardo buscava um local entre o trabalho dele e de sua esposa, no Abranches e no centro, respectivamente. No princípio procuraram algo perto do Parque São Lourenço, para aproveitar o parque para correr, mas acharam em frente ao Tanguá, com preço bem melhor. Morador do Residencial Tanguá, desde agosto de 2008, disse que morar perto de um parque, se fosse possível, seria perfeito: “por causa do esporte, da qualidade de vida”. Ele frequenta o parque todos os dias da semana para correr, exceto no final de semana. Entretanto, sua esposa só foi duas vezes ao parque, para levar parentes. Eduardo, entusiasmado, disse que morar ali trouxe muitos benefícios para eles: “tranqüilidade, um monte de árvores, é perto do trabalho também e volto a pé, olhando o bairro. O bairro é tranqüilo, parece a Vila Fanny [antigo bairro de moradia de ambos, desde crianças] há 10 anos. Criança na rua, velhinho...” Quando se mudaram havia a panificadora e a locadora, aí abriu o cabeleireiro e o mercadinho, para ele tem tudo ali. O depoimento de Eduardo mostra a referência afetiva da rua e do bairro como lugares, espaço da vida, da brincadeira, do convívio, que tinham na Vila Fanny até o bairro crescer demais.

Seu Mário, que já vive no Residencial Tanguá há 3 anos, veio de São Paulo. Achou o apartamento, gostou do lugar e do preço. “Agora o preço é o dobro. Paguei 70 mil e agora vale 140”. A proximidade com o parque não teve qualquer influência na decisão de morar lá, ele sequer vai ao parque; “se fui duas vezes foi muito”. E complementa: “O que importa é o bairro”. Seu Mário é um dos moradores para quem o parque não representa nada, simplesmente porque não faz parte de sua vida, está próximo fisicamente, mas distante no plano do vivido.

Raquel, que morava a apenas 30 dias no local quando foi realizada a entrevista, também é dona de uma loja no Centro Comercial Tanguá – aberta em 27 de setembro de 2008. Ela reúne a visão do visitante, do morador e do empreendedor – que tem atividade com fins de lucro na região. Como visitante, pouco tempo antes Raquel frequentava o parque para bater-papo, tomar cerveja, passear ou simplesmente “curtir” o parque. Quando morava no Jardim Schaffer, não tinha o hábito de frequentar parques, exceto o Parque Tanguá, único que ia: “[...] tem um astral, uma coisa meio mágica, meio cósmica, não sei explicar”. No entanto, desde que se mudou para o entorno, não foi ao parque. “Ainda é muito recente. A meta é fazer a loja e o centro comercial fluir”. Aí entra a visão da empreendedora. Sua loja é papelaria, revistaria, digitalização, internet, presentes e aulas de artesanato, e ela também busca a permissão para atuar como um posto de pagamento de contas,

prestando, assim, vários tipos de serviços. Antes, não havia onde fazer recarga de telefone celular na região, e, por iniciativa pessoal, solicitou caixa de correio e telefone público em frente ao Centro Comercial, assim aumenta a presença das lojas no atendimento às demandas da comunidade. Seu objetivo era a loja de presentes e dar aulas de artesanato, mas como a região é carente em pequenos serviços, a diversificação foi uma boa alternativa para manter a loja e oferecer produtos e serviços que não existiam ali ainda. Apesar de não haver movimento de turistas na loja, o funcionamento das lojas é de terça a domingo, pois o maior movimento no parque é domingo. Os lojistas pensavam em divulgar o Centro Comercial no ponto do ônibus da Linha Turismo, mas a Rua Oswaldo Maciel integra a área do parque, onde não é permitido panfletar. Como alternativa, pensam em colocar um totem na Rua Eugênio Flor que seja visível da entrada do parque. Raquel disse que, como a comunidade é muito simples, “acham a loja muito bonita e pensam que é algo muito grande”, como certo dia um rapaz disse para a namorada que “nessa loja tem até que pagar para entrar”. Também com o intuito de envolver a comunidade, os donos de lojas do centro comercial fizeram festas para as crianças, no estacionamento do centro comercial – *halloween*, Dia das Crianças e Natal. Assim, se sentindo mais próximos ou acolhidos, a população carente e menos informada tende a não ver o centro comercial como objeto de depredação. Raquel explicou que, poucos dias antes da entrevista, um rapaz da comunidade fez pichações no muro dos sobrados em frente as lojas, e na lateral do centro comercial que fica de frente para a Rua Cecília Mikosz.

Os depoimentos revelam um estranhamento que as novas formas (arquitetônicas e comportamentais) e as novas atividades comerciais despertam em alguns moradores, mais simples, ou segregados pela seletividade econômica. A implantação do parque e, mais especificamente, a possibilidade de benefícios econômicos decorrentes do uso turístico do parque, desencadearam a implantação de comércios voltados ao turista, na entrada do parque. Os empreendimentos imobiliários na região e o fluxo de novos moradores desencadeou o estabelecimento de outros comércios, voltados aos moradores e também aos turistas, quando a atividade é compatível com o atendimento dos dois públicos. Um exemplo de comércio voltado ao turismo pode ser visto na foto 60, de loja prestes a inaugurar²⁸,

²⁸ A loja não havia sido inaugurada até o final de janeiro de 2009.

que se apropria dos elementos arquitetônicos do pórtico do parque (foto 59) para criar uma identificação visual com o parque. A edificação está localizada na Rua Oswaldo Maciel, em frente a parada da jardineira da Linha Turismo e ao Posto da Guarda Municipal. O exemplo ilustra não só a melhoria – ou maior cuidado estético – no aspecto formal das edificações na Rua Oswaldo Maciel, mas a mimese que estabelece uma relação, em nível simbólico, da loja com o parque: a mesma arquitrave superior, na loja os pilares de sustentação do pórtico (colunas estilizadas) aparecem como pilastras, sem função estrutural, quer dizer, apenas estética. O uso de cores da edificação também remete ao pórtico, com a mesma cor-base e as pilastras destacadas pela cor branca, já que no pórtico o destaque aos pilares é feito pelo contraste entre cheios e vazados e na edificação o recurso tem que ser feito pela diferença de cores. Esta apropriação da linguagem visual do pórtico remete ao caráter mercadológico do uso da imagem do parque, para benefícios comerciais.



FOTO 59 – PÓRTICO
Autor: BETAT, 2008.



FOTO 60 – LOJA
Autor: BETAT, 2009.

As lojas do Centro Comercial Tanguá têm um cuidado que não é apenas estético, pois possuem estacionamento com vaga para portadores de deficiência física, banheiro público e rampas de acessos e padronização visual das lojas. Isto, além das atividades de inclusão da comunidade que foram relatadas por Raquel, demonstram o cuidado em reproduzir no bairro um comércio com o mesmo tratamento que o de áreas centrais ou áreas nobres. No entanto, para alguns moradores tradicionais, a arquitetura cuidadosa e os valores praticados, assustam. Para Madalena, “a panificadora é de turista, ficou caro, todo o dia a gente não pode comprar”, e contrapõe o preço cobrado com a facilidade de acesso que antes não

havia: “Tem panificadora, cobram caro, mas tá pertinho, antes precisava ir longe”. Janete compartilha a mesma opinião sobre os preços, “Tudo era chácara, fizeram o condomínio, agora tem comércio. [...] A padaria é cara, cobra preço para turista... se bem que melhorou. O mercadinho faz 3 meses que abriu e foi também”. Denis revela valores/prioridades ao destacar que o aspecto que mais mudou na região, no seu entender, foi o aumento da segurança, com o policiamento desde que começaram a fazer do parque. Para ele, “aumentou o preço das coisas, a panificadora é um roubo”, mas o aspecto relevante da implantação do parque é a segurança. Entretanto, os depoimentos não revelaram consensos, pois as condições sócio-econômicas e os deslocamentos cotidianos em outras áreas da cidade – que permitem ver os preços praticados em outras regiões - variam de morador para morador.

Os moradores da região utilizam o comércio voltado a atender às suas necessidades, diferentemente dos visitantes do parque e dos turistas, que utilizam a estrutura mais próxima ao parque e voltada para o consumo rápido: o bar, a lanchonete, a loja de *souvenirs*. Alguns visitantes declararam levar seu próprio lanche para o parque, para não comprar no interior ou no entorno do parque. Entretanto, muitos entrevistados deste grupo consumiram ou iriam consumir algo – principalmente líquidos: água, caldo de cana, água de coco, e sorvete - no parque ou no entorno, sem distinção. No entanto, o preço chamou a atenção de visitantes como Patrícia, de Almirante Tamandaré, que chegou ao parque de ônibus para passar a tarde com uma amiga. Comprou um chá gelado no interior do parque e, para ela “O preço é abusivo. São pessoas mais simples e estão metendo a faca. Se ainda fosse o Barigüi...”

Em dois grupos entrevistados não houve menção aos valores praticados no comércio da região, tanto aquele voltado apenas aos turistas como o que atende a todos: os turistas não fizeram menção sobre o assunto, bem como os moradores novos. Neste sentido, pensamos que os turistas estão acostumados aos “preços turísticos” e pagam R\$ 2,00 a água de 500 ml porque os lugares onde vão praticam preços similares, enquanto a uma quadra do parque, a padaria cobra R\$ 1,20 pelo mesmo produto, preço similar ao praticado, em geral, no restante da cidade²⁹. Do mesmo modo, os valores praticados na padaria ou no comércio do bairro são

²⁹ Valores pagos pela autora, em visitas de campo, em dezembro de 2008.

similares ou inferiores aos praticados em outras regiões da cidade, portanto, não influem no orçamento dos moradores novos, que vivem em condomínios fechados, sobrados ou nos prédios do Residencial Tanguá I e II. Isto em função do padrão mais elevado das edificações e, conseqüentemente, do melhor poder aquisitivo de seus moradores, como alguns entrevistados que estavam habituados a custos de vida mais altos, como da cidade de São Paulo.³⁰ De certo modo, os moradores novos, que procuram formas de habitar como a dos condomínios horizontais, chegam com uma bagagem diferente, valores associados a modos contemporâneos de vida e de consumo, que se refletem na interação com o bairro.

A dificuldade em realizar entrevistas com moradores novos parece ilustrativa do modo de habitar relativo a este grupo. Novamente, as entrevistas e a observação dirigida apontam tendências - não devem ser entendidas como generalizações – que levam ao confinamento, a falta de interação – ou a interação seletiva - com o entorno e a cidade .

Apesar da significativa quantidade de condomínios residenciais no entorno do parque, não foi possível entrevistar 20 moradores novos da região simplesmente porque eles não estavam na rua ou no parque (locais definidos para as entrevistas, exceto com comerciantes). Os moradores novos estavam entrando e saindo de carro pelos portões do Residencial Tanguá I e II, com 192 apartamentos, ou de outros condomínios, horizontais, na região.

Yázigi (1999), ao discutir o confinamento territorial do turismo, aponta o confinamento como uma tendência crescente no Brasil, desde a Granja Julieta e o Shopping Iguatemi, nos anos 60. De antemão, não se verifica confinamento físico no Parque Tanguá, de acesso público e gratuito, mas uma possível tendência no entorno do parque, aonde condomínios horizontais vem sendo implantados desde a sua inauguração.

Em seu depoimento, Raquel comentou que muitos moradores dos condomínios da região, após 2 meses da inauguração da loja, ainda não haviam visto os novos comércios. Isto porque, para ela, não andavam pela região e não iam ao parque, saíam e voltavam de carro dos seus condomínios e não interagem com o bairro. No entanto, Raquel tem a impressão que o bairro vai ser muito bom para morar daqui a uns 5 anos, vai crescer muito, vai encher de condomínios, o que para o comércio

³⁰ Além de alguns entrevistados serem procedentes de São Paulo, a autora presenciou moradores antigos se referindo aos moradores dos condomínios como “os paulistas”.

dela é bom. “Se fosse dona do mercadinho aí iria me preocupar, porque o pessoal pega o carro, vai num mercadão e compra tudo”.

Sobarzo (2006, p. 101), analisa o surgimento de novos produtos imobiliários – condomínios fechados, *shopping centers* – como “produtos que expressam novas formas e práticas para antigas ações – consumo, lazer e moradia – contribuindo na sua materialização para o processo de acumulação capital”. Estes espaços se inserem na relação entre espaço público e espaço privado, pois onde se realizam envolvem sempre estas duas esferas: “pense-se no ato de morar e sua relação entre casa e rua; no ato de consumir e a interface entre loja e rua; ou no lazer, que pode ocorrer em espaços públicos, privados ou em ambos”. No caso dos condomínios fechados, a análise contrapõe o novo ao antigo, assim o novo aparece como a forma moderna de morar, própria das camadas mais abastadas, tornando obsoletas as formas “antigas” e conferindo *status* aos consumidores do novo produto – a vida nos condomínios. Yázigi (1999) enfatiza a questão da segurança, entre outros fatores, como motivador da vida intramuros nos condomínios. A possibilidade de segurança e convívio com pessoas das mesmas camadas sociais que os moradores dos condomínios fechados buscam, resultam no acesso restrito aos lugares da cidade, a fragmentação, hierarquização e homogeneização do espaço.

Se ao usuário, o confinamento traz algumas garantias de segurança e relacionamento social com parceiros da mesma categoria, a cidadania é colocada em xeque, e parece adquirir um sentido que subverte as concepções dos melhores teóricos de cidade. Desde então, questões como o direito de ir e vir, de permanecer e de direito ao entorno ficam restritas a um microcosmo ou a ideais teóricos. Não se pode mais dispor da cidade. *Poder se puede, pero no te dejan.* (YÁZIGI, 1999, p. 52, grifo do autor).

Não é objetivo desta pesquisa o estudo do confinamento, mas tecer hipóteses acerca da tendência menos interativa dos moradores destes espaços com o bairro, sugeridas pelos resultados da pesquisa *in loco*, bem como a insegurança presente em muitos entrevistados quanto ao uso do espaço público e, mais especificamente, do parque. Seria necessária pesquisa específica, em nível profundo, para buscar as motivações que norteiam a escolha pelos condomínios na região, e a relação dos moradores com o entorno, em função da complexidade do tema – um processo assentado nos valores da sociedade contemporânea.

Se por um lado, parte dos moradores – novos e antigos - entrevistados revelou pouca interação como o parque, a outra parte mostrou-se disposta a tornar o parque uma extensão da casa, da rua, do bairro, dos lugares da vida, a apropriar-se do espaço e imprimir novos usos. O espaço do parque é disputado pelos diferentes grupos e mostra-se, por enquanto, democrático.

Na opinião geral dos moradores, a criação do parque trouxe benefícios para o entorno em nível de infra-estruturas e serviços. Depende da organização dos moradores na luta pela ampliação destes benefícios para todos. E depende de cada um o movimento de melhoria, para que a valorização da área e a seletividade sócio-econômica decorrente não expulsem os moradores antigos e o público solvente tome conta do espaço: para que não se torne um parque cercado por condomínios fechados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo demonstraram que, diferentemente da hipótese inicial, as ações voltadas ao turismo foram consideradas predominantemente benéficas pelos moradores. O enfoque turístico, evidenciado tanto pelas características do parque como pelas ações do poder público para o desenvolvimento da atividade turística, catalisou uma série de modificações no entorno que, no entender dos moradores antigos, demorariam mais tempo não fosse a atratividade turística do parque. Assim, conclui-se que a o nível de apropriação é determinante na avaliação da produção do espaço, visto que permite mensurar e qualificar os resultados das ações no nível da dominação. Os estudos que desconsideram ou minimizam a importância da apropriação oferecem uma visão parcial da produção do espaço, restrita aos aspectos negativos ou mesmo teóricos. Como questionar a validade de um projeto ou ação, sem ouvir os envolvidos (as pessoas que vivenciam as conseqüências das modificações no cotidiano)?

A pesquisa realizada com os usuários do Parque Tanguá permitiu alinhar tendências de uso do parque, como espaço público e democrático. Os mais diferentes públicos utilizam o parque, de modos também distintos, em ritmos e níveis de apropriação diversos. O fluxo turístico em períodos de férias é constante, abarcando turistas que utilizam a Linha Turismo, veículo próprio ou ônibus de turismo, que, em geral, circulam pelo parque rapidamente e se dirigem a outros parques na seqüência. Os visitantes – moradores da região metropolitana e de outros bairros de Curitiba – lotam o parque nos finais de semana, especialmente nos domingos à tarde, para descansar, conversar, aproveitar os bares do entorno. Os moradores, tanto novos quanto antigos, têm relações diferentes com o parque, pois para eles, o parque não é unanimidade: alguns aproveitam os horários não-turísticos para passear e caminhar, outros não vão ao parque e ainda há os que utilizam o parque como passagem.

A finalidade ambiental do parque, presente no objetivo principal de sua criação segundo o Poder Público e o Plano de Manejo, não se traduz em ações educativas ou interativas com os usuários do parque e seus diferentes níveis. Os turistas e visitantes que intencionam mais que o consumo apenas visual da paisagem não tem disponíveis informações e orientação. Há poucas referências sobre a história do

parque e as ações ambientais desenvolvidas, fato que nega a historicidade da área - enquanto oculta - e não informa ações que lhe agregariam mais valor.

Na implantação do parque, a ênfase ao turismo se revela nas formas arquitetônicas, na parada da Linha Turismo, na divulgação da imagem do Parque para o turismo e, se consolida na materialidade dos comércios com posicionamento para atender às demandas dos turistas e visitantes. A estrutura do parque ainda sugere a ênfase à visita em detrimento das necessidades dos moradores do bairro nos três estacionamentos da parte superior e nenhum espaço para lazer ativo, demanda dos moradores que não tem espaço de *playground*.

O Bairro Taboão, por onde é a entrada principal – e turística – do parque sofreu mudanças visíveis após a implantação do parque, com empreendimentos residenciais de padrão mais elevado que o existente tradicionalmente no bairro, especialmente o conjunto de prédios do Residencial Tanguá I e II, que utilizando dispositivo legal, foi construído com 4 pavimentos. As novas moradias atraíram novos moradores, que demandavam, assim como os moradores antigos, comércio e serviços de vizinhança. Com os empreendimentos, surgiu uma nova centralidade na entrada do parque, mas que não se relaciona, necessariamente, com o parque.

As ações políticas e econômicas que resultaram na criação do parque, a partir da associação do Poder Público com os donos das terras na área do parque, resultaram em benefícios também para os moradores, que tiveram seus imóveis valorizados. Pelos depoimentos dos moradores e visitas de campo, pode-se concluir que ainda não houve especulação massiva na área, realizada por agentes externos ao lugar. Isto porque a maioria dos lotes antigos comporta mais de uma casa, ocupadas pelos filhos, netos, familiares, passadas de geração para geração. As mudanças no zoneamento relativo à região também não evidenciaram ações de caráter especulativo, pelo contrário, a criação do Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá é mais restritiva. Por outro lado, a médio e longo prazos, a raridade dos terrenos à venda – os herdeiros dos terrenos, em geral, querem continuar morando ali – pode elevar os preços a ponto de expulsar os moradores antigos pela seletividade econômica e oportunidade de lucro.

No entanto, os moradores antigos revelam que, mesmo que paguem o valor dos seus terrenos, a princípio não querem sair dali. Gostam do lugar, é o lugar onde muitos nasceram e suas raízes estão ali, a dimensão da realização da vida na casa, na rua, no bairro, nas relações que ganham contornos na materialidade do espaço.

Os moradores antigos conhecem as pessoas do bairro, sabem quem são, sabem suas histórias e, mesmo com a chegada dos novos moradores, novos fluxos, novas atividades, constroem sua vida adaptados à nova realidade.

A maioria dos moradores antigos revela que não obtiveram benefícios diretos com a implantação do parque, mas se beneficiaram com as ações públicas decorrentes e seus desdobramentos. Para muitos o parque ainda é distante do seu cotidiano, da sua vida, não lhes oferece oportunidades de uso compatíveis com as suas necessidades. Outros subvertem os usos e recriam o espaço do parque à sua maneira, realizando atividades proibidas como passear com cachorro na parte de cima do parque. Mas os moradores ainda não se organizaram em associação de bairro ou representação perante o Poder Público para realizar a “gestão participativa do parque” que é descrita no Plano de Manejo do Parque Tanguá – e que não apresenta, por enquanto, contrapartida nos fatos - ou conseguir benfeitorias que saiam do percurso de acesso ao parque e se estendam além do roteiro turístico. A turistificação dos espaços urbanos em Curitiba está relacionada com políticas públicas abrangentes. Os parques de preservação natural se tornaram atrativos a partir de um conjunto de fatores que relacionam ação – criação de equipamentos de lazer e cultura nos parques –, discurso – que dá sentido às ações – e promoção – que consolida a imagem. Se as ações de planejamento do turismo atendem à prioridades políticas e econômicas – no sentido da dominação –, a análise de sua validade só é possível a partir da comprovação, ou não, do uso cotidiano que se constrói no plano do vivido – no sentido da apropriação.

Com isto, não se supõe fechar os olhos às incoerências do Estado, enquanto agente gestor do espaço urbano, mas também não enfatizar apenas estas incoerências e perder o foco do principal: as ações trazem benefícios aos que, no nível da realização da vida, são afetados por estas ações.

Apesar das inconsistências verificadas na produção do Parque Tanguá, os benefícios de sua implantação e repercussões no entorno, no nível da vida das pessoas, são inegáveis.

A análise do parque, como fragmento, suscita questões a serem aprofundadas para atualização da imagem de Curitiba como cidade planejada, iniciada nos anos 1970 e fortalecida nos anos 1990. Há a necessidade de pesquisas abrangentes sobre a apropriação do espaço em Curitiba, para que seja possível mensurar os benefícios do planejamento urbano para os moradores. Excluído este aspecto, as análises da

produção do espaço se apresentam parciais e incompletas, focalizando apenas o campo da dominação. Assim, os campos da apropriação e da dominação, opostos e complementares, ofereceriam uma visão de conjunto mais próxima da realidade.

A partir dos dados obtidos com o estudo da apropriação do espaço no Parque Tanguá, novas questões se interpõem: a criação de espaços espetacularizados, já não estaria incorporada à identidade da cidade (transcendendo a imagem), para os seus moradores? Após mais de três décadas do início do planejamento urbano em Curitiba, as intervenções urbanas não acrescentaram páginas novas à história da cidade? Isto sem ocultar o modo como foi realizado, entretanto, reconhecendo os resultados positivos. Estas parecem questões que necessitam de estudos, entre muitas outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. *In*: CARLOS, A. F. A. (org.). **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANDRADE, R. V. **O processo de produção dos parques e bosques públicos de Curitiba, PR**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

_____. Passeio Público de Curitiba: o processo de criação de uma área verde. **RA'E GA: O espaço geográfico em análise**. Curitiba, v.6, n.6, p. 153-162, 2002.

BARCELLOS, V. Q. P. Os novos papéis do parque público: o caso dos parques de Curitiba e do Projeto Orla de Brasília. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO, 5., 2001, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.unb.br/fau/pos_graduacao/paranoa/parques/parques.html>. Acesso em: 24 dez. 2008.

BENEVIDES, I. P.; SÁNCHEZ, F. Imagens Urbanas depuradas pelo turismo: Curitiba e Fortaleza. *In*: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo Modernidade Globalização**. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 66-82.

BETAT, S. T. **Estudo da percepção ambiental do turista e do morador de Curitiba, PR**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Turismo, Planejamento e Desenvolvimento Sustentável). Faculdade Internacional de Curitiba, Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão, Curitiba, 2006.

_____. Cultura e meio ambiente no consumo turístico das cidades. *In*: SIMPÓSIO PARANAENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 3., 2008, Ponta Grossa. **Anais do III SIMPGEO**. Ponta Grossa, 2008. CD-ROM.

BIGNAMI, R. **A Imagem do Brasil no Turismo: Construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

BIONDI, D.; MÓRMUL, M. L. P. Parques urbanos de Curitiba/PR: Qual a preferência de seus usuários? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO, 7., 2004, Belo Horizonte. **Anais do VII ENEPEA**. Belo Horizonte, 2004. CD-ROM.
CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Espaço-tempo na Metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELNOU, A. M. N. Parques urbanos de Curitiba: de espaços de lazer a objetos de consumo. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. v. 13, n. 14, Belo Horizonte, dez. 2006, p. 53-73.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

_____. Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: _____ (org.). **Turismo Urbano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DAMIANI, A. L. Turismo e lazer em espaços urbanos. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo. Modernidade, Globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 p. 46-54.

DOUBEK FILHO, R. Projeto do Parque Tanguá. (acervo técnico). Consulta em jan. 2009.

_____. Entrevista concedida em Curitiba, a esta autora, em jan. 2009.

ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. Edição Especial Curitiba 300 Anos. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Mundo, ano 2, n. 30, agosto de 1993.

EJÁRQUE, J. **Destinos Turísticos de Éxito:** diseño, creación, gestión y marketing. Madrid: Ediciones Pirâmide, 2005.

FENIANOS, E. E.; MENDONÇA, M. N.; URBAN, R. G. **Linha Turismo**. Curitiba: PMC, 1994.

FONSECA, M. A P.; COSTA, A. A. A Racionalidade da Urbanização Turística em Áreas Deprimidas: o espaço produzido para o visitante. **Mercator**, Revista de Geografia da UFC. Ano 3, n. 2. Fortaleza, 2004, p. 25-32.

FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. **Relatório do Plano de Manejo da Unidade de Conservação do Parque Tanguá**: aspectos metodológicos e resultados gerais sobre o Plano de Manejo, Curitiba, v.1, março de 2001.

FUSTER, L. F. **Geografía general del turismo de masas**. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1991.

GAZETA DO POVO. Licitação falha e prefeitura assume obra da Rua 24 Horas. **Vida e Cidadania**, Curitiba, 08 nov. 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=826022&tit=Licitacao-falha-e-prefeitura-assume-obra-da-Rua-24-Horas>>. Acesso em: 09 jan. 2009.

HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **A Condição Pós-moderna**. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa**. Versão 1.0, dez. 2001. CD-ROM.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO – CURITIBA TURISMO. **Linha Turismo**. Curitiba: [s. n.], maio de 2007.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO – CURITIBA TURISMO. **Linha Turismo. Site Viaje Curitiba**. Curitiba, 2008. Disponível em: < <http://www.viaje.curitiba.pr.gov.br/>> Acesso em: 22 dez. 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Curitiba em Dados**. Curitiba: IPPUC, 1996.

KNAFOU, R. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Geografia** – Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LICCARDO, A.; PIEKARZ, G.; SALAMUNI, E. **Geoturismo em Curitiba**. Curitiba, Mineropar, 2008.

LUCIARI, M. T. D. P. A Reinvenção do Patrimônio Arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 17, 2005, p.95-105.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1996.

MENEZES, C. L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: A experiência de Curitiba**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

MOLETTA, V. B. F. **Turismo de negócios**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2003.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento, planejamento e organização**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, D. Elites Econômicas e Produção do Espaço Urbano. In: Semana do Geógrafo, 11., 1998, Curitiba. **Revista Paranaense de Geografia**. Curitiba, 1998, p. 5-17.

_____. Curitiba e o mito da cidade modelo. Curitiba: UFPR, 2000.

OLIVEIRA, M. A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000). **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, n.16, junho de 2001, p. 97-106.

PEREIRA, M. **Marketing de cidades turísticas**. São Paulo: Chronos, 2001.

PILOTTO, R. Entrevista concedida em Curitiba, a esta autora, em jan. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Ônibus de 2 andares oferecem vista panorâmica. **Site da Prefeitura Municipal de Curitiba**, Curitiba, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Noticia.aspx?n=14703>>. Acesso em: 16 nov. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Turismo: movimento cresce 60% com ônibus de 2 andares. **Site da Prefeitura Municipal de Curitiba**, Curitiba, dez. 2008.

Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Noticia.aspx?n=15142>>. Acesso em: 05 jan. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Tarifa de ônibus passa para R\$ 2,20 na segunda-feira. **Site da Prefeitura Municipal de Curitiba**, Curitiba, 09 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Noticia.aspx?n=15222>>. Acesso em: 09 jan. 2009.

PORCOTE, A. M. Linha Turismo. (acervo pessoal). Consulta em dez. 2008.

RIBEIRO, R. M. **Planejamento Urbano, espaços públicos de lazer e turismo no Bairro Uberaba em Curitiba – PR**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANCHEZ, F. Buscando um lugar ao sol para as cidades: o papel das atuais políticas de promoção urbana. **Revista Paranaense de Geografia**. Curitiba, n.4, 1999. Disponível em: <www.agbcuritiba.hpg.ig.com.br/Revistas/Rpg3/4fernanda.htm>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. **Cidade espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

_____. **Curitiba Imagem e Mito**: Reflexão acerca da construção social de uma imagem hegemônica. 1993. Dissertação de Mestrado, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

_____. Estratégias Comunicacionais para o Desenvolvimento do Turismo Urbano. In: LIMA, L. C. (org.). **Da Cidade ao Campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998, p. 30-41.

_____. O City Marketing de Curitiba: Cultura e comunicação na construção da imagem urbana. In: OLIVEIRA, L.; DEL RIO, V. et. al. **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 83-96.

SÁNCHEZ, J. E. La dinámica territorializadora de una actividad productiva. In: **Espacio, Economía y Sociedad**. Madrid: Siglo XXI de España, 1991.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (Paraná). **Estudo de demanda turística**: Curitiba 2007. Curitiba, ano XVI, julho de 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE (Curitiba); FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. **Plano de Manejo do Parque Municipal Tanguá**. Curitiba, [2002]. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Secretaria.aspx?id=408&servico=26>> Acesso em: nov. 2008.

SILVA, M. G. L. **Cidades Turísticas**: Identidades e Cenários de Lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

SILVEIRA, M. A. T. Turismo e Espaço Urbano. Uma abordagem de Curitiba. In: LIMA, L. C. (org.). **Da Cidade ao Campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998.

_____. Turismo e Estratégias de Desenvolvimento Local. **Interações**: Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, n. 11, 2005.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção do Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOBARZO, O. A Produção do Espaço Público: da dominação à apropriação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 19, 2006.

YÁZIGI, E. **Turismo**: uma esperança condicional. 2. ed. São Paulo: Global, 1999.

_____ (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (orgs). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 2002.

ZENTI, Luciana. O dilema de Curitiba. **Revista Viagem e Turismo**. São Paulo: Abril, ano 11, n. 4, abr. 2005.

ANEXO A



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA 119

PUBLICADO NO DOM N° 40
DE 03 / 06 / 97

DECRETO N° 602

Dispõe sobre a homologação da criação dos Parques Tingüi e Tanguá e do Bosque da Fazendinha.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ, usando das atribuições conferidas nos Arts. 72, inciso IV e 190, inciso V, da Lei Orgânica do Município de Curitiba, nos termos do Art. 4º, inciso VI, da Lei nº 7.833/91 e tendo em vista o contido no Ofício nº 338/97-SMMA, decreta:

Art. 1º Fica homologada a criação dos Parques Municipais: Tingüi e Tanguá e do Bosque da Fazendinha.

§ 1º O Parque Tingüi está localizado nas Ruas José Valle e Fredolin Wolf, com área de 38,00 ha.

§ 2º O Parque Tanguá está localizado às margens do Rio Barigüi, no Bairro Pilarzinho, com área de 45,00 ha.

§ 3º O Bosque da Fazendinha está localizado entre as Ruas Carlos Klemtz, Alfredo José Pinto e Adalberto N. de Andrade, no Bairro Fazendinha com área de 7,28 ha.

Art. 2º Os parques e o bosque citados acima compreendem os próprios municipais hoje utilizados para fins de preservação e educação ambiental, recreação, cultura, esporte e lazer, bem como as propriedades particulares situadas dentro dos limites de cada área municipal.

Parágrafo único. Os terrenos situados nos parques e no bosque, enquanto não forem incorporados ao domínio público, deverão atender aos parâmetros de uso e ocupação previstos para o setor.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA 120

Art. 3º Serão administrados pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, possuindo Plano de Manejo e Zoneamento próprios e, em conjunto com o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, determinará os limites das áreas de interesse público que os constituirão.

Art. 4º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO 29 DE MARÇO, em 28 de maio de 1997.


CASSIO TANIGUCHI
PREFEITO MUNICIPAL


SERGIO GALANTE TOCCHIO
SECRETÁRIO MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE

ANEXO B**DECRETO Nº. 565**

“Regulamenta parcialmente o Art. 7º, da Lei nº 9.804/00 e institui o Plano de Manejo da Área do Parque Municipal Tanguá”.

O Prefeito Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e conforme o disposto nas Leis nºs 7.833/91 e 9.804/00;

considerando a proteção e conservação dos recursos naturais existentes, a formação e manutenção de bens de uso comum, aliados à promoção de atividades científicas, educacionais, lazer contemplativo, recreativas e culturais;

considerando a necessidade de regulamentar o uso das diversas atividades, de modo a assegurar a preservação e a melhoria da qualidade ambiental do Parque Municipal Tanguá;

considerando a necessidade de se disciplinar o uso das zonas da Unidade de Conservação, às características físicas locais e

considerando que deverá ser garantido o uso público adequado ao Parque, decreta:

Art. 1º. Fica instituído o Plano de Manejo da Área do Parque Municipal Tanguá, compreendendo a área situada às margens do rio Barigüi, no bairro Pilarzinho, criada através do Decreto nº 602/97.

Art. 2º. O desrespeito às normas definidas pelo Plano de Manejo em questão, implicará aos infratores o enquadramento na legislação ambiental vigente.

Art. 3º. Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ANEXO C**DECRETO Nº. 673**

“Cria o Setor Especial do Parque Natural Municipal Tanguá e dá outras providências”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS CONTIDAS NO INCISO IV, DO ART. 72, DA LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE CURITIBA E TENDO EM VISTA O ESTABELECIDO NO ART. 25, §1º, DA LEI FEDERAL NO 9.985/00, NO ART. 15, DA LEI MUNICIPAL NO 9.800/00, NO ART. 2º, DA LEI MUNICIPAL NO 9.804/00;

CONSIDERANDO: A NECESSIDADE DE REGULAMENTAR A OCUPAÇÃO DOS IMÓVEIS EXISTENTES NO ENTORNO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, DE MODO A ASSEGURAR A CONSERVAÇÃO, MELHORIA E RECUPERAÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL E COM PROPÓSITO DE MINIMIZAR OS IMPACTOS NEGATIVOS SOBRE A UNIDADE DE CONSERVAÇÃO E

CONSIDERANDO A NECESSIDADE DE PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS EXISTENTES, A FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DE BENS DE USO COMUM DO POVO,
DECRETA:

ART. 1º. FICA CRIADO O SETOR ESPECIAL DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, CONFORME DETERMINADO EM MAPA EM ANEXO A ESTE DECRETO .

ART. 2º. O SETOR ESPECIAL DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ COMPREENDE AS SEGUINTEs ÁREAS:

I - PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ – COMPREENDE AS ÁREAS DE PROPRIEDADE DO MUNICÍPIO, CONFORME MAPA ANEXO, DESTINADAS À PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS EXISTENTES, À MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA E PROTEÇÃO DO INTERESSE COMUM DE TODOS OS HABITANTES;

II - SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ - COMPREENDE OS IMÓVEIS EXISTENTES NO ENTORNO DO PARQUE, CONFORME DELIMITADO EM MAPA ANEXO, SOBRE OS QUAIS, O MUNICÍPIO POSSUI INTERESSE PARA INCORPORAÇÃO A UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, DE FORMA A MINIMIZAR OS IMPACTOS SOBRE A MESMA;

III - SETOR DE TRANSIÇÃO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ - COMPREENDE OS IMÓVEIS ADJACENTES AO SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, ONDE COM VISTAS À PROTEÇÃO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, NÃO SERÃO PERMITIDOS INCENTIVOS CONSTRUTIVOS COM ACRÉSCIMO DE PAVIMENTOS OU COEFICIENTE, FICANDO A OCUPAÇÃO RESTRITA AOS PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO ESTABELECIDOS NA LEI 9800/00, PARA ZR2.

§1º Os IMÓVEIS PERTENCENTES AO SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO E DO SETOR DE TRANSIÇÃO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, QUE PELAS SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS OU BIOLÓGICAS VENHAM A AMPLIAR OS BENEFÍCIOS JÁ PROPORCIONADOS PELA

UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, PODERÃO SER INCORPORADOS AO DOMÍNIO PÚBLICO, ATRAVÉS DE COMPRA, DESAPROPRIAÇÃO, PERMUTA POR OUTRO IMÓVEL OU TRANSFERÊNCIA DE POTENCIAL CONSTRUTIVO.

§2º NOS IMÓVEIS INTEGRANTES DO SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, ENQUANTO NÃO FOREM INCORPORADOS AO DOMÍNIO PÚBLICO, SERÁ TOLERADA A OCUPAÇÃO COM UMA RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR POR LOTE, ATENDIDOS OS PARÂMETROS DE OCUPAÇÃO ESTABELECIDOS NA LEI NO 9.800/00 PARA ZR2, INDEPENDENTE DA DIMENSÃO DO LOTE.

§3º NO SETOR ESPECIAL DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ, NÃO SERÁ ADMITIDA A IMPLANTAÇÃO DE NOVAS VIAS SETORIAIS, COLETORAS 1 E COLETORAS 2.

§4º NAS VIAS COLETORAS 1 EXISTENTES, SERÁ ADMITIDO O USO E OCUPAÇÃO NOS TERMOS ESTABELECIDOS NO DECRETO Nº. 188/00, A EXCEÇÃO DA CONCESSÃO DOS INCENTIVOS CONSTRUTIVOS E ACRÉSCIMO DE POTENCIAL CONSTRUTIVO E PAVIMENTOS.

ART. 3º. DEVERÃO SER TOMADAS MEDIDAS DE CONTROLE EFETIVO DOS EFLUENTES SANITÁRIOS, COM A LIGAÇÃO DOS IMÓVEIS À REDE DE COLETA DE ESGOTOS SANITÁRIOS OU COM A IMPLANTAÇÃO DE SISTEMA PRÓPRIO DE TRATAMENTO DOS EFLUENTES SANITÁRIOS, NOS IMÓVEIS CONTIDOS NO SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO.

ART. 4º. NOS CASOS DE LICENCIAMENTO AMBIENTAL DE EMPREENDIMENTOS DE SIGNIFICATIVO IMPACTO, NOS SETORES ESTABELECIDOS POR ESTE DECRETO, ASSIM CONSIDERADOS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE - SMMA, COM FUNDAMENTO EM ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL, E SEU RESPECTIVO RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA/RIMA OU RELATÓRIO AMBIENTAL PRÉVIO - RAP; O EMPREENDEDOR DEVERÁ CONTEMPLAR MEDIDAS DE APOIO A UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, COMO MEDIDAS MITIGADORAS OU COMPENSATÓRIAS, NOS SEUS ESTUDOS, QUE SERÃO PREVIAMENTE DISCUTIDAS COM A SMMA.

ART. 5º. O PRESENTE DECRETO ENTRARÁ EM VIGOR A PARTIR DA DATA DE SUA PUBLICAÇÃO, REVOGADAS AS DEMAIS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.

SETOR ESPECIAL DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ

ESCALA: 1:10.000

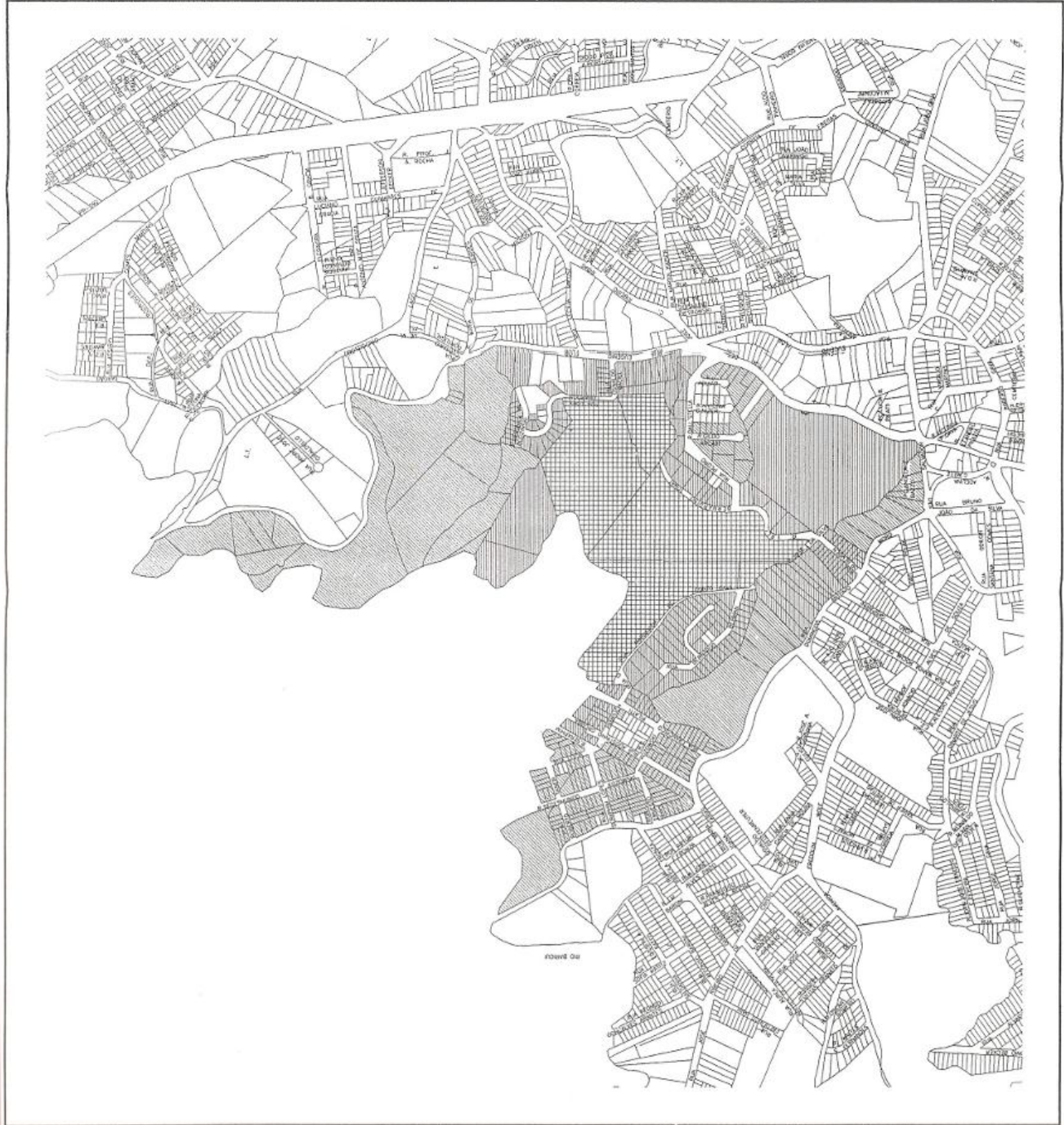
CONVENÇÕES

- 
 PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ
- 
 SETOR DA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ
- 
 SETOR DE TRANSIÇÃO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL TANGUÁ



MAPA ANEXO AO DECRETO N° _____

CASSIO TANGUCHI
ARQUITETO



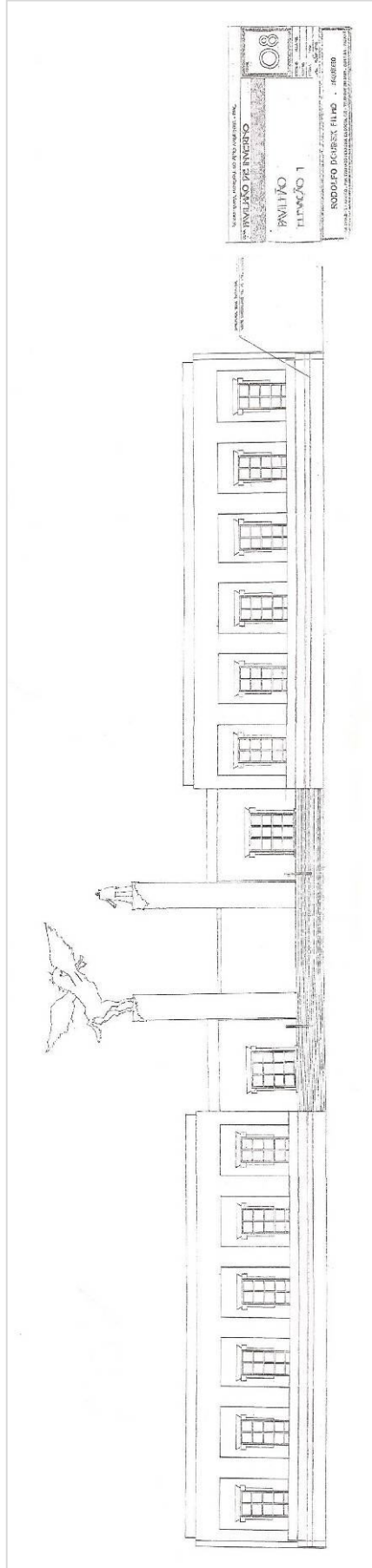
ANEXO D

**IMPLANTAÇÃO DO PARQUE TANGUÁ COM PALÁCIO DE INVERNO**

Fonte:

**ESCULTURA DE RICARDO TOD**

Autor: BETAT, 2009.



ELEVAÇÃO FRONTAL – PALÁCIO DE INVERNO DO PARQUE TANGUÁ
Fonte: arquivo do arquiteto Rodolfo Doubek Filho, 2009.